M. PINHEIRO CHAGAS

STÓRIA ALEGRE DE PORTUGAL

História Alegre de Portugal

HISTÓRIA ALEGRE

DE

PORTUGAL

POR

M. PINHEIRO CHAGAS

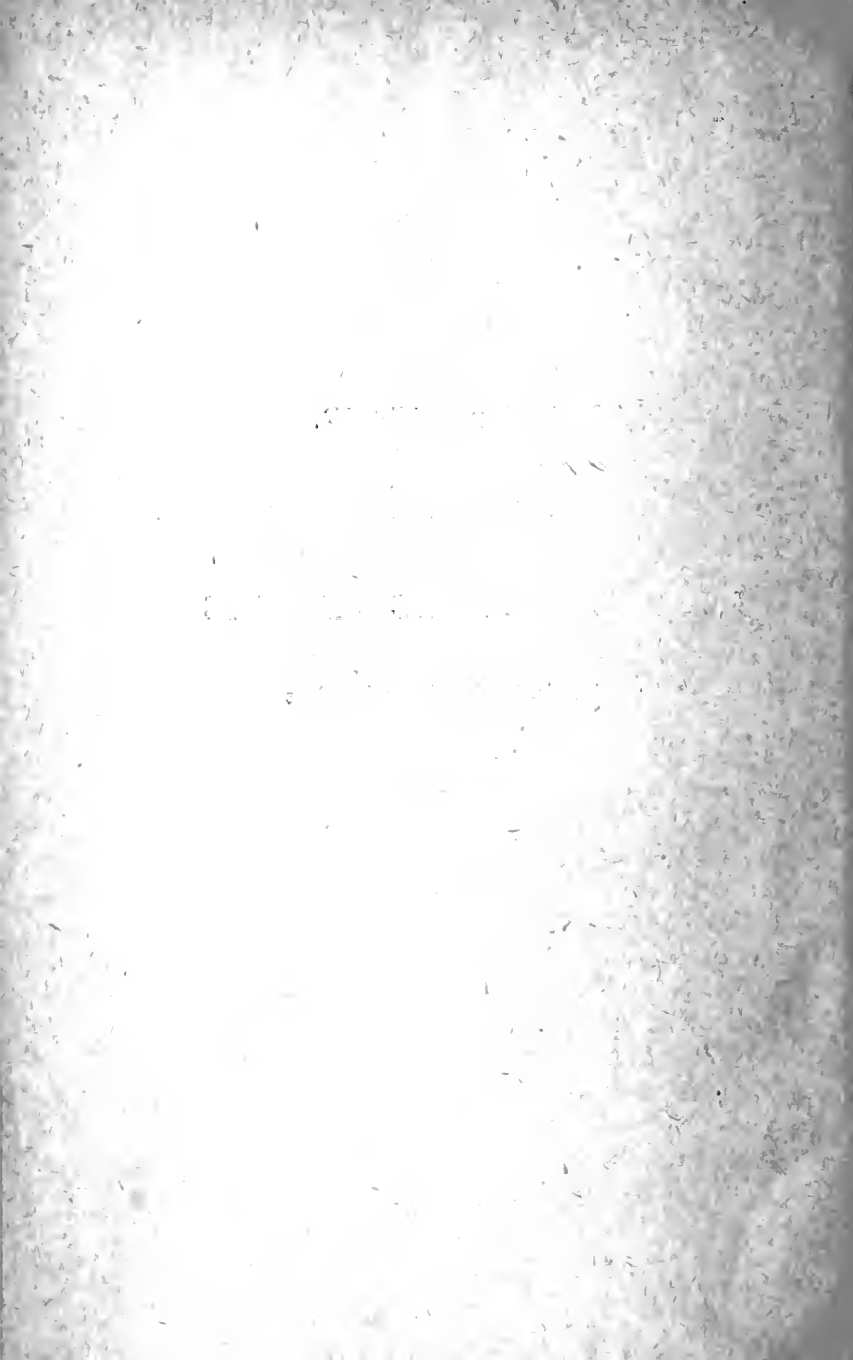
QUINTA EDIÇÃO

EMPRÊSA LITERÁRIA UNIVERSAL
15, RUA DA ERA, 17
LISBOA

AO IL.^{MO} E EX.^{MO} SR.

CONSELHEIRO

MIGUEL MARTINS DANTAS

Ministro de Portugal em Londres

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Am.^{o} e Sr.

Há dois ou três anos, desejando eu obter de Inglaterra um livro que foi citado no parlamento por um deputado da oposição ao ministério Beaconsfield, dirigi-me a V. Ex.ª, meu colega na Academia, preguntando-lhe se seria possível alcançá-lo. A resposta de V. Ex.ª não se fêz esperar. Enviou-me o livro pedido, que obtivera com suma dificuldade, e juntamente com êle quantos documentos oficiais se referiam à questão da escravatura, questão de que êsse livro se ocupava, e que então me cativava mais particularmente a atenção. Foi mais longe ainda a amabilidade de V. Ex.ª; enviou-me um livrinho francês de que eu não tinha conhecimento, intitulado Entretiens populaires sur l'histoire de France, *preguntando-me se não seria possível fazer, com relação à história portuguesa, um livro neste género.*

Li o livro e achei-o encantador. Tempos depois encontrei-me com V. Ex.ª em Lisboa, e disse-lhe que ia tentar o empreendimento a que V. Ex.ª me incitara, e pedi-lhe licença para lhe dedicar o livro, que fôsse o fruto dessa tentativa. É o que faço agora. Como V. Ex.ª verá, o plano da História Alegre de Portugal *é diversíssimo do dos* Entre-

tiens populaires sur l'histoire de France, *mas a* História Alegre *vai escrita também no tom faceto, folgazão, singelo e popular que achei original, picante e útil no livro francês que V. Ex.ª me recomendava.*

Folgo de ter ensejo de mostrar pùblicamente a minha gratidão a V. Ex.ª pelas provas de estima e de consideração que me dispensou nesta e noutras ocasiões, e o alto aprêço em que tenho o talento e o saber do escritor distintíssimo, que renovou completamente, com os seus Faux Don Sébastien, *o estudo de uma época interessante da história portuguesa, que nos deu enfim nesse primoroso livro um estudo profundamente moderno, um estudo, como Gachard os sabe fazer, de um dos episódios mais curiosos e mais romanescos da nossa vida nacional.*

Cruz Quebrada,
25 de Outubro de 1880

De V. Ex.ª
Att.º Ven.ºr e Obg.º

PINHEIRO CHAGAS

INTRODUÇÃO

O Sr. João Martins, mais conhecido pelo nome de João da Agualva, porque morava na pequena aldeia dêste nome, que fica entre Belas e o Cacém num sítio árido e feio, fôra mestre de instrução primária numa das freguesias do concelho de Sintra. Conseguira a sua aposentação, e viera para a sua aldeia natal amanhar umas terras que ali possuía, e cujo rendimento o impedira já de morrer de fome nos tempos em que o Estado lhe pagava munificentemente os noventa mil réis anuais, com que remunerava nessa época os primeiros guias do homem nos ásperos caminhos da instrução. Mas o João da Agualva era homem de uma ilustração excepcional. Convivera muito tempo com o prior de Monte-lavar, padre instruído que emprestara ao bom do professor os livros da sua limitada biblioteca; em Belas também se relacionara com um engenheiro francês, empregado nas obras de água de Vale de Lôbos, de Broco e de Vale de Figueira, o qual tomara gôsto em desenvolver o espírito inteligente e ávido

de saber do velho professor. A-pesar-disso vivia modestamente na sua pobre casa, lidando com os saloios que o tratavam com verdadeiro respeito, e tinham por êle um afecto em que entrava um pouco de veneração.

Era no inverno, e o João da Agualva estava passando a noite em casa de uma boa velha, a tia Margarida, viúva de um caseiro do marquês de Belas, e mãi do Francisco Artilheiro, que, depois de ter servido cinco anos em artilharia, como indicava o seu sobre-nome, viera para Belas ajudar a mãi a cuidar de umas leiras de terra, que a velhinha herdara do marido. Um grupo de saloios de Belas e das aldeias próximas, sabendo que o João da Agualva viera para ali seroar, tinham vindo também, desejosos de ouvir algumas das histórias que o velho às vezes contava e que entretinham agradàvelmente a noite. Nessa ocasião, porém, o professor estava macambúsio, e, quando o velho Bartolomeu, irmão da tia Margarida, que era dos que mais gostavam de o ouvir, lhe pediu que contasse alguma das suas histórias, o bom do João da Agualva abanou negativamente a cabeça.

— Não estou hoje com disposição para histórias da carochinha, disse êle, e sabem vocês? Tenho andado a matutar numa coisa. ¿Não é uma vergonha que vocês saibam de cor e salteadas histórias de coisas que nunca sucederam, nem podiam suceder, e não saibam ao mesmo tempo nem o que foram seus pais nem os seus avós, nem o que fizeram, nem como êles viveram, nem o que sucedeu

nesta boa terra de Portugal, que nós todos regamos com o nosso suor, que hoje nada vale, mas que deu brado no mundo pelas façanhas que os nossos praticaram?

— Tomara eu saber tudo isso, Sr. João da Agualva,— disse o Manuel da Idanha, rapazote de cara esperta, moço de lavoura do Sr. Carignan, o antigo dono de colégio, que hoje reside na aldeia da Idanha, a coisa de quinhentos metros de Belas, — tomara eu saber tudo isso, mas como há-de ser!? É verdade que, graças a Deus, sei ler e escrever, e lá o patrão emprestou-me uma vez uns livros de história que eu lhe pedi, mas, mal os comecei a ler, deu-me o sono. Diziam à gente os nomes dos reis e os filhos que tinham tido, e as batalhas que tinham ganho, e mais umas lenga-lengas de que não percebi patavina. Ora, Sr. João da Agualva, eu, para dormir, graças a Deus, ainda não preciso de ler história.

— Mas que diriam vocês, tornou o velho professor, se eu, nestes nossos serões, lhes contasse, em vez de contos de fadas, e de histórias de Carlos Magno, a história do que sucedeu em Portugal? Talvez vocês me entendessem, quere-me parecer que se não aborreceriam muito, e, em todo o caso, se se enfastiassem, diziam-mo francamente, e eu não continuava, porque lá para maçador é que não sirvo.

— Ah! Sr. João, exclamou o Manuel da Idanha, isso é que era um regalo!

Os outros não disseram palavra, e o João, que

os percebeu, riu-se para dentro, e fingiu-se desentendido.

— Pois então, vá feito; eu hoje estou cansado, porque já fui a pé ao Sabugo tratar da compra de um boi; mas amanhã é domingo. Venham vocês à noite aqui para casa da tia Margarida; eu começarei a minha história.

No domingo à noite ninguém faltou; mas, se vieram, foi pelo respeito que tinham ao João da Agualva, não porque esperassem divertir-se muito. O Bartolomeu já abria a bôca ainda antes do João da Agualva principiar. Mas o João chegou-se mais para o lume, porque a noite estava fria a valer, sorriu-se, e principiou como o leitor verá no capítulo imediato.

PRIMEIRO SERÃO

O que era Portugal. — Os seus primeiros habitantes. — As colónias estrangeiras. — Os fenicios. — Os gregos. — Os cartagineses. — Os romanos. — Viriato. — Sertório.

— Meus amigos, começou o João da Agualva, é de saber que esta terra em que nós vivemos nem sempre foi Portugal, e, se alguém se lembrasse de falar, aqui há coisa de uns três ou quatro mil anos ou mesmo só de mil anos, em Portugal e em portugueses, havia de ver como todos ficavam embasbacados sem perceber patavina. Isto lá para os antigos era tudo Espanha, desde os cocurutos dos Pirinéus, que são uns montes que separam a Espanha da França, até essas águas do mar que cercam por todos os lados a nossa terra, mais as dos espanhóis, e até por estar êste pedação de terra cercado de água por tôda a parte, menos pela banda dos Pirinéus, é que se chama a isto *península,* que quere dizer uma coisa que é quási uma ilha, mas que o não vem a ser de todo.

— Bem sei, bem sei! península, é onde houve

uma guerra em que entrou meu avô! — exclamou o falador do Manuel Idanha.

— Mete a viola no saco, Manuel; quem muito fala, pouco acerta. Lá chegaremos à guerra da península. Roma e Pavia não se fizeram num dia.

— Pois então, vá lá vossemecê contando a sua história.

— Como eu ia dizendo, esta península, a que se chama Espanha e Portugal, era então só Espanha. Espanhóis éramos nós todos . . .

—Menos eu!—acudiu o Bartolomeu, levantando-se todo furioso, — espanhol é que nunca fui, nem sou, nem serei. Vai aqui tudo raso, se . . .

— Espera, homem de Deus! Que tem que tudo isto fôsse espanhol, se nunca mais o há-de ser? Também a Espanha, e a França, e a Inglaterra, e a Itália, e a Grécia, e o Egipto foi tudo império romano, e vai lá dizer agora a essas nações tôdas que se sujeitem ao mesmo govêrno! Também a França dantes se chamava Gália e estendia-se pela Bélgica fora, e mais pela Suíça, e, se o Gambeta, ou quem é que governa lá na França, quisesse por isso empolgar a Suíça e a Bélgica, ia aí em tôda a Europa uma berraria de seiscentos demónios.

— Pois sim, resmungou o Bartolomeu sentando-se de mau humor, mas não me digam a mim que eu fui espanhol.

— Ora, meus amigos, quem foram os que primeiro moraram cá neste canto de terra é que ninguém sabe. Seriam uns iberos, que falavam uma língua arrevezada, assim a modo semelhante à que

falam hoje os espanhóis das Vascongadas que nem o demo entende? Isso é que lhes não posso dizer. O que sei é que, quando a Espanha começou a ser conhecida, havia aqui uma súcia de povos que era uma coisa por demais: turdetanos para um lado, celtiberos para outro, ilergetas para aqui, bastetanos para acolá. Estava até amanhã a dizer-lhes nomes estrambólicos, se não preferisse falar-lhes só nos nossos avós, cá nos que moravam na nossa terra.

— Isso é que é! bradaram todos em côro.

— Pois muito bem! Saibam vocês que não era um povo só. No Algarve e num pedaço do Alentejo, havia os *cuneenses;* no resto do Alentejo, na Estremadura e na Beira moravam os lusitanos; e lá para cima, para o Douro, para o Minho e mais para Trás-os-Montes moravam os galegos.

— Os galegos! exclamou o irritável Bartolomeu, veja lá como fala, Sr. João da Agualva, olhe que o pai de minha mulher veio de Trás-os-Montes, e meu sogro não era nenhum galego, ouviu?

— Valha-te Deus, Bartolomeu, então tu cuidas que os galegos andam todos com o barril às costas, e são todos uns grosseirões como os aguadeiros dos chafarizes de Lisboa? Pois digo-te, e depois to mostrarei, que de todos os povos lá das Espanhas foram os galegos os que mais de-pressa se poliram. Mas, cala-te bôca, não vá o carro adiante dos bois, e, como tu não queres ser genro de um galego, sempre te direi que os que moravam para cá do Minho não eram da mesma casta que os de lá. Os nossos

chamavam-se *Bracharos* e os galegos da Galiza chamavam-se *Lucenses.*

— Ainda bem! murmurou o Bartolomeu, isso de *Bracharos* até parece que dá idea de *Braga.*

— E é verdade que dá, Sr. Bartolomeu, lavre lá dois tentos.

Todos se riram, e o João da Agualva continuou:

— Mas não imaginem que os nossos antepassados eram assim como nós, que viviam em cidades, vilas e aldeias, que andavam vestidos dos pés até à cabeça, que tinham espingardas para a caça e para a guerra. Qual carapuça! Eram uns selvagens, uns lapuzes. As armas eram lanças de cobre, e o amante pedregulho, mais uns dardos e uma espécie de escudo para se defenderem; fato pouco havia, cabelo comprido como o das mulheres, que atavam com uma fita, quando tinham de ir para a guerra. As mulheres é que tinham os seus enfeites e os seus bordados, os seus vestidos compridos, etc.

— Pois já se vê que lá as meninas nunca podem passar sem arrebiques! disse o Zé Caneira, relanceando um olhar malicioso para a boa tia Margarida, que fiava na sua roca ao pé da lareira.

— Melhor para elas, ouviu! redarguiu a velha. Que pena que não vivesses nesse tempo para atares os cabelos com uma fita, quando fôsses para a guerra!

Como o Zé Caneira era calvo, uma gargalhada geral acolheu a observação da tia Margarida.

— Em comidas não eram muito requintados; de carne de cabra é que êles principalmente se alimen-

tavam, e o seu pão era cousa de pouca substância. Bebiam água, dormiam no chão, tinham barcos de couro, matavam gente em sacrifício aos seus deuses, quando tinham algum doente punham-no à beira da estrada, quem fazia algum roubo ou outro crime grave era apedrejado. Não passavam de ser uns selvagens. Então que querem? nem os homens nem os povos nascem ensinados. Todos começam assim. Valentes eram êles, isso sim, valentes como touros. Tiveram ocasião de o mostrar, porque esta nossa terra foi na antiguidade uma espécie de Califórnia.

Por muito tempo ninguém soube dela, e os navios da gente civilizada que vivia lá para o Oriente nunca passavam para cá do estreito de Gibraltar, até que um dia passaram os fenícios, gente atrevida, que queriam meter o nariz em tôda a parte, e que, sobretudo, procuravam terras novas para comerciar. Acharam que lhes convinham a Andaluzia, e o Algarve, e aqui fundaram algumas colónias, sendo Cadiz a principal. Como tínhamos por cá muitas minas de ouro, e os homens deram sempre o cavaquinho por êste metal, estavam os fenícios na suas sete quintas. Ao mesmo tempo outro povo civilizado do Oriente, os gregos, vieram na peügada dos fenícios, mas êsses estabeleceram-se principalmente na Espanha do lado de lá, onde hoje é a Catalunha, e o Aragão, e Valência, etc.

Os indígenas de cá não se deram mal com os fenícios, enquanto êles se limitaram a trocar as suas fazendas pelo nosso ouro e outras produções, mas,

quando viram que os tais estrangeiros começavam a fazer casa, acabaram com o negócio, foram aos gaditanos e deram-lhes uma tareia real.

—Foi bem feito! observou Bartolomeu.

—Mas os fenícios, que estavam muito longe da sua terra, chamaram em seu socorro os cartagineses, que eram também uns fenícios, quere dizer, tinham assim com os fenícios o mesmo parentesco que os brasileiros têm connosco. Ora os cartagineses viviam aqui mais próximo, ali na África, ao pé de Túnis, não muito longe de Argel.

—Argel! exclamou o Francisco Artilheiro, já lá estive.

—Já lá estiveste?

—Já, sim senhor. Quando eu andava ao serviço, e que fui para a Índia, o vapor que me levou arribou a Argel. É uma bonita terra.

—Já vês que não fica muito longe. Cartago era mais para o lado de lá. Vieram pois os cartagineses em socorro dos fenícios, mas gostaram da terra, puseram fora os que vinham socorrer, e à fôrça de bordoada, porque bons guerreiros eram êles, sujeitaram ao seu poder tudo.

—Mas então, tornou o Francisco Artilheiro, vossemecê diz que os nossos eram tão valentes?...

—Ora, que outro me fizesse essa pregunta, vá, mas tu que foste militar! Quem vence é quem tem disciplina. Por mais valentes que os homens sejam, em combatendo sem ordem, um por aqui outro por ali, um regimento bem formado dá logo cabo dêles.

— Isso é verdade.

— Estavam os cartagineses senhores da Espanha, e, como tinham pôsto fora os fenícios, queriam também pôr fora os gregos, quando êstes se lembraram de pedir o socorro dos romanos, que andavam há muito tempo de rixa velha com os cartagineses, e que eram dos povos mais pimpões daquele tempo.

— Vieram então os romanos? preguntou o Francisco Artilheiro, que estava seguindo com interêsse a narrativa.

— Não tiveram tempo de vir, porque um tal Aníbal, rapazote dos seus vinte e cinco anos, e que dizem até que era filho de uma lusitana, sucedendo no comando dos cartagineses a seu pai Amílcar, não esperou que êles viessem; correu a Sagunto, uma das tais colónias gregas, tomou-a e queimou-a, e depois sai da Espanha, atravessa os montes Pirinéus e mais os montes Alpes, que parecia que tinha mesmo o diabo no corpo, bate os romanos aqui, derrota-os acolá, escangalha-os mais além, e às duas por três, se continua assim de vento em pôpa, era uma vez Roma. Porém os romanos, que eram também levadinhos da breca, nunca desanimaram, e, a-pesar-de estarem de corda na garganta, tiveram artes de mandar para cá um exército, de forma que, enquanto Aníbal saía por uma porta, entravam os romanos por outra. O atrevimento ia-lhes saindo caro, isso é verdade, mas a fortuna virou, e o que é certo é que daí a pouco tempo não havia nem um cartaginês na península, e estavam os romanos senhores de tudo isto.

— Então os povos de cá estavam a olhar ao sinal? preguntou Bartolomeu.

— Ora aí é que bate ponto. Efectivamente, os povos cá das Espanhas acharam assim exquisito que os cartagineses e os romanos andassem a dispor dêles, sem ao menos lhes preguntarem a sua opinião, de forma que, quando os romanos, julgando-se senhores da Espanha, começaram a espreguiçar-se, os diferentes povos da península disseram-lhes desta maneira: «Ora esperem lá, senhores romanos, que nós somos duros para colchões»!

— Ah! boa rapaziada! — observou, esfregando as mãos, o Francisco Artilheiro.

— Começou a pancadaria, e o povo que andou sempre na frente fòram cá os nossos lusitanos, principalmente os serranos do Hermínio, (que era assim que se chamava dantes à serra da Estrêla). Não eram os romanos capazes de meter dente cá para êste lado, até que uma vez um dos seus generais, chamado Sérgio Galba, apanhou os lusitanos à traição, e fêz nêles uma mortandade de que poucos escaparam.

— Ah! grande patife! — exclamou o Manuel da Idanha.

— Isso era, mas além de patife era tolo, porque isto de excitar muito dá maus resultados. Os lusitanos, que escaparam, ficaram como uma bicha. Ora um dêles era um pastor chamado Viriato, homem decidido e esperto, que disse para os seus patrícios; «Façam vocês o que eu mandar, e deixem os romanos comigo». Assim foi; juntaram-se à roda

de Viriato, e, quando apareceu um exército romano comandado pelo cônsul Vetílio, o nosso homem, que era das bandas de Viseu, esconde numa emboscada uma parte da sua gente, e com o resto põe-se a fazer fosquinhas aos romanos, parecendo a modo medroso. O cônsul percebe que êle está com seu susto, e diz lá de si para si: «Vais apanhar uma surra mestra». Corre sôbre êle, Viriato faz três meia volta, e, pernas para que te quero, êle aí vai. O cônsul Vetílio desata a correr atrás de Viriato, e vai-se mesmo meter na bôca do lobo. Era uma vez um exército romano. Depois de Vetílio vem outro e outro, e êle sempre zás, pàzada de criar bicho. Em Roma havia terror, diziam que o lusitano lhes dava mais que fazer que o próprio Aníbal. Em Espanha isso era um entusiasmo por aí além. Se Viriato, já nem se contentava em estar nas montanhas, entrava pelos povoados romanos, levantava contribuïções, revolucionava os povos, era um vivo demónio; e cada novo exército, que por cá aparecia, não lhes digo nada, sumia-se num abrir e fechar de olhos, até que enfim o cônsul Scipião apanha lá dois patifes que Viriato mandara para tratar de um negócio, e tantas endróminas lhes meteu na cabeça, e tantas promessas lhes fêz, que êles, quando voltaram para onde estava o seu chefe, apanharam-no a dormir e mataram-no.

— Oh! que grandes malvados! exclamou Bartolomeu.

— E assim acabou êsse homem, que foi o que se pode chamar um homemzarrão! O' senhores, eu

sou um pateta, que não percebo nada destas coisas; mas, quando me ponho a pensar neste Viriato, quando me lembro que era apenas um pobre pastor de cabras, um selvagem que não entendia nada de guerras, nem de manobras, nem de legiões para aqui, nem de centuriões para aí, e que, a-pesar-disso, em defesa da sua terra, fêz andar os romanos em palpos de aranha, e atarantou aquela poderosa Roma que metia mêdo a todos; quando me lembro que êle era filho desta boa terra, que hoje se chama Portugal, ah! co'a breca!, sinto assim uns arrepios pela espinha, e parece que é até uma vergonha para o país não se lhe ter levantado uma estátua de um tamanho por aí além no alto da serra da Estrêla, que aquilo é que se podia chamar a sentinela da nossa independência.

E o bom João da Agualva, no ímpeto do seu entusiasmo, cerrava os punhos, faíscavam-lhe os olhos e dava mostras de querer êle mesmo ir pôr nos fraguedos da serra da Estrêla a estátua do seu herói.

— Tem razão, tem, observou o Bartolomeu, lá que o tal Viriato foi um homem de truz, isso foi.

— A morte de Viriato, como podem imaginar, continuou o João da Agualva, deixou ficar os lusitanos um pouco atrapalhados. Mas continuaram a defender-se, e os romanos viram uma bruxa com êles. Pode-se dizer que Roma só foi senhora da Lusitânia, quando não ficaram nas nossas montanhas senão as mulheres e as crianças. Mas as crianças fizeram-se homens, e os homens estavam mortos por

jogar as cristas com os romanos. Não tardou a aparecer-lhes uma boa ocasião.

— Vamos lá ver isso! exclamou o Bartolomeu, com um orgulho patriótico.

— É de saber que em Roma havia umas guerras civis, tal qual como nós tivemos cá por muito tempo em Portugal, assim umas coisas à moda da *Maria da Fonte* ou da guerra dos dois irmãos. Um fulano Sylla e um sicrano Mário andaram à pancadaria um com o outro, até que venceu um dêles, que foi Sylla. Era um homem de cabelinho na venta êste Sylla; e, apenas se viu no poleiro, começou a chacina nos que eram do partido contrátio, de forma que parecia que não queria deixar vivo nem um só. Os amigos de Mário trataram de se escapulir, e um dêles, homem desembaraçado, chamado Sertório, safou-se cá para Espanha, para os lados do Oriente. Aí, num instante revolucionou tudo, arranjou um exército, mas os generais de Sylla espatifaram-lho, e o amigo Sertório tingou-se para África. Souberam os lusitanos do caso, e disseram consigo: «Êste maganão é que nos faz conta». Metem-se uns poucos num barco, vão ali a Marrocos por onde o Sertório andava aos paus, oferecem-lhe o vir comandá-los. Sertório saltou lougo para dentro do barco, e daí a pouco estavam os lusitanos em campo com Sertório à frente.

Êste, porém, não era, como Viriato, um pastor de cabras; era homem civilizado, sabendo tudo o que se sabia no seu tempo, e que tratou de arranjar cá nas nossas terras uma espécie de Roma.

Pareceu-lhe que Évora servia para o caso, estabeleceu-se ali, e, como o tinham acompanhado muitos romanos, conseguiu perfeitamente o seu fim.

Que o Sertório era uma grande cabeça, isso é que não tem dúvida! Não só pôs o sal na moleirinha dos seus patrícios que se quiseram meter com êle, mas costumou os lusitanos a ser gente civilizada, e a imitar os romanos em tudo, de forma que Viriato, se ressuscitasse, não os reconhecia. E a-final de contas, vejam como as coisas são! Êste Sertório deu lambada nos romanos por um sarilho! pois ninguém fêz mais serviços a Roma do que êle! Introduziu aqui as artes, os usos e os costumes de Roma, de forma que, depois, os nossos começaram a ter menos repugnância aos estrangeiros, a confundir-se com êles. Isto de falar a mesma língua, de ter os mesmos hábitos, sempre é uma grande coisa! Sertório foi assassinado, assassinado também por um traidor, um patrício dêle, um tal Perpena! Pois senhores, quando morreu, já isto por cá era tão romano como a própria Roma! de forma que nunca mais houve revoltas, e os lusitanos, como o resto dos habitantes de Espanha, à excepção dos vasconsos que sempre foram metidos consigo e nunca se deram com os vizinhos,— os lusitanos ficaram fazendo parte do grande império que vinha do Mar Negro ao Oceano Atlântico, e da bôca do Reno até à foz do Guadalquivir, e ainda mais para baixo, do outro lado do estreito.

E com isto os não enfado mais, meus amigos; a Margarida já acabou a sua estriga, a luz do can-

dieiro está assim a modo aos upas como quem se quere ir embora, e então domingo à noite continuaremos com esta conversa, visto que vocês parece que vão gostando.

— Ora se gostamos, Sr. João da Agualva! bradaram todos em côro.—Venha de-pressa o domingo para ouvirmos o resto.

E, despedindo-se de Margarida, e de João, retiraram-se para suas casas.

SEGUNDO SERÃO

César e os montanheses do Hermínio. — O império romano. — O Cristianismo. — Os bárbaros. — Suevos, alanos e visigodos. — Os mouros. — O reino das Astúrias. — O reino de Leão. — Portucale. — Os condados de Portugal e de Coimbra.

— Meus amigos, — começou o João da Agualva, apenas todos fizeram roda no domingo imediato, e que a boa da tia Margarida, depois de carregar a sua roca, principiou a fazer girar o fuso nos seus dedos ágeis, — deixámos no outro dia os bons dos nossos lusitanos, depois da morte de Sertório, costumados já à civilização romana, e falando o latim como se tivesse sido sempre a sua língua, gostando de dar as suas passeatas até Roma, e provàvelmente chamando bárbaros aos que se lembravam com saüdades dos tempos de Viriato. Nas serras continuavam a refilar o dente aos senhores do mundo, e o próprio César, que veio a ser depois um grande homem, estreou-se nas guerras, tendo cá na Lusitânia os seus dares e tomares com os montanheses do Hermínio, que vieram diante dêle em

rota batida até aqui às proximidades de Peniche, pouco mais ou menos, e que, quando deram de cara com o mar, não estiveram lá com meias medidas, meteram-se numas jangadas, e foram merendar às Berlengas, deitando a língua de fora ao Sr. César, que se foi embora de queixo caído. Mas isso eram barulhos lá de quando em quando. A verdade é que a Lusitânia estava sendo de-veras romana, e então, quando lá em Roma à república sucederam os imperadores, nem mais se pensou em independências nem meias independências. As cidades com os nomes romanos ferviam por aí, as estradas militares cortavam o país, e uma pessoa podia ir de Lisboa até Roma sem preguntar a ninguém. Hoje diz-se: quem tem bôca vai a Roma. Pois naquele tempo, e com as estradas militares, bastava ter pés e olhos, ia-se lá direito como um fuso.

— Havia caminho de ferro? — preguntou o Zé Caneira embasbacado.

— Qual caminho de ferro, bruto! Teu avô ainda nem sabia que vinha isso a ser, e já tu querias que o teu trigésimo ou quadragésimo avô andasse de vagon! Não senhor, eram estradas ordinárias, mas feitas com todo o cuidado e limpeza, e que, partindo de Roma, iam ter aos pontos mais distantes do império! Lá que os tais romanos eram um grande povo, isso eram!

— Pois sim! mas regalaram-se de levar tapona cá na nossa terra, interrompeu o Bartolomeu.

— Quem vai à guerra dá e leva, respondeu o João da Agualva, e a-final quem vence é quem mais

sabe. Se os romanos venceram, não foi nem porque tinham mais fôrça, nem porque eram mais valentes, foi porque sabiam mais. Tu verás ao depois. Olha que isto cá no mundo não se leva a poder de bordoada. Queres um exemplo? Ora aí tens tu o mundo todo romano. O imperador está em Roma, e tudo governa. Nisto saem da Judéa uns homens de bordão na mão e de pés descalços, que começam a prègar por êsse mundo, a dizer que Deus veio à Terra, que foi crucificado, que disse que todos os homens eram iguais, senhores e escravos e grandes e pequenos, que a gente deve amar não só os seus amigos, mas também os seus inimigos, que há mais alegria no céu pela volta de um pecador que se arrepende, do que pela entrada de noventa e nove justos, e outras coisas assim, que embasbacavam todos, e vai os imperadores romanos começaram a cismar que esta gente que lhes fazia mal, que desorganisava tudo, e botam a chacinar nesses sujeitos que se diziam cristãos, e a queimá-los, e a deitá-los às feras, e a martirizá-los, e quanto mais os desbastavam mais êles cresciam, e tanto e tanto, que lhes não digo nada. Às duas por três o mundo romano tinha sido conquistado, sem pau nem pedra, por êsses soldados de Cristo. Ora aqui tens tu como quem vence nem sempre é a fôrça bruta.

— Essa agora é mais fina! acudiu o Manuel da Idanha. Êsses, se venceram, é porque eram os santos apóstolos, e porque prègavam a palavra de Deus.

— Pois assim é, Manuel, dizes tu muito bem,

mas isto que se chama civilização não é também senão palavra de Deus. A civilização é o que concorre para nos fazer melhores, mais dignos de ser homens. Umas vezes prègam-na os santos, outras vezes são os sábios, e às vezes também são os soldados, porque Deus de todos os meios se serve para chegar aos seus fins. E é assim que o instrumento disto a que eu chamo civilização umas vezes é o livro, outras vezes a cruz, e outras vezes a espada.

Os bons dos saloios ouviam boqui-abertos estas coisas tôdas, que só o Manuel da Idanha parecia perceber um bocadinho, por isso o João da Agualva, que não queria perder a atenção do auditório, apressou-se a continuar:

— Isto quere dizer, meus amigos, que foi por êste tempo que principiou a prègar-se no mundo a nossa santa religião, e foi cá a nossa terra uma das primeiras que se converteram. Dizem até que veio aqui o próprio apóstolo Sant'Iago, mas isso estou que são lérias; o que é certo, porém, é que ainda quási não havia bispos por êsse mundo de Cristo, e já Braga era bispado, tanto assim que se chama ao arcebispo de Braga arcebispo primaz das Espanhas, porque foi o primeiro que na Espanha houve.

Mas, entretanto, meus amigos, grandes coisas se passavam pelo mundo. Fora dos limites do império, do lado de lá do Reno, do lado de lá do Danúbio, havia povos que Roma não conseguira conquistar: gente selvagem como os lusitanos do tempo de Viriato; valentes como êles, e ao mesmo tempo gente

inquieta que não parava num sítio e que não podia viver quási senão de caça e de rapina. Tinham os romanos um trabalhão em os conter, mas, quando o império começou a fraquejar, porque aquilo estava já sendo uma choldra, quando as legiões, que é como quem hoje diria as divisões e as brigadas, começaram cada uma a apregoar um imperador pela sua banda, desabam todos aquêles meus amigos sôbre o império, e foi, como quem diz, uma verdadeira inundação. Aí pelos anos quatrocentos e tantos caíram em cima de Espanha, vindos das bandas dos Pirinéus, nada menos de três povos: os Alanos, os Suevos e os Vândalos. Nós, só à nossa parte, tivemos dois que tomaram conta de tudo isto, que foram os suevos e os alanos. Mas qual! as florestas de além do Danúbio e do Reno parece que se não fartavam de despejar povos que se empurravam uns aos outros. Atrás dêstes três povos vieram os visigodos, que expulsaram os outros e ficaram senhores da Espanha tôda. E agora aí têm vocês como nem sempre quem vence é quem conquista. Julgam por acaso que se falou na Espanha o visigodo, e que as leis visigóticas é que governaram, e que a religião dos visigodos é que triunfou? Qual carapuça! Os vencidos é que conquistaram os vencedores e deram-lhes a sua língua, as suas leis e a sua religião. Porquê? Porque os mais civilizados eram os vencidos, e quem mais sabe é quem triunfa.

—Mas então, a-final de contas, preguntou o Manuel da Idanha, sempre isto ficou sendo romano?

—Não, rapaz, não é assim. Ora dize-me uma

coisa: quando tu deitas sal e carne para dentro de uma pouca de água, o que é que fica? é água, é carne ou é sal?

— Essa agora é mais fina, não fica nem uma coisa nem outra, o que fica é caldo.

— Ora pois aí tens tu: a água eram os lusitanos, os romanos foram o sal, e os visigodos a carne, e de tudo isso saíu uma coisa nova, um povo novo, êste caldo que depois veio a chamar-se português, que é no fundo lusitano, como o caldo é água, e a que Roma deu o sal que foi idea, e os visigodos a carne que foi a fôrça.

Acharam graça à comparação os bons dos saloios e o João da Agualva prosseguiu desta maneira:

— Mas as coisas não ficaram por aqui, porque no ano de 756 apareceu de repente em Espanha gente nova. Eram os mouros. Êsses, em vez de virem do norte, vinham do sul. Seguiam uma religião nova, a de Mafoma. Não eram uns selvagens, como tinham sido os visigodos. Traziam uma civilização e das mais apuradas. Por isso a luta que se travou foi medonha: civilização contra civilização, Jesus contra Mafoma. Primeiro venceram os mouros. Na batalha do Guadalete foram os visigodos vencidos, e morto o seu rei Rodrigo. Em pouco tempo tinham os mouros tomado tôda a Espanha. A nossa terra lá foi também para êles. Só nos montes das Astúrias, que são levados de quantos diabos há, um punhado de visigodos continuou a resistir, comandado por um tal Pelayo, que foi o primeiro rei das Astúrias. Meteram-se os mouros com êle, levaram

para o seu tabaco. Deixaram-no lá estar no seu reino, que era como quem diz, um ninho de águia, encarrapitado no cucuruto das montanhas, e co'a breca! parece-me que uma águia com as asas estendidas fazia-lhe sombra a êle todo. A pouco e pouco foi aumentando. Agora tomava-se uma cidade, logo outra; a grão e grão, diz o provérbio, enche a galinha o papo. Daí a duzentos anos já os visigodos tinham tirado aos mouros terras bastantes para formar não só um reino, mas uns poucos. A moda que havia, de se dividir o reino pelos filhos de um rei que ia para o outro mundo, dava êste resultado. Deixemos, porém, isso, e vamos a saber o que era feito de nós.

—Isso é que é, acudiu o Bartolomeu, os espanhóis que tratem de si.

—Pois nós fazíamos parte do reino que se chamou reino de Leão; quando digo nós, quero dizer de Coimbra para cima, porque entre Coimbra e Lisboa, umas vezes era-se mouro e outras vezes cristão; mas de Lisboa para baixo não havia dúvida nenhuma, era tudo mourama.

—Mas então, vamos a saber, isto era já Portugal ou não era Portugal? preguntou o Zé Caneira.

—Ora com o que tu vens! Sabes o que era Portugal? Era, para assim dizer, o Minho. Havia Portugal e havia o condado de Coimbra. Portugal chamava-se assim, porque na foz do Douro existia uma terra que se chamava *Cale*, que depois se mudou em Gaia, e vai defronte mesmo à beira do rio, começou a levantar-se outra terra que se cha-

mou *Portus Cale* ou *Porto de Cale*. Esta terra é a que se chama hoje simplesmente *Pôrto*, e o nome de *Porto de Cale*, que se foi mudando em *Portugal*, dava-se a tudo o que ficava para o norte do Douro. E aqui está, meus amigos, como Portugal deve o seu nome ao Pôrto, exactamente como depois lhe veio a dever a liberdade.

— E então Coimbra já não era Portugal?

— Não, rapaz. Coimbra era outro condado, também cristão, mas que tinha existência sôbre si.

Ora o que lhes digo, meus amigos, é que a corneta do destacamento que chegou hoje está já a tocar a recolher, que são horas de ir chegando cada um para suas casas, e que no próximo domingo continuaremos a nossa história.

TERCEIRO SERÃO

D. Afonso VI de Leão. — O conde D. Henrique. — D. Teresa. — O conde de Trava. — Batalha de S. Mamede. — Egas Moniz. — Fundação da monarquia. — D. Afonso Henriques. — Os cruzados. — D. Sancho I. — D. Afonso II. — D. Sancho II. — D. Afonso III.

— Viram vocês, meus amigos, tornou o João da Agualva, no domingo imediato, que o Portugal de agora, aí pelo ano mil, pouco mais ou menos, estava, do Mondego para baixo, quási todo em poder dos mouros, e do Mondego para cima distribuído em dois condados, um que se chamava de Portugal, que era como quem diz do Pôrto, e outro que se chamava de Coimbra, e ambos estes condados faziam parte do reino de Leão, onde governava um rei de cabelinho na venta, chamado o Sr. D. Afonso VI. Ora, como D. Afonso VI tinha sempre guerra com os mouros, e como nesse tempo o grande pratinho para um príncipe, ou para um fidalgo, era jogar as cristas com êles, tanto que os iam buscar a casa de seiscentos diabos, só para lhes dar tapona, aconteceu que dois franceses, chamados um Henrique, o outro

Raimundo, ambos primos, e ambos da casa de Borgonha, em vez de irem à Palestina, vieram aqui a Espanha que lhes ficava mais ao pé da porta pedir para dar também as suas garfadas nos de Mafoma. Não havia dúvida, a mesa estava sempre posta e podiam servir-se à vontade. Deram bordoada de criar bicho, e o D. Afonso VI, que viu que eram uns valentões, e que lhe podiam servir para muito, casou-os com duas filhas que tinha, uma legítima filha do matrimónio, e outra, coisas e tal, etc. A primeira chamava-se Urraca e foi para o Raimundo, a segunda, Tereja ou Teresa, e dizem até que era uma rapariga de truz, para o Henrique. Ora, ao primeiro, como era casado com a legítima, deu êle o govêrno de tôda a parte do reino, que ficava à borda do mar, desde os altos da Galiza até às proximidades do Tejo, e a D. Henrique deu especialmente os condados de Portugal e de Coimbra, ficando sempre sujeito ao primo. Há quem diga que Portugal veio como dote de D. Tereja! Tó carocho! Nesse tempo nem os pais davam dotes às filhas; os que queriam casar com elas é que ainda davam alguma coisa.

— E acho isso muito bem entendido! exclamou vivamente o Zé Caneira, que tinha uma filha casadoira.

— Pois sim! — redarguiu sorrindo o João da Agualva. —O que é certo é que a moda não pegou. D. Henrique, porém, ficou sendo vassalo de Afonso VI, e empenhou-se em alargar os seus domínios, dando pancadaria nos mouros. Muito cedo

deixou de ser sujeito a seu primo, e teve a sua capital em Guimarãis, que por isso se chama o *berço da monarquia*. Mas êste D. Henrique parece que tinha bicho carpinteiro; foi à Palestina, como se não tivesse por cá mouros com fartura, e, quando o sogro morreu deixando o trono à cunhada D. Urraca, que já então era viúva, o bom do conde meteu-se em todos os barulhos que lá iam por Espanha, para ver se apanhava mais alguma coisa para si. Qual carapuça! não apanhou nada, e ia perdendo muito, porque os mouros, que se viram à larga, comeraçam a fazer-se finos, e já subiam por aí acima, como quem estava com desejo de se espreguiçar o seu pedaço nos montes verdes de Coimbra.

No meio desta azáfama tôda, morreu em 1114 o honrado conde, deixando uma viúva muito frescalhota ainda, e um filho pequeno que teria os seus três anos, e se chamava Afonso Henriques, que é o mesmo que se dissesse Afonso filho de Henrique, assim como Sanches queria dizer filho de Sancho, Fernandes filho de Fernando, e Martins filho de Martim.

— Ora essa! — exclamou um que até aí estivera silencioso, — aqui estou eu que me chamo António Martins e mais meu pai chamava-se José.

— Pois isto que eu digo, tornou João, era naquele tempo, depois os nomes ficaram, mas já sem se lhes saber a significação, como acontece a muitas outras coisas.

A mãi de D. Afonso Henriques, uma mulher bonita e desembaraçada, continuou a andar por cer-

cos e batalhas, a ver se isto cá em Portugal ficava independente, e, enquanto ela assim procedeu, correu tudo bem; mas mulheres sempre são mulheres — não se zangue, tia Margarida — e D. Teresa lá teve o seu fatacaz por um conde galego, Fernão Peres de Trava, que daí a pouco era quem punha e dispunha em Portugal. Não agradava isso muito aos nossos fidalgos, e menos ao rapazelho, que era levadinho da breca, esperto como um alho, valente como seu pai, e que fôra demais-a-mais educado por um fidalgo às direitas, um tal Egas Moniz, português dos quatro costados. Já se vê que o aio não lhe ensinou a revoltar-se contra sua mãi, e até devo dizer que são verdadeiras patranhas muitas das coisas que a êsse respeito se contam. Por exemplo, diz-se que o rapazote andava às bulhas com a mãi, e que o rei de Leão, D. Afonso VII, viera em socorro da tia contra o primo. Pêta! D. Afonso VII veio a Portugal, é verdade, mas foi para obrigar a infanta-rainha (assim lhe chamavam) e o filho e os fidalgos e todo o povo a reconhecer a sua suzerania. Apanhou o rapaz em Guimarãis, cercou-o, e pô-lo de-veras em talas. Egas Moniz foi ter com êle, e disse-lhe que se fôsse embora e que lhe empenhava a sua palavra que a sua suzerania seria reconhecida. Afonso VII assim o fêz, e partiu dali contra D. Teresa, que essa reconheceu-o imediatamente por seu senhor e suzerano. Mas D. Afonso Henriques, livre do primo, pediu à mãi que fizesse favor de lhe dar o govêrno a êle, que sempre era mais português que o conde de Trava. Êste disse à rainha que não

tivesse cuidado, que êle iria dar uma dúzia de palmatoadas no pequeno. Foram boas as palmatoadas. Em S. Mamede, ao pé de Guimarãis, e no ano de 1128, o conde galego levou uma esfrega, e teve de se pôr a andar, levando consigo D. Teresa. De forma que nem D. Afonso Henriques prendeu a mãi, nem fêz coisa que se parecesse com isso. Quis apenas governar, porque tinha o direito de o fazer, e porque os varões portugueses estavam fartos de aturar o galego. E a vassalagem que prometera a D. Afonso VII? Boa vai ela! Mesmo agora D. Afonso Henriques pusera fora o galego para se sujeitar ao de Leão! Nem se pensou em tal. Mas Egas Moniz tinha dado a sua palavra, e não queria que um patife de um estrangeiro dissesse que havia portugueses desleais. Não contou nada ao seu querido discípulo, e foi até dos primeiros a aconselhar que se mantivesse a independência, mas agarrou em si, na mulher e nos filhos, e foram todos de corda ao pescoço ter com o rei de Leão, e dizer-lhe: «Para resgatar a minha palavra, só tenho a minha cabeça e a dos meus! Elas aqui estão»! O rei ficou assombrado dêste acto de lealdade e mandou-os embora com palavras de muito louvor.

— Homem! isso agora parece-me asneira! — acudiu o Zé Caneira. Que diabo de culpa tinha êle que êsse D. Afonso Henriques não fizesse o que prometera?

— Nenhuma, bem sei! mas êle é que ficara por fiador. Outro seria que dissesse: «Eu quis, mas não pude». Êle foi mais franco e disse: «Não pude e

não quis. O interêsse da nação opunha-se a isso, mas a minha vida há-de resgatar a minha palavra, e não se fundará numa deslealdade a nova monarquia».

— Aquilo é que eram homens! murmurou o Manuel da Idanha.

— Espera que tu vais ver o que era um homem. Êste D. Afonso Henriques, digo-te que foi mesmo fadado para fundador de reino. Não parava um instante. No princípio do govêrno, andou sempre à bulha com o primo, e com os galegos, e tudo era ver se passava o Minho; mas um belo dia olhou para o sul, e percebeu que para ali é que havia muito que fazer. Os mouros começavam a dar sinal de si, e a romper de novo por ali acima. Em 1129, Afonso Henriques vai só numa galopada até ao Alentejo, derrota os mouros em Ourique, e volta para casa.

A respeito de Ourique tem havido mosquitos por cordas. Diz-se que apareceu Nosso Senhor a D. Afonso, que êste foi ali aclamado rei pelos soldados, que aquilo foi uma batalha formidável, etc. Eu cá não me meto nessas coisas. Que Nosso Senhor Jesus Cristo aparecesse crucificado a D. Afonso Henriques, é muito possível: Deus pode fazer estes milagres, sempre que lhe aprouver, e milagre de Deus foi a nossa história tôda. Sem a ajuda de Nosso Senhor mal podia êste pequeno povo fazer o que fêz. Que a batalha fôsse muito importante, não me parece; pelo menos não teve conseqüências, ficou tudo como dantes, e o que se não pode dizer

é que o quartel general fôsse em Abrantes, porque a Abrantes ainda nós não tínhamos chegado; que os soldados se lembrassem de aclamar D. Afonso Henriques rei nesta ocasião, também me parece história. Sou capaz de apostar que rei já lhe chamavam desde muito, como chamavam rainha à mãi; depois, êsse título de rei, que afirmava mais a nossa independência, onde se deveria dar era numa batalha contra os leoneses; mas numa batalha contra os mouros, que tanto se importavam que Portugal fôsse independente, como que fôsse vassalo de Leão, a quem tanto convinha que Afonso Henriques fôsse rei como que fôsse conde, não se percebe. Diz-se também que foi nas côrtes de Lamego que o título se confirmou. Ora adeus! Côrtes com clero, nobreza e povo ainda cá se não faziam. E de mais, quem diz isso parece que imagina que naquele tempo se passavam as coisas como agora, e que isto de fazer rei um conde soberano era negócio que se não podia praticar sem grandes cerimónias e ajuntamentos. Boas noites, meus amigos. Oiçam vocês o que sucedia! Morria o rei de Leão, por exemplo, e dividia os estados pelos filhos, e aqui ficava sendo um rei da Galiza, o outro rei de Leão e o outro de Castela. E depois juntavam-se os estados, e já não havia reinos nem em Galiza, nem em Castela, depois tornavam-se a separar, e assim andavam, sem maior maçada. D. Afonso Henriques fizera-se independente, era o essencial, depois começaram a chamá-lo rei, e rei se ficou chamando. O que êle fêz, como era espertalhão, para garantir a conserva-

ção do reino, foi declarar-se vassalo do Papa, e mandar-lhe pagar um pequeno tributo, para que o pontífice lhe valesse. A manha não era má; naquele tempo, quem tinha a côrte de Roma por si tinha tudo.

Mas o caso não era chamar-se uma pessoa rei, era ter um reino que merecesse o nome, e êsse Potugalzito, que vinha apenas do Minho até ao Mondego, para falar verdade, não parecia lá um grande reino, e D. Afonso Henriques disse então com os seus botões: Toca a alargá-lo! Ora o que faz um de vocês quando se vê com uma terreola para seu grangeio? Cospe nas mãos, agarra na enxada, começa a fossar o chão, e ali está desde pela manhã até à noite. D. Afonso Henriques fêz o mesmo, cuspiu nas manápolas, arrancou do montante, e êle aí vai para a faina em que andou desde pela manhã até à noite, quere dizer, desde que lhe apontou o buço até que a morte pregou com êle na sepultura. O montante era a sua enxada, rapazes, e, a cada enxadada, saía do chão sarraceno agora Santarém, depois Lisboa. Ah! meus amigos, que vida! Aquilo era um lidar continuado! Êle casou com uma princesa de Sabóia, a Sr.ª D. Mafalda, mas estou em dizer que não foram muitas as noites em que dormiu muito bem aconchegado com ela nos seus paços de Coimbra. Alta noite lá ia êle tomar Santarém, de surprêsa, e outra vez constava-lhe que ia uma gente do norte fazer guerra aos mouros na Palestina, para defender contra êles o sepulcro de Cristo, e D. Afonso Henriques ia logo à beira-mar ter com os homens e pedir-lhes que descansassem aqui um pedaço, e que

o ajudassem ao mesmo tempo na sua tarefa de todos os dias. Êles não se fizeram rogar, desembarcaram, e daí a pouco estava Lisboa no poder dos nossos. Muitos dêles por cá ficaram, porque D. Afonso Henriques deu-lhes terras, e até há por aí povoações que ainda se chamam com os nomes dêles, por exemplo Vila Franca, que é como quem diz vila dos Francos, etc.

— Então os de Vila Franca são estrangeiros? preguntou o Manuel da Idanha.

— Qual carapuça homem! Tu não te lembras da minha comparação do caldo? Não é sal, nem água, nem carne; mas tem carne, água e sal. A carne eram os godos, a água os lusitanos e os romanos o sal; pois também no caldo se deita às vezes o seu raminho de hortelã ou de segurelha, que sempre lhe dá assim um sabor mais coisas, tal, etc.; pois êsses raminhos de segurelha e de hortelã foram os estrangeiros, que aqui vieram a Portugal e por cá se deixaram ficar. Vieram também contribuir para fazer o nosso bom caldo português.

— É bem achado, sim senhor, observou a tia Margarida.

— Pois assim mesmo é que é. Ora já vocês vêem que o pobre do Afonso não podia estar muito tempo sossegado. Hoje tomava Sintra, amanhã Mafra, no outro dia Palmela, no outro Abrantes! Era um vivo demónio. Os mouros com êle andavam num sarilho. Por isso também tinham-lhe tomado um mêdo!... Falarem-lhes no Ibn-Errik, assim lhe chamavam êles na sua língua, como quem diz *filho*

de Henrique, falarem-lhes em Ibn-Errik, era o mesmo que falarem-lhes no diabo. E que gente que êle tinha! Homens como um Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador que morreu combatendo, e mais andava já pelos noventa anos, e um que tomou Évora, Giraldo sem Pavor, e outro que tomou Beja, cada qual por sua conta e risco. Gente levadinha da breca, isso é que é falar a verdade.

Mas, enfim, meus amigos, ainda que se diz «pedra movediça não cria bolor», sempre dá o caruncho numa pessoa, por mais que ela se mexa e trabalhe. D. Afonso envelheceu, mas antes disso já deitara um filho que era o seu retrato, valente como êle e homem de grande talento, D. Sancho, que foi depois rei. Podia morrer descansado D. Afonso Henriques, deixava a sua espada em boas mãos e a sua coroa em boa cabeça. E com essa consolação morreu em 1185 el-rei D. Afonso Henriques, depois de ter não só tornado o reino independente, mas de o ter alargado até o meio do Alentejo, e principalmente de ter tomado Lisboa que era, como diz o outro, a menina dos olhos dos árabes, a cidade sem a qual não se podia fazer cá para estas bandas coisa que jeito tivesse. Ah! meus amigos, se algum de vocês fôr alguma vez a Coimbra, e entrar na igreja de Santa Cruz, suba até à capela mor, e olhe para os dois túmulos que ali se vêem, pregunte qual é o de D. Afonso Henriques, e depois ajoelhe diante dêle, porque, com seiscentos diabos, se nós hoje não somos para aí uns galegos e uns andaluzes, se demos que falar no mundo, e pra-

ticámos coisas que fazem com que uma pessoa tenha orgulho de se chamar português, é a êle que o devemos, pois que, como lá diz o outro, «de pequenino se torce o pepino», e êste reino de Portugal era bem pequerrucho ainda, quando êsse homem de ferro levou a sua vida inteira a costumá-lo a fazer coisas grandes.

E o bom do João da Agualva limpou o suor, que lhe escorria pela testa com o entusiasmo que o inflamava. Os seus companheiros escutavam-no silenciosos, e já não faziam interrupções nem obsevações. Estavam deveras interessados com a narrativa.

— Meus amigos, continuou o João da Agualva, no govêrno como na lavoura, há tempo para tudo; agora cava-se e depois semeia-se. Primeiro compra-se a terra e depois é que se amanha. Pois assim foi em Portugal; D. Afonso Henriques ou D. Afonso I conquistara, D. Sancho tratou de povoar. Por isso a história chamou *conquistador* ao primeiro e *povoador* ao segundo; e olhem que isso não quere dizer que D. Sancho não fôsse também um guerreiro de truz. Tó carocho! Já na vida do pai êle dera que falar. Apenas o pai morreu, começou êle a namorar uma terra do Algarve, que hoje está bem decaída, mas que nesse tempo era, por assim dizer, a Lisboa lá do sul — Silves. Não se lhe metia dente, porém, com facilidade. Para ir lá por terra era custoso como o demónio; para ir por mar, é de saber, meus rapazes, que o Sr. D. Sancho I ainda não se lembrara de comprar nem a fragata *D. Fernando*, nem êsse navio com que

andam por aí sempre os jornais aos tombos, e a que uns chamam o *Pimpão* e os outros *Vasco da Gama.*

Uma gargalhada geral mostrou que os bons dos ouvintes tinham apanhado fàcilmente o chiste do jovial anacronismo do narrador.

— Mas, meus amigos, isto de Portugal ficar no caminho da Palestina para os cristãos que vinham lá das terras do norte, foi uma verdadeira pechincha. Descansavam aqui e sempre havia por cá algum biquinho de obra. Foi o que sucedeu também desta vez. D. Sancho apanhou uma frota de cruzados...

— Novos? preguntou o Zé.

— Novos eram êles, que não costumavam vir para a guerra os carecas como tu; mas é de saber que se chamavam cruzados aos cristãos que tinham ido tirar o sepulcro de Cristo das mãos dos infiéis, e que depois o defendiam. D. Sancho apanhou pois uma frota de cruzados, e disse-lhes desta maneira:

— «Vossemecês é que me podiam fazer um favor.»

— «Se estiver na nossa mão!...»

— «Lá isso está. É simplesmente acompanhar-me ali a baixo, a Silves, e ajudar-me a intimar mandado de despejo aos mouros que lá estão dentro. Eu fico com a cidade, e os senhores levam as riquezas que se apanharem.»

— «Vá de feição.»

E foi. Tomou-se Silves, tanto mais que lhes ficava na estrada, e não tinham de torcer caminho. Mas D. Sancho não pôde continuar com essas fun-

çanatas, porque os mouros cá da península, que começavam a estar assim esmorecidos, receberam de repente uns reforços da Moirama, e... não lhes digo nada, vieram outra vez por aí acima que parecia que tornava a haver invasão. Foi uma torrente que levou tudo adiante de si. O Tejo tornou a ser a fronteira de Portugal, e apenas no Alentejo uma terra ou outra surgia ainda, como uma ilha, com a bandeira portuguesa, dentre as ondas da mourisma.

Então D. Sancho pensou que primeiro que tudo era necessário tratar do que era seu, e começou numa lida abençoada: êle mandou vir gente do norte da Europa para povoar os nossos campos desertos, êle edificou, êle fêz castelos, êle cuidou enfim de tudo, e não se esqueceu também de mostrar aos bispos que tinha muita contemplação por êles, enquanto se limitavam às suas rezas, mas que lhes não permitia meter o nariz assim de muito perto nos negócios do Estado. A-final, êste bom rei morreu, menos velho que o pai, em 1212. Tinha sido casado com uma princesa chamada D. Dulce, filha do conde de Barcelona. De forma que aqui temos pois já duas raínhas de Portugal, D. Mafalda e D. Dulce.

O filho mais velho de D. Sancho, que veio a ses rei depois dêle, não se parecia muito, valha a verdade, nem com o pai, nem com o avô, mas olhem que nem por isso foi menos útil cá ao nosso país. É o que eu digo. Cada qual tem a sua tarefa. Uns cavam, outros semeiam, outros põem

fora os pardais e arrancam o joio, que podem dar cabo da seara. Foi esta a tarefa de Afonso II. Ora vêem perfeitamente que, se êste Portugal tão pequeno se começasse a divir, pedaço para aqui, pedaço para acolá, ia-se tudo quanto Marta fiou.

D. Sancho, que tivera uma súcia de filhos, pensara mais em os deixar bem arranjados do que em assegurar a conservação do reino. Por isso, no testamento era . . . umas mãos rôtas. Esta e aquela vila para o senhor infante fulano, esta e aquela cidade para cicrano, e terras para êste, e terras para aquêle. D. Afonso II arrebitou a venta, e disse dêste modo: «Então vamos a saber, e eu com que fico»? E aí começa à bulha com as irmãs e com os fidalgos. Andava tudo em polvorosa com êle. Os fidalgos, por exemplo, tinham recebido de D. Afonso e de D. Sancho esta ou aquela terra, mas iam-se fazendo finos, e por sua conta e risco iam apanhando mais alguma; os frades então nunca chegavam à cabeceira de um moribundo que não apanhassem algumas terras de bom rendimento. «Isto assim não pode ser, berrava D. Afonso II, às duas por três fico a olhar ao sinal». E êle aí vai por essas províncias fora, a obrigar os fidalgos a pôr para ali os títulos das suas propriedades, declarando que não valiam senão os que êle confirmasse, e foi a isso que se chamou *confirmação*. Ao mesmo tempo proïbia às corporações religiosas que tivessem mais terras do que as que tinham. Quanto ao testamento de Sancho I, cumpriu só o que lhe parecia bom, e, como as ir mãs refilassem, houve pancadaria a menos de real.

— Então, por êsse andar, os mouros deviam ter vida folgada com êle? observou Francisco Artilheiro.

— Lá isso é verdade, e tanto assim que, quando se tomou Alcácer do Sal, os cruzados, que nos ajudaram, e que nunca puseram a vista em cima do soberano, imaginaram que era uma raínha que governava em Portugal; mas, meus amigos, olhem que o nosso país não lhe deve menos por isso. Se as infantas começam a puxar para um lado, os fidalgos a puxar para o outro, e ainda os frades a arrancar também as terras, num abrir e fechar de olhos tínhamos para aí vinte reinos, e adeus Portugal. Mas o gordanchudo do Afonso II, a-pesar-de se não importar para nada com os mouros, tinha cabelinho na venta; e por isso os frades foram proïbidos de ter mais terras, as infantas tiveram de pôr para ali as cidades que o pai lhes tinha deixado, porque D. Afonso II disse-lhes que a respeito de coroa em Portugal não havia senão uma, e finalmente os fidalgos tiveram de receber dêle as terras mas por favor e mercê real. De forma que a 25 de Março de 1223, quando morreu, apenas com trinta e seis anos de idade, Portugal era pequeno, mas estava todo na mão do rei, o que já era grande façanha.

— E o filho foi pelo mesmo caminho, Sr. João? preguntou o Manuel da Idanha.

— Ora, meu amigo, eu te vou dizer o que sucedeu ao filho, e por aqui tu verás se o que eu acabo de dizer não é verdade, e se não há na história exemplos para tudo. O filho era criança, quando

subiu ao trono, por conseguinte foi necessário haver regência. Chamava-se Sancho o pequenote, Sancho II, por alcunha o *Capelo,* porque em criança andara com um capuz de frade, lá por promessa da mãi, ou coisa assim. Quem ficou com o govêrno foram os ministros do pai, e, ainda que eram homens de truz, sempre lhes faltava a autoridade que tinha um rei. De forma que tôda aquela nobreza e fradaria, quando se viu assim à sôlta, livre da mão de ferro de D. Afonso II, começou a alvoroçar-se, e os ministros, para os terem quietos, iam dando o que êles pediam. As infantas apanharam as cidades, os frades foram juntando terras às que já tinham, e parece que o rei andava umas vezes nas mãos de uns, outras vezes nas mãos de outros. Pouco se sabe daquele tempo. Ia pelo reino todo uma confusão de seiscentos demónios. O que é certo é que, quando D. Sancho II chegou à maioridade, estava já tão costumado a não ser rei, que não soube puxar pelos seus direitos. E não era que êle fôsse fraco! Pois não! pelo contrário! Era da raça do avô, não estava bem senão a cavalo e com os mouros de volta. Tomou uma boa parte do Alentejo e do Algarve, mas fidalgos e frades êsses faziam o que queriam e sobrava-lhes tempo. Vêem vocês? Para uma pessoa governar não basta ser um valentão. Ás vezes um porta-machado, com umas barbaças por aí além, anda em bolandas nas mãos de uma criançola; outras vezes uma fraca figura faz andar um regimento ali direitinho que nem um fuso. D. Afonso não queria nada com os

mouros, o que não impedia de governar como um homem; para D. Sancho as batalhas eram o pão nosso de cada dia, e em Portugal todos governavam menos êle. Coisas da vida! Como os fidalgos faziam o que lhes dava na cabeça, e os frades também, e os bispos a mesma coisa, parecia que deviam estar todos muito satisfeitos. Mas não sucedia assim. Os bispos queixavam-se dos fidalgos, estes queixavam-se dos frades, e todos do rei; os frades, porque não reprimia os bispos, os bispos, porque não tinha mão nos fidalgos, os fidalgos, porque não puxava as orelhas ao clero. Quando êle saltava nos mouros, ainda as cousas não corriam mal. A fidalguia gostava daquilo, iam todos atrás do rei, e não se pensava em mais nada. Mas, quando uma espanholita, chamada D. Mécia Lopes de Haro, caíu em graça ao rei, que casou com ela, e que passou os dias a namorar os olhos pretos da rainha, foi tudo pela água abaixo. A desordem excedeu todos os limites, e os bispos foram ter com o Papa a-fim-de lhe pedirem que tirasse a coroa a D. Sancho II. O Papa, que era Inocêncio IV, pulou de contente com o pedido. Era o mesmo que virem-lhe dizer que era êle quem dava e tirava as coroas neste mundo, e que vinha a ser portanto o rei dos reis. Estava em França nesse tempo um irmão de D. Sancho II, chamado D. Afonso, que saíra de Portugal para ir correr terras, encontrara em França uma condessa de Bolonha, viúva e já durázia, ao que parece, que gostou dêle e com êle casou, levando-lhe o condado em dote. Ora o tal condado era uma espécie de

reino, sujeito ao rei de França, que nesse tempo era o rei santo que êles tiveram, a saber S. Luiz.

— S. Luiz rei de França, interrompeu a Margarida, é uma igreja que fica ali para as bandas do Rossio.

— Pois é uma igreja e foi um rei, tia Margarida, respondeu o João da Agualva, como Santa Isabel é uma Igreja que fica ali para as bandas da Estrêla, o que não impediu de ser também uma rainha, e rainha de Portugal.

— Isso é verdade! confirmou a tia Margarida.

— Pois então, como lhes ia dizendo, reinava S. Luiz em França, e D. Afonso, seu vassalo, por ser conde de Bolonha, fôra com êle à guerra, e dera provas de ser homem desembaraçado. Lembraram-se dêle para rei, e D. Afonso, que era ambicioso, aceitou. Os bispos e os fidalgos disseram consigo que um rei feito por êles havia de ser um criado que tivessem ali no trono, e o Papa entendeu também que aquilo era «senhor mandar, preto obedecer». Combinou-se tudo. D. Afonso prometeu quanto quiseram, e aí vai êle caminho de Portugal, fingindo que ia para a Terra Santa. Desembarca e pricipia a guerra civil. Também se não sabe muito do modo como as coisas se passaram. Parece que foi uma guerra levada do diabo como são sempre as guerras civis, queimaram-se vilas e cidades, arrasaram-se muitas searas, ficou muita gente na miséria, e o pobre D. Sancho viu-se abandonado por todos, dizem até que pela mulher, que fôra, afinal de contas, o motivo de tôdas aquelas coisas. Houve só um

ou outro que se lhe mostrou fiel. D. Sancho teve de saír do nosso país, e foi para Espanha, onde morreu em Toledo apenas com trinta e sete anos.

— Pobre do homem! acudiu a compassiva tia Margarida. Então que mal tinha êle feito àquela gente tôda?

— Era um rei fraco, e, como se costuma dizer, não era nem para si nem para os outros. Até a mulher não fêz caso dêle, porque as mulheres são assim: em estando uma pessoa embasbacada a olhar para elas, não fazem caso nenhum, e às vezes de quem gostam é de quem lhes chega um *calor* ao corpo, como o outro que diz.

— Vai-te, excomungado, bradou indignada a tia Margarida. Se um homem me batesse, eu até parece que era capaz de lhe arrancar os olhos.

— Pois sim, tia Margarida! não digo menos disso. Mas a rainha D. Mécia não era do mesmo parecer, e pagou bem as pieguices de D. Sancho!... Só de dois fidalgos se conta que se mostraram fiéis ao desgraçado rei. Um foi o alcaide de Celorico, que até dizem que fêz uma partida com graça. Estava-o cercando D. Afonso, e êle já nem tinha uma migalha de pão, nisto passa uma águia por cima da praça com uma truta no bico, e deixa-a cair dentro da vila. O alcaide, em vez de a comer, manda-a cozinhar muito bem, e envia-a de presente aos cercadores. D. Afonso, vendo que na praça havia petiscos daqueles, entendeu de si para si que estava perdendo o tempo e o feitio, e foi-se embora. Pode ser que isto seja patranha, mas o que é verdadeiro, sem ti-

rar nem pôr, é o caso de Martim de Freitas. Êsse era alcaide de Coimbra, foi cercado também, não se rendeu. Disseram-lhe que já D. Sancho morrera, e que por conseguinte era D. Afonso o seu natural sucessor. Não acreditou. Afirmaram-lhe que morrera em Toledo. Pediu para ir ver. Deram-lhe um salvo conduto, e Martim de Freitas, metendo na algibeira as chaves de Coimbra, foi de passeio até Toledo. Mostraram-lhe o túmulo do rei, mandou-o abrir; mostraram-lhe o caixão, quis ver o corpo; e ao ver enfim o pobre cadáver do seu rei, que assim morrera aos trinta e sete anos, longe da sua terra e longe dos seus, ajoelhou e pôs as chaves da cidade nas mãos do rei que lhas entregara; depois, tirou-as dessas mãos já frias que as não podiam segurar, e partiu para Coimbra, entregando-as ao novo rei, que louvou muito a acção.

— E tinha razão para isso, — tornou a tia Margarida, que estava sendo agora a interruptora, — mas com o tal rei novo é que eu não engraço nada. Olhem que irmão! Sempre tinha uns fígados...

— Não era muito boa rês, não, tia Margarida, mas então neste mundo não são só as pessoas boas que servem. Que D. Afonso se importava tanto com a família, como eu me importo com a família do imperador da China, é o que não tem questão, mas que foi um grande rei, isso também é verdade.

— Era fresco o tal rei, que assim fazia guerra ao seu irmão sem mais nem menos!

— Há mais exemplos disso, tia Margarida, e não vão êles tão longe, que uma pessoa se não possa

lembrar. Mas olhe que não param aí as maldades de D. Afonso. Também não fêz caso da mulher, a tal condenssa de Bolonha, que nunca foi capaz de pôr pé em Portugal, e casou, em vida dela, com uma filha do rei de Espanha.

— E ainda você a gaba, Sr. João? preguntou a tia Margarida. Sabe o que eu lhe digo? Parece-me que você é tão bom como êle!

— Olhe, tia Margarida, não me rogue você nunca outra praga, que lá com essa não me hei-de dar mal. O que lhe disse é que o Sr. D. Afonso III foi um dos reis que fizeram mais bem ao pobre povo, e sabe vossemecê porquê? Porque era um homem de cabeça, e o que sucedera com êle não tinha caído em cesto roto. Êle disse cosigo: «Estes patifes dêstes fidalgos e dêstes bispos são capazes de me fazer a mim mesmo o que fizeram a meu irmão. Ora eu sòzinho não posso com êles. A quem me hei-de encostar»? Olhou em tôrno de si e viu o povo, o povo em quem ninguém falava, e que era afinal de contas quem pagava as custas dos barulhos entre os grandes, o povo que pagava tributos a tôda a gente, e que, mesmo quando vivia em seus concelhos governando-se pelos seus forais, que eram por assim dizer as suas leis, mesmo então era ralado pela fidalguia. E D. Afonso III disse consigo: «Ora aí está quem me serve». E desata a fazer concelhos, e quando reüniu côrtes que até aí eram só de fidalgos e padres, chamou também procuradores do povo, e favoreceu o mais que pôde o seu negócio, e deu-lhes sossêgo e coisas e tal, de forma que depois pôde dar

para baixo nos prelados, que berravam pelos contratos que tinham diabo, mas D. Afonso III, que era finório, abanou-lhes as orelhas. E' que os Papas tinham deposto não só o rei D. Sancho II, mas também um imperador da Alemanha, de modo que aos chefes dos estados já ia cheirando a chamusco, e principiaram a fazer parede contra o Papa. Assim, os bispos, que levavam tapona de D. Afonso III, iam a Roma fazer queixas ao Papa, e o Papa naturalmente respondia-lhes contando-lhes uma fábula que lhes vou contar a vocês também.

— Conte lá, Sr. João da Agualva, exclamou o Manuel da Idanha, ainda que eu, a dizer a verdade, não sei lá muito bem o que venha a ser isso de *fava* ou *fábula* ou o que é.

— Fábula é assim uma história em que os animais falam como se fôssem gente, e pelo que êles dizem tira a gente . . . sim . . . é como diz o outro, pelos domingos se tiram os dias santos . . . Eu lá, nestas explicações, não se pode dizer que seja um barra, mas, em eu contando o caso, logo vocês percebem.

— É isso mesmo, tio João, conte lá, disse o Bartolomeu.

— Uma vez as rãs foram ter com Deus Nosso Senhor e pediram-lhe um rei, e Deus Nosso Senhor, que estava de maré, não quis abusar das pobrezinhas, e atirou-lhes para o charco com um cepo; mas o cepo não fazia nada, andava à tona da água, para aqui e para acolá, as rãs não lhe tinham respeito nenhum, e saltavam nêle, qual de-baixo, qual de cima, e o cepo sempre em paz da alma, que tanto

valia terem rei como não o terem. Vai então as rãs voltaram a Deus Nosso Senhor, e disseram-lhe desta maneira: «Dê-nos Vossa Divindade um rei que se veja, um rei que nos governe». — «Pois então aí vai um rei como vocês querem», respondeu Nosso Senhor, e atirou-lhes para o charco uma serpente, e a serpente, a primeira cousa que fêz, foi engulir as primeiras vassalas que lhe pareceram mais gordas, e depois outras e outras, de forma que as pobres rãs já se não atreviam nem sequer a coaxar, para que sua majestade não desse com elas. Percebem vocês agora por que é que o Papa podia contar esta história aos bispos que iam ter com êle?

— Percebo eu, acudiu logo o Manuel da Idanha. É que êles não descansaram enquanto não puseram fora um rei que era um paz de alma, um cepo, o D. Sancho II, e foram buscar outro rei que era uma serpente e que deu cabo dêles que foi um regalo.

— Ora, tal qual, sô Manuel. Com gente assim é que eu me entendo. D. Afonso III bem se pode dizer que era uma serpente, porque as serpentes são manhosas, e êle tinha manha a valer. Mostrou-a em tudo, até no modo como se assenhoreou do Algarve, que era só o que faltava para Portugal chegar ao mar pelo lado sul. Tomou-o aos mouros, e isso foi obra de pouco tempo; mas o rei de Castela começou a berrar que o Algarve lhe devia pertencer a êle. D. Afonso III nunca lhe disse o contrário, mas foi arrastando a entrega, e depois aproveitando tudo, de forma que às duas por três estava senhor do Algarve, e, quando D. Afonso III morreu, que

foi a 16 de Fevereiro de 1279, estava Portugal completo e seguro, e, visto que chegámos ao fim desta primeira parte, parece-me que o melhor é irmos dormir, que para o outro domingo continuaremos.

—Mas, ó sô João, disse o Manuel da Idanha, já agora, faça favor, não deixe ir a gente embora, sem nos explicar uma cousa. Vossemecê diz que o rei, para esmurrar as ventas aos bispos mais aos fidalgos, começou a fazer concelhos por dá cá aquela palha, e lá isso é que eu não percebo muito bem. Então que diabo tinham os fidalgos com o haver ou não haver concelhos?

—Pois tem razão, sô Manuel da Idanha, e bom é que essas cousas fiquem explicadas, porque a mim parece-me cá no meu modo de ver que o que nos importa a nós, que somos do povo, não é tanto saber as batalhas que se deram, e mais os reis que houve; o que nos importa é saber como é que viviam nossos pais, e como governavam e cousas e tal. Ora pois, saibam vocês que muitos dos nossos pais eram a bem dizer escravos, não como os do tempo dos romanos que podiam ser vendidos como os negros, mas faziam parte das terras que cultivavam, e, como elas, passavam de dono para dono. Isto foi melhorando, e os servos passaram a ser gente livre, mas sem terem terras suas; pagavam foros e foros pesados; os senhores das terras eram os reis, os nobres, os bispos e os mosteiros. As terras dos reis chamavam-se *terras da coroa*, as dos fidalgos e as igrejas, *coutos, honras* e *behetrias*. Ora os fi-

dalgos, que só tinham obrigação de servir o rei na guerra e não pagavam mais nada, ou por herança de seus pais, ou por doações dos reis em recompensa dos seus serviços, iam metendo em si o país todo, já se vê, de embrulhada com os padres; e os reis pouco tinham de seu, porque, de mais a mais, fidalgos, bispos e conventos apanhavam tudo quanto podiam, o que se lhes dava e o que se lhes não dava. Por isso D. Afonso fêz tais *inquirições*, quere dizer, obrigou todos a porem para ali os seus títulos, para se saber se tinham as terras com direito ou sem êle, estabeleceu mais as famosas confirmações que punham a fidalguia sempre na dependência da coroa, porque cada novo rei confirmava ou não confirmava as doações dos outros, e finalmente proïbiu aos conventos que arranjassem mais terras. E vai o povo o que fazia? Sempre que se podia livrar dos fidalgos e dos padres por qualquer modo e feitio, formava-se um concelho. Então continuavam a pagar tributo, e serviam nas guerras, mas não estavam sujeitos a ninguém, governavam-se êles por si, e tinham as terras muito suas. Ora, como os reis é que os podiam ajudar a ver-se livres da fidalguia, chegavam-se para êles, e os reis, que tinham nos concelhos gente que também ia à guerra e que lhes pagava tributos, encostavam-se para êsse lado, para terem quem lhes valesse, quando os barões ou bispos se faziam finos. Aqui tens tu explicado pela rama como cada concelho, que se formava, era ao mesmo tempo um asilo de liberdade para o povo e um auxiliar para o rei contra as ameaças dos fidalgos.

— Muito obrigado, sô João da Agualva, tornou o Manuel; mas sempre lhe digo que quem não sabe é como quem não vê. Ora quem me *havera* de dizer que essa história de ter uma terra, um pelourinho no meio da praça, era de tanta vantagem cá para o povo! Pois até Domingo, e tomara eu que passasse depressa a semana, porque divertimentos como êste é que há muito tempo a gente não anpanha.

QUARTO SERÃO

D. Deniz. — A Universidade de Coimbra. — Os templários. — Santa Isabel. — D. Afonso IV. — A batalha do Salado. — Morte de D. Inês de Castro. — D. Pedro I. — D. Fernando I. — Leonor Teles. — Estado de Portugal no fim do reinado de D. Fernando.

— Meus amigos, principiou o João da Agualva, corriam os anos, e lá por êsse mundo de Cristo iam todos abrindo os olhos. Os romanos, como lhes disse, eram um povo que sabia o nome aos bois. Êles faziam estradas, êles faziam edifícios que ainda hoje, arruïnados, deixam ficar uma pessoa embasbacada, êles tinham escolas, o diabo! Mas depois, vieram os bárbaros dos bosques da Alemanha e da Rússia, e zás, trás, catrapás, lá se foi tudo pela água abaixo. Por muito tempo não se pensou senão em pancadaria. Tudo era gente rude, os reis não sabiam ler nem escrever, os povos falavam uma língua assaralhopada que nem era latina, nem deixava de o ser. Mas a pouco e pouco foram-se aclarando as cousas, foi havendo estudos, e D. Deniz, que subiu ao trono depois da morte de D. Afonso III,

era já sabichão. Êle fazia os seus versos de pé quebrado, que a gente hoje quási que não entende, mas que eram já escritos numa língua com têrmos, êle enfim viu que havia escolas por êsse mundo onde se ensinava tudo o que então se sabia, e quis também ter uma, que foi a Universidade de Coimbra. Depois tratou de fazer do reino alguma cousa com jeito. Já não tinha que pensar em mouros, e então pensou na lavoura, pensou na marinha, pensou em tudo o diabo do homem! Mandou vir capitãis de navios, de Itália, para ensinarem os nossos e ajudou os navegantes do Pôrto, que sempre foram gente desembaraçada, a criar uma espécie de companhia de seguros, e não se descuidou também de dar para baixo na nobreza e nos padres para êles se não fazerem finos, e dava-lhes de modo que êles não tinham razão de queixa, porque era sempre com justiça. Ora, por exemplo, dantes havia uma espécie de frades que se chamavam freires militares, que eram, como quem diz, frades e soldados ao mesmo tempo. Em vez de fazerem voto de rezar e de jejuar, faziam voto mas era de dar bordoada nos mouros. Havia umas poucas de ordens nesse gôsto: a ordem dos Templários, a de Santiago, a de Aviz e outras. Ora, como é de ver, êsses templários, por exemplo, que se fartavam de tomar terras aos mouros, com algumas haviam de ficar para si. E depois tinham doações; enfim, eram ricos a valer. O que acontecia por cá, também acontecia lá por fora. Sucedeu, pois, que um rei de França e um Papa acharam excelente apanhar para si essas riquezas

tôdas, e acabaram com a ordem dos Templários em tôda a parte; mas D. Deniz, que era um homem sério, não esteve pelos ajustes, e entendeu que seria um roubo tirar aos homens o que êles tinham ganho à custa do seu sangue, e então, como não havia de desobedecer ao Papa, aboliu a ordem dos Templários, mas passou todos os bens para a outra que pediu ao Papa que criasse e a que chamou ordem de Cristo.

— O' Sr. João, preguntou o Francisco Artilheiro, êsse D. Deniz era marido da rainha Santa Isabel?

— Era sim, rapaz, e já vou falar nessa rainha, que foi também uma das bênçãos de Portugal nesse tempo. Era filha do rei Aragão, e bem se pode dizer que aquela é que foi uma verdadeira santa. Pobre senhora! Não lhe faltaram desgostos, não. Primeiro houve grande bulha entre o marido e o cunhado, D. Afonso Sanches, que embirrou em que lhe pertencia a coroa, a-pesar-de ser mais novo; depois, e isso foi o pior, o filho, que veio a ser D. Afonso IV, revoltou-se contra o pai, e porquê? Porque el-rei D. Deniz, que era frecheiro, e que se fartou de ter filhos bastardos, parecia que olhava mais por êles do que pelos próprios filhos do matrimónio. Imaginem o desgôsto da rainha! Primeiro, porque enfim não havia de gostar muito de ver o marido sempre ao laré com esta e com aquela a arranjar filhos por fora de casa, e depois por ver assim a guerra acesa entre seu marido e seu filho. E ainda por cima o rei desconfiou que ela ia de

acôrdo com o filho, e chegou até a tratá-la mal, e a mandá-la sair da côrte. Pobre senhora! aquilo era o que ali estava. Ela tudo suportou com resignação — as infedelidades e as injustiças do marido; só o que queria ver era tudo em paz. E sempre o conseguiu. Tanto pediu, tanto chorou, que o filho e o pai vieram às boas. Mas daí a pouco tornava a haver intrigas, e o D. Afonso, que era um vivo demónio, torna à pancadaria com o pai. Pois senhores, a batalha estava para ser aqui ao pé de Lisboa, no Campo Grande; mas, quando já começavam à lambada, aparece no meio dêles a boa rainha, que foi mesmo o anjo da paz, e depois que ela aparece, ninguém mais se atreveu a levantar a lança. Oh! rapazes! digo-lhes que até me parece que não era necessário que o Papa a fizesse santa, para que o povo a adorasse! Pois então, se aquela não fôsse santa, quem é que o havia de ser? Dizem que mudava o ouro em rosas, e rosas em ouro. Isso creio eu, que aquelas bentas mãos haviam de mudar em flores tudo em que tocassem, porque eram, como o outro diz, mãos puras e boas, como a aragem de maio! Mas milagres maiores fazia ela ainda, porque as lágrimas que chorava em segrêdo caíam depois sôbre a cabeça do pai e do filho como orvalho de paz e como chuva de amor! Sim! Sim! — continuou o bom do João da Agualva, com voz trémula, e meio a chorar, — digam lá vocês que ela não mudava, tudo em que tocava, em rosas, quando agora mesmo, que diabo! só de falar nela, parece que até as palavras da minha bôca se estão mudando em flores!

— Ai! a minha rica santa Isabel! Exclamou a tia Margarida, pondo as mãos, num enlêvo. Coitadinha da minha rica santa que foi logo casada com um homem tão mau!

— Não era mau, não senhora, tornou o João da Agualva, foi até um dos melhores reis que nós tivemos, mas, como êle às vezes lá escorregava o seu pedaço, e nem sempre tratou a santa como ela merecia ser tratada, bastou isso para que o povo começasse a inventar coisas, que êle era um sovina, um desconfiado, um unhas de fome, e até os pintores, quando fazem o quadro do milagre das rosas, põem-no com uma carantonha de meter mêdo, que ninguém dirá que está ali o rei poeta, o rei a quem chamam o pai do povo, o rei que não quis roubar os templários, o rei que fundou a Universidade de Coimbra, o rei que tanto se desvelou pelo bem do país! E' que as injustiças, por mais pequenas que sejam, sempre vêm a pagar-se, e D. Deniz, êsses pecados que teve, pagou-os bem caro, primeiro com a revolta de seu filho, depois com a injustiça do futuro, e agora vão vocês ver como o filho também pagou o que fizera ao pai, porque em 1325 morreu el-rei D. Deniz e subiu ao trono D. Afonso IV, a quem chamavam o *Bravo*.

— Ora vamos lá ver o que fêz êsse senhor, disse uma voz.

— D. Afonso IV, meus amigos, tinha muito boas qualidades. Era, por exemplo, um homem de muito bons costumes, e foi isso até que o levou a praticar uma acção... enfim, depois falaremos. Era homem

sério, mas arrebatado e vingativo. A primeira coisa que fêz, assim que subiu ao trono, foi vingar-se dos irmãos, por cuja causa tivera as bulhas com o pai. Daí, guerra. Quem acudiu? A rainha Santa Isabel.

Casou uma filha com Afonso XI, rei de Castela. Êste, que era do feitio de D. Deniz, começou a largar a mulher e a meter-se com uma tal D. Leonor de Gusmão. D. Afonso IV, que ficara embirrando de-veras com êsses arranjos depois das turras com o pai, começou a criar má vontade ao genro, e zás, toma que te dou eu, ao primeiro pretexto que teve, aí começam as bulhas. Foi uma guerra de cá-cá-rá-cá, que não prestou para nada, mas que sempre fazia mal ao povo. No mais, seguiu à risca o exemplo do pai. Tratou o povo, teve os fidalgos muito na mão, mais os padres também. E então com êsses não foi lá só por causa das terras a que deitavam a unha, foi também por causa dos maus costumes, porque êles gostavam de passar vida airada e outras coisas que D. Afonso IV lhes não levou a bem. Por isso apanharam uma vez uma rabecada, numa carta que D. Afonso escreveu ao Papa, que foi de ficarem de cara à banda.

— Bem feito! acudiu a tia Margarida. Êsse rei sim! êsse é que me quadra. Bem se vê que era filho da rainha Santa Isabel!

— Espere lá, tia Margarida, não fale antes de tempo, que, como diz o outro, até ao lavar dos cestos é vindima. Houve no reinado de D. Afonso IV duas coisas famosas: a primeira, a batalha do Salado, depois, a morte de D. Inez de Castro.

— Foi com os espanhóis a batalha do Salado?

— Não, homem, foi dada até para os ajudar. Já lhes disse, meus amigos, que nós desde o reinado de D. Afonso III tínhamos pôsto os mouros na rua. Mas os espanhóis ainda não tinham conseguido o mesmo, os mouros estavam reduzidos apenas ao reino de Granada, mas sempre isso era alguma coisa. Ora agora ali em Marrocos estava, como sabem, a moirama tôda. Imaginem que um belo dia o tal miramolim de Marrocos, ou como diabo se chama êle, desaba em Espanha com o poder do mundo, e junta-se ao rei de Granada para darem cabo do rei de Castela. Era êste D. Afonso XI, genro do nosso D. Afonso IV. Aterrado com o perigo, pediu socorro ao sogro, a-pesar-de estar mal com êle; mas o nosso rei, homem ajuïzado, viu que a ocasião não era para dize tu direi eu, que não era só Castela que estava em perigo, estava em perigo a Espanha tôda; se Afonso XI levasse uma tareia e perdesse algumas províncias, ficavam aqui os mouros de raiz, e tinha de começar outra vez a pô-los fora. Por isso não esperou por mais nada, ajuntou quanta gente pôde, e foi em socorro do genro. O nosso rei era homem de pulso e os nossos soldados também eram pimpões. O socorro não foi mau. Na batalha do Salado os mouros levaram uma sova de primeira ordem, e nunca mais os de Marrocos vieram cá meter o nariz dêste lado do mar. D. Afonso IV voltou para a sua terra sem ter querido aceitar coisa alguma da grande prêsa que fizeram...

— E isso de D. Inez de Castro o que foi, ó

Sr. João da Agualva? preguntou a tia Margarida. Não foi essa Inez de Castro que esteve aqui em Belas, que até ali na quinta do Marquês há uma árvore a que chamam Inez de Castro?

— Ora adeus, tia Margarida! esteve agora em Belas! quere dizer, eu, como não andei com ela por tôda a parte, não sei se por cá passaria alguma vez, mas onde viveu principalmente foi em Coimbra. Era uma espanhola esta Inez de Castro, linda como os amores, loura como o sol, e com o pescoço tão bonitinho, que lhe chamavam o *colo de garça*. Veio para Portugal como dama da Infanta D. Constança que foi mulher do príncipe D. Pedro, filho de D. Afonso IV, mas o príncipe parece que gostou mais da dama que da mulher. Tristes amores foram aquêles, rapazes! Ela tinha pelo seu Pedro um fatacaz lá de dentro, que estou em dizer que mais gostaria ela de que êle fôsse um pastor do que filho de um rei. A princesa D. Constança morreu, e para isso não deixaria de concorrer a paixão do marido, que, por mais que êle a quisesse esconder, rebentava por todos os lados. Coitada da princesa! tudo fêz para arredar o marido daquêles malaventurados amores. Mas então! vão lá fugir ao destino! Pediu a Inez de Castro que fôsse madrinha de um filho que ela teve, porque nesse tempo haver amores entre compadres e comadres quási que era maior pecado que havê-los entre irmãos. Nada! aquilo era como um fogo valente que tanto mais se acende quanto mais água lhe deitam. Enfim, morreu a princesa, e D. Pedro e D. Inez ficaram à vontade,

porque até aí tinham guardado respeito à pobre senhora. Casariam? D. Pedro assim o jurou depois, mas estou em dizer que não, porque para casarem era necessária dispensa graúda, que o Papa não daria assim sem mais nem menos e com tanto segrêdo como o príncipe queria. Mas, ou casassem ou não, é certo que tiveram três filhos, e que o príncipe D. Pedro não queria saber de mais nada senão da sua loira Inez.

D. Afonso IV não viu isso com bons olhos. Sabem como êle era. Vivia só para sua mulher, queria tudo em boa ordem, e não gostava dessas fraquezas. Os fidalgos também não gostavam, mas êsses por outras razões. Tinha D. Inez muita parentela, e diziam consigo que, apenas D. Afonso IV fechasse os olhos, eram os Castros que davam as cartas em Portugal. Começaram a ferver as intrigras, e chegaram a aconselhar o rei que, visto que não havia fôrças humanas que arrancassem D. Pedro à sua Inez, o melhor era darem cabo dela. D. Afonso IV torceu o nariz, mas lá por dentro estava em brasa. Ora, imaginem vocês! D. Afonso, no princípio da sua vida, tivera os maiores desgostos por causa dos bastardos de seu pai. Também o tinham feito de fel e vinagre os amores de seu genro com D. Leonor de Gusmão, morria pelo neto, um rapazinho bonito como a aurora, que tinha de ser depois D. Fernando, o Formoso. Lembrou-se das amarguras que viriam causar ao rapazito os filhos da amante querida, que talvez até lhe roubassem a coroa. Subiu-lhe a mostarda ao nariz com a teima

do filho, e deu ordem aos seus três conselheiros, Álvaro Gonçalves, Diogo Lopes Pacheco e Pedro Coelho para que o livrassem de D. Inez. Aí vão todos até Coimbra, onde estava muito sossegada a triste da rapariga. Ela, apenas suspeitou do caso, veio com os filhos lançar-se aos pés do rei. O pobre D. Afonso enterneceu-se, mas os conselheiros é que viram o caso mal parado. «Se êle perdoa, disseram consigo, nós é que pagamos as favas». Não esperaram que D. Afonso resolvesse as cousas de outro modo. Foram-se à pequena, e, enquanto o diabo esfrega um ôlho, ferraram com ela no outro mundo!

— Ai que malvados! bradaram todos.

— Isso eram, tornou o João da Agualva. Sim! que eu não desculpo D. Pedro, nem a desculpo a ela. Se uma mulher, só porque gosta dum homem, não está lá com mais cerimónias e passa a viver com êle, sem a bênção do padre, aonde irá isto parar? Mas também matá-la sem mais nem menos, matá-la no meio de seus filhos, matar uma pobre menina, que não fazia senão chorar, ah! só uns malvados eram capazes de fazer semelhante coisa. Por isso, também vêem vocês? D. Afonso foi um bom rei, um homem de bons costumes, um valente, tudo quanto quiserem, mas a-final de contas preguntem aí a um pequeno: — Quem era D. Afonso IV? Cuidam que êle que lhes responde: «Era um bom rei, isto, aquilo e aquel'outro»? Não, senhores, diz logo: «Foi o rei que matou Inez de Castro». E como assassino é que a gente o conhece, e no seu mano

real não se vê o sangue das batalhas, vê-se mas é o sangue de Inez! E esta? se a não matassem, o que diria a história? Foi a amante de um rei. Olhem que glória! E assim? Todos choram por ela, como a tia Margarida, que está ali a limpar os olhos com a ponta do avental.

— E o que fêz D. Pedro? preguntou o Manuel da Idanha.

— O que fêz D. Pedro? Ah! com os diabos! Imaginem! Êle ainda tinha pior génio que o pai. Apenas soube do que sucedera, aquilo parecia um leão ferido. Saltou logo para o campo em som de guerra, e D. Afonso pagou o que fizera ao pai, porque teve também um filho revoltado contra si. Correu muito sangue por êsse reino, até que enfim se fêz a paz, mas D. Afonso IV pouco tempo sobreviveu; morreu em 1359, dois anos depois da morte da D. Inez.

— Subiu ao trono D. Pedro, não é verdade? preguntou com muito interêsse o Manuel da Idanha.

— E' verdade que sim, e, meus amigos, então é que se viu o amor lá de dentro que êle tinha à sua Inez. Apenas subiu ao trono, os assassinos da Inez de Castro safaram-se para Espanha, mas D. Pedro lá fêz o seu negócio com o rei de Castela, de forma que apanhou os criminosos, menos um, Diogo Lopes Pacheco, que conseguiu fugir. Assim que os teve em seu poder, fêz-lhes torturas. A um mandou arrancar o coração pelo peito e a outro pelas costas.

— Credo! exclamou a tia Margarida.

— Por isso lhe chamavam D. Pedro o Cruel,

assim como também lhe deram o nome de D. Pedro o Justiceiro. Justiça fêz êle, porque bradava aos céus a morte de D. Inez, mas uma crueldade assim é de se porem a uma pessoa os cabelos em pé! Que mais querem? D. Pedro parece que não pensava noutra coisa senão na sua Inez, êle transladou-a com um estadão nunca visto, de Coimbra para Alcobaça, onde lhe mandara fazer um túmulo que era uma lindeza. Êle declarou que tinha casado com ela, e até se diz que a sentou, depois de morta, no trono e mandou que todos lhe beijassem a mão. Mas isso parece-me patranha, ainda que D. Pedro era capaz dessas extravagâncias e de muitas mais. Porque efectivamente, meus amigos, parece-me que êle tinha endoidecido com a morte de D. Inez. Tinha assim de-repente umas fúrias, que era livrar quem estivesse diante. Era justiceiro, é verdade, mas fazia justiça à doida e à bruta. Outras vezes entrava por essa Lisboa dentro a dançar muito contente da sua vida. Governava bem, não há dúvida, punia pelo povo, abaixava a proa aos bispos, conservava o reino em paz, e juntava bom dinheiro nos cofres para uma ocasião de apuros, mas era ao mesmo tempo umas mãos rôtas com os fidalgos, que tornaram a fazer-se finos como se viu depois.

Foi em 1367 que D. Pedro morreu, e logo subiu ao trono D. Fernando, a quem chamavam o Formoso, de bonito que era. Lá que êle tinha telha, isso é que não parece dúvida, porque nunca se viu uma ventoínha assim. Aquilo era mesmo um galo de tôrre de igreja. Primeiro deu-lhe na tonta o que-

rer ser rei de Castela, demais a mais não tendo jeito nenhum para a guerra, e não gostando de batalhas. Daí o que resultou? Gastou o que tinha, levou pàsada de criar o bicho, e teve de fazer as pazes. Mas vejam vocês que cabecinha! Quando fêz a guerra a Castela, aliou-se com o Aragão, mandou-lhe para lá bom dinheiro, e prometeu casar com a filha do rei, que se chamava D. Leonor. Fêz as pazes com o de Castela, e, sem se lembrar já do primeiro casamento, promete casar com a filha do rei castelhano, que também se chamava Leonor. O de Aragão não fêz caso, meteu o dinheiro português, que lá tinha, nas algibeiras, e nunca mais deu contas. Mas o pior não é isso, o pior é que D. Fernando também não casou com D. Leonor de Castela, porque neste meio tempo namorou-se de uma dama do paço, chamada D. Leonor Teles, e desposou-a! Ao menos numa coisa era êle constante: é que não saía das Leonores.

Esta Leonor Teles foi o que se chama uma mulher de truz, bonita como as que são, manhosa como a serpente, e dando, como a nossa mãi Eva, o cavaquinho pelo fruto proïbido. Quando casou com D. Fernando já era casada com um D. João Lourenço da Cunha, mas lembrou-se à última hora de que ainda eram parentes, e o rei arranjou do Papa que desfizesse o casamento. João Lourenço da Cunha deu graças ao céu por se ver livre da mulher que estava para lha pregar mesmo na menina do ôlho, e D. Fernando levou D. Leonor Teles para casa. Mas o povo é que não esteve pelos autos e

gritou e berrou e fêz tumulto, tanto que el-rei safou-se de Lisboa. Houve mosquitos por cordas por êsse reino todo, e a-final acabou tudo em paz. D. Leonor ficou sendo rainha, os de Lisboa apanharam para o seu tabaco e D. Fernando não tardou a levar a paga.

O rei de Castela achou que D. Fernando o tratara com tal ou qual sem-cerimónia, e quis-lhe dar uma lição de bem viver. Veio a Portugal, chegou a Lisboa, entrou por aí dentro, fêz um estrago de seiscentos demónios, e dava cabo da capital, se D. Fernando lhe não vem pedir pazes, que, já se vê, saíram caras. Aqui ficámos finalmente em sossêgo, e então D. Fernando parecia outro homem. Sabia governar aquêle rapazote, quando as mulheres lhe não faziam andar a cabeça à roda, ou quando se lembrava de ter outros reinos. Era económico e arranjado. Sabia pôr as coisas no seu lugar. Foi êle que cercou Lisboa de fortificações, que depois não serviram de pouco ao sucessor.

Mas, coitado, acertara mal, em todos os sentidos, com a tal D. Leonor Teles, que era mesmo o demónio em pessoa; quando se enfastiou dêle, tomou amores com um galego que vivia em Portugal, chamado conde de Andeiro. El-rei, entretanto, meteu-se outra vez em guerra com Castela, e pediu auxílio aos inglêses. Oh! rapazes, que tristes tempos foram aquêles! A vida do paço era um desafôro. Estava ali aquela mulher, aquela... não sei que diga, a pôr na cabeça a coroa da rainha Santa Isabel, a coroa que não pudera pôr nos seus cabelos

louros a pobre Inez de Castro, que, a-pesar-de todos os pesares, era mil vezes mais capaz do que a rainha de contrabando, que andou de um para outro, sem vergonha de qualidade nenhuma! E ainda por cima era malvada! vingativa! E para ela a vida de um homem valia tanto . . . como . . . a honra do marido, que é o mais que se pode dizer!

O povo desgraçado, porque tudo se juntava. As guerras com Castela, sempre infelizes! Os inglêses, como sempre, a-pesar-de amigos, muito piores do que fôssem inimigos. Os fidalgos de Castela, que tinham tomado o partido de D. Fernando, tratados aqui à grande! e ainda por cima D. Fernando sem ter filhos, e com a filha única já casada com D. João I de Castela. D. Fernando a-pesar-da sua cegueira, já ia percebendo as coisas, e tinha lá por dentro um desgôsto que o ralava. Também em 1383, tendo apenas trinta e oito anos de idade, esticou a canela, depois de um reinado que podia ter sido muito proveitoso, e que, assim, foi uma desgraça para todos. E eu também me vou chegando para a cama, não sem lhes dizer que houvera mudança completa no modo de viver da nossa gente nestes últimos reinados. Os fidalgos tinham levado para baixo, e estavam já em grande parte, por assim dizer, às sopas dos reis. Os concelhos do povo tinham-se feito fortes, e batiam o pé à fidalguia, e ao clero, principalmente, nas côrtes, em que entravam. O resultado de tudo isto é o que vocês hão-de ver de hoje a oito dias.

QUINTO SERÃO

Interregno. — Regência de Leonor Teles. — Morte do Conde de Andeiro. — O cêrco de Lisboa. — Nuno Álvares Pereira e João das Regras. — As côrtes de Coimbra. — D. João I. — A batalha de Aljubarrota. — Os filhos de D. João I. — Tomada de Ceuta. — Os descobrimentos. — D. Duarte. — Expedição de Tânger. — Menoridade de D. Afonso V. — O Infante D. Pedro. — Batalha de Alfarrobeira. — Tomada das praças africanas. — Guerras com a Espanha. — Batalha de Toro. — Ida de D. Afonso V a França. — Continuação dos descobrimentos.

— Meus amigos, disse o João da Agualva no outro domingo, o que eu agora vou contar há-de parecer assim a vocês grande patranha, e a todos pareceria, se não houvesse tantas provas da verdade. E' caso de uma pessoa ficar pasmada ver o que fêz êste país só, ao canto do mundo, pequeno como é. Oiçam, pois, rapazes, com atenção. Apenas morreu el-rei D. Fernando, tratou logo D. Leonor Teles de fazer proclamar rainha de Portugal a sua filha D. Beatriz, que era uma pequenota casada com o rei de Castela D. João I, e ao mesmo tempo fêz-se

regente. O povo, que não queria ser castelhano, ou espanhol como hoje diríamos, nem que o matassem, começou a levantar-se por tôda a parte. Mas o que faltava era um chefe. Os filhos de D. Inez de Castro andavam fugidos por fora de Portugal, um por isto, outro por aquilo, mas quem estava em Lisboa era um rapaz muito simpático, filho bastardo de el-rei D. Pedro, que êste fizera mestre de Aviz, e a quem D. Leonor Teles sempre tivera muito ódio. A êle se dirigiram. O mestre viu que não havia remédio senão fazer o que o povo queria. Toma logo a sua resolução, vai ao paço e mata êle mesmo o Conde de Andeiro; à frente do povo de Lisboa, põe no meio da rua D. Leonor Teles e proclama-se *defensor do reino*. O povo toma todo, sem excepção, o seu partido, e por tôdas as províncias; mas uma grande parte dos fidalgos foram para o rei de Castela. Entre os que ficaram figurava um rapaz simpático também, valente como as armas, leal como a sua espada, amigo íntimo e dedicado do mestre de Aviz, Nuno Álvares Pereira.

Sabedor do que se passava, desce a Portugal o rei de Castela com um exército poderoso; mas pára diante Lisboa já fortificada. Os lisboetas, comandados pelo mestre de Aviz, defenderam-se como uns homens, e o rei de Castela teve de se pôr na pireza; entretanto Nuno Álvares Pereira, que estava no Alentejo, ganhava a batalha dos Atoleiros, e começava a estabelecer um sistema de guerra que havia de dar muito de si. Como os concelhos estavam todos com o mestre de Aviz, a fôrça do exér-

cito era principalmente infantaria. Pois D. Nuno A'lvares Pereira aproveitou isso para ensinar os nossos a combaterem a pé. Formava uma espécie de quadrado, ou como é que se chama, com os seus soldados, quadrado onde a cavalaria fidalga vinha sempre despedaçar-se.

— Ah! se êles calavam baioneta, observou o Francisco Artilheiro, não entrava lá dentro nem um cavalaria só que fôsse.

— Não calavam baioneta, respondeu o João da Agualva, porque era coisa que não havia, mas fincavam as lanças no chão, e fôssem lá entrar com êles.

Acabado o cêrco de Lisboa, reüniram-se os dois amigos, e foram conquistar tôdas as terras de Portugal em que os fidalgos tinham levantado a bandeira de Castela. Ao mesmo tempo reüniram-se côrtes em Coimbra, para se escolher um rei. Aí teve D. João I outro amigo, advogado de mão cheia, fino como um coral, chamado João das Regras, que foi quem lhe fêz ganhar a eleição. Assim, o mestre de Aviz tinha a felicidade de ter dois amigos particulares que o serviam excelentemente, e cada um segundo o seu ofício. Para as coisas de pena e parlenda, João das Regras; para batalhas e mais bordoada correspondente, Nuno A'lvares Pereira.

— Mas então as côrtes é que escolheram quem havia de ser rei? preguntou o Manuel da Idanha.

— Tal e qual.

— E eram côrtes como as de agora? acrescentou o Bartolomeu.

— Não, senhor, havia os três braços, como então

se dizia, clero, nobreza e povo. Os bispos e os conventos mandavam os seus escolhidos, os fidalgos mandavam os seus e o povo também, quere dizer, cada concelho mandava o seu procurador. Antes de D. Afonso III, iam só os padres e os fidalgos, depois é que também o povo começou a figurar nestas festas; mas nestas côrtes, que se reüniram em Coimbra, como muitos fidalgos estavam metidos com o rei de Castela, pode-se dizer que foi o povo quem escolheu, e que o mestre de Aviz, isto é, D. João I, foi verdadeiramente o eleito do povo.

— E aí lhe valeu o João das Regras? acudiu o Manuel da Idanha.

— Isso mesmo, porque lá para falar não havia outro como êle. Mas daí a pouco tornou-se necessário falar outra língua, a língua das espadas, e nessa, quem lia de cadeira era Nuno Álvares Pereira, que o novo rei fêz logo condestável. Os castelhanos, que tinham ido de cara à banda, voltaram à carga, e dessa vez com um exército imenso, porque o D. João I de lá tinha resolvido acabar de todo com o D. João I de cá. Antes de vir o rei com tôda a sua fidalguia, já um corpo espanhol tinha entrado pela Beira dentro, mas em Trancoso levou uma tareia de primeira ordem. Não se emendaram e disseram consigo: «Agora é que vão ser elas». A falar a verdade tinham razão. D. João I de Portugal teria, quando muito, uns oito ou nove mil homens, D. João I de Castela não tinha menos de trinta mil, e além disso trazia consigo peças de artilharia que era a primeira vez que se viam em Portu-

gal. Encontram-se os dois exércitos em Aljubarrota, que fica entre Alcobaça e Leiria, a 14 de Agôsto de 1385, grande dia, rapazes! Eu não sei que diabo tinham os nossos, mas parece que os animava um esfôrço sobrenatural. E êles não eram nenhuns fracalhões, os castelhanos, era tudo gente valente e destemida, mas os nossos estavam todos resolvidos a morrer ali mesmo. Depois tinham cabos de guerra que sabiam da poda, enquanto os de lá eram valentes e mais nada. De lá, eram tudo fidalgos muito bem montados, com as suas espadas a luzir ao sol; de cá, gente do povo, soldados de pé, mas que todos queriam ser portugueses com o seu rei que êles tinham feito, e que também com êles queria vencer ou morrer. E por isso Nuno A'lvares dizia: «Rapaziada, pé em terra! e zás! lanças no chão, e venha para cá a fidalguia castelhana, mais os traidores portugueses que se uniram ao estrangeiro». E não é dizer que não houvesse fidalgos também de cá. Oh! se os havia, e dos bons e dos melhores, porque eram todos os que tinham preferido morrer com um rei português a receber do estrangeiro honras e castelos, gente briosa e valente, e aventurosa, que combatia pelo seu rei, e pela sua dama, e pela sua honra, e pela sua pátria. Também, não lhes digo nada, nunca levaram os espanhóis tão formidável refrega. Por muito tempo lhes ficou lembrada, e o rei, que fugiu a tôda a brida para Santarém e de Santarém para a sua terra, não se podia consolar de semelhante desastre. D. João I mandou fazer, no sítio da batalha, uma igreja e um

convento maravilhoso, a igreja e o convento da Batalha, para agradecer a Deus a sua vitória, — e razão tinha para isso, porque foi Deus de-certo quem deu aos portugueses o esfôrço e a galhardia que então mostraram; que, eu, meus amigos, não sou dos que acreditam que Deus se mete nestes barulhos dos homens, mas quando um povo combate pela sua terra, que é como quem diz, quando um filho combate pela sua mãi, então, meus amigos, há uma coisa cá dentro em nós, que vem a ser a consciência a bradar-nos que Deus, que é a justiça e a bondade, há-de querer a vitória do que é justo e do que é bom.

— E a padeira de Aljubarrota, Sr. João da Agualva? preguntou o Francisco Artilheiro.

— Deixemo-nos lá de padeiras. Eu não sou muito amigo de mulheres que se metem nestas danças. A padeira era melhor que amassasse pão. Se é verdade o que se diz, quando os castelhanos já iam de rota batida, a padeira foi-lhes no encalço e deu cabo de sete com a pá do forno. Olhem que grande façanha: matar quem vai fugindo! Aquilo era mulher de faca e calhau, e eu torço sempre o nariz a essa gentinha. Vamos adiante. A batalha de Aljubarrota decidiu a sorte de Portugal. Ainda durou a guerra muito tempo, ainda o condestável deu nova tareia nos espanhóis em Valverde, mas a verdade é que estava tudo acabado. D. João I governou então em sossêgo, casou com uma senhora inglêsa muito virtuosa e muito boa, D. Filipa de Lencastre, teve muitos filhos que educou muito bem,

e que foram todos homens de saber e alguns dêles grandes homens, chamou muitas vezes as côrtes para ouvir o que elas tinham que lhe dizer àcêrca dos Negócios do Estado, e governou tão bem, que se lhe chama, com tôda a justiça, o rei da *Boa Memória*. Já em idade adiantada, trinta anos depois da batalha de Aljubarrota, sentiu D. João I um apetite de tentar alguma emprêsa grande. Quem o meteu nisso foram os filhos, tudo rapazes decididos que andavam mortos por se meter nalguma coisa que lhes desse glória. O que haviam de fazer? Foram-se aos mouros. Passaram o estreito, e tomaram Ceuta que fica ali mesmo defronte de Gibraltar. Vêem vocês? Aquilo era uma raça que não podia estar quieta. Enquanto jogavam as cristas com os vizinhos, ia tudo bem. Mas depois? Os aragoneses viravam-se para Itália, os castelhanos lá tinham os mouros granadis, nós o que tínhamos? Os mouros de Marrocos e as ondas do Oceano. Pois foram as ondas e os mouros que pagaram as favas. D. João I tomou Ceuta, e D. Henrique, seu filho, deliberou tomar o desconhecido.

—O Sr. João, exclamou o Francisco Artilheiro, devo confessar que lá isso é que eu não percebo muito bem.

—Pois eu te explico, rapaz. Julgava-se dantes que do outro lado do mar não havia coisa nenhuma, ou antes, que as ondas lá para longe eram um verdadeiro inferno ou um paraíso também, porque uns diziam que tudo para além eram ilhas de santos e jardins do céu, e outros que eram ilhas do diabo e

terras de maldição; que havia umas estátuas encantadas que não deixavam passar ninguém, e um mar de pês que engolia os navios. Ora vocês hão-de saber que pode uma pessoa ser muito valente, e ter mêdo de almas do outro mundo, e de feitiços e do diabo. Ali está o Francisco Artilheiro, que, quando foi na expedição à África, se atirou ao Bonga como gato a bofes, que é capaz de varrer uma feira, e que, se lhe disserem que vá de noite ao palácio do marquês, lá ao corredor onde dizem que fala a voz do Roque...

— T'arrenego! exclamou o Francisco Artilheiro, um homem é para um homem, mas lá uma alma do outro mundo!...

— Ora aí está! era o que acontecia aos soldados de D. João I. Com mouros e castelhanos tudo o que quisessem, mas com as aventesmas do mar... arreda! Pois imaginem vocês se D. Henrique não fêz um milagre conseguindo que os marinheiros do Algarve, porque êle, desde que pôs o fito em querer saber o que o mar escondia, foi-se estabelecer em Sagres, mesmo na ponta do cabo de S. Vicente, — conseguindo que os marinheiros do Algarve se metessem às ondas, sem mêdo de fantasmas, nem de avejões. E foram aquêles valentes que fizeram tão grande no mundo êste país tão pequeno, e partiram por êsses mares fora, sem saber o que por lá havia, e sempre a tremer da perdição da vida e da perdição da alma, e foram, e encontraram a Madeira, e encontraram os Açôres, e Gil Eanes dobrou o cabo Bojador, que era onde diziam que estavam as tais

estátuas encantadas, e, como não encontrou estátuas nenhumas, lá foi tudo atrás dêle, e, de repente, Portugal pôde desenrolar diante do mundo um outro mundo ignorado, a costa da A'frica tôda, com os seus grandes rios, os seus bosques verdes, o seu povo de pretos, como eu vi, num teatro de Lisboa, desenrolar-se diante da plateia pasmada um pano pintado com cidades e quintas e ilhas e rios, que era de uma pessoa ficar de bôca aberta. Ah! meus amigos, podem agora não fazer caso de nós, e podemos nós também dizer mal de nós mesmos, mas um povo que assim se atreve a arcar com o que mete mêdo aos mais valentes, e abre aos outros as portas de um mundo maravilhoso, é um grande povo, digam lá o que disserem.

— E D. João I é que fêz tudo isso? preguntou o Manuel da Idanha.

— Não foi êle, mas foi o filho, D. Henrique, que era um sábio, e que a seu pai deveu a educação que recebera; e o grande rei, que salvara Portugal do estrangeiro, teve a glória, antes de morrer em 1433, de ver começada essa obra que havia de tornar para sempre grande no mundo o seu nome e o nome de Portugal.

Sucedeu-lhe seu filho, D. Duarte, a quem chamaram o *Eloqüente*, pelo bem que falava e que escrevia, porque também fazia livros como o rei D. Deniz, e livros muito bem feitos. Coitado! não merecia a sorte que teve. Os irmãos, D. Henrique e D. Fernando, quiseram continuar a obra do pai, e foram tomar Tânger. Não o conseguiram, perde-

ram muita gente, e para se salvar o exército das garras dos mouros, teve de ficar prêso na Moirama o infante D. Fernando. Para o livrar era necessário entregar Ceuta, mas o infante D. Fernando, que bem mereceu o nome de *Santo* que lhe puseram, não quis nunca ouvir falar em semelhante coisa, e preferiu morrer atormentado nas masmorras de Fêz a consentir que dessem por êle aos mouros uma terra, que tanto sangue nos custara. Tudo isto foram desgostos grandes para o pobre D. Duarte, que morreu, depois de cinco anos de reinado, em 1438, da peste que então assolou o reino, porque não houve desgraça que nesse tempo não acontecesse.

Sucedeu-lhe um filho pequeno que tinha e que foi D. Afonso V, e, como D. Duarte era muito amigo da mulher, foi a ela que nomeou regente. Ora, na verdade, tendo o pequeno uns poucos de tios que seriam todos grandes reis, como D. Pedro, D. Henrique e mesmo D. João, dar a regência a uma mulher, e de mais a mais espanhola, era tolice graúda, por isso o povo não gostou, e as côrtes convidaram D. Pedro a tomar conta da regência. A rainha, que era levada da breca, e que nunca pudera ver os cunhados, deu pulo de corça com esta resolução, a que foi obrigada a ceder, e, com o partido que tinha, agitou o reino, de tal maneira que D. Pedro não teve remédio senão tomar providências, e uma delas foi tirar o filho à rainha, porque o pequeno estava sendo nas mãos dela um instrumento de revolta. A-final, a rainha foi para Espanha, mas eu estou convencido, rapazes, que o

ódio que D. Afonso V sempre teve ao tio veio daí. Ora imaginem vocês! D. Afonso era uma criança nesse tempo, agarrado à mãi como são tôdas as crianças; não percebia coisa nenhuma de política nem de meia política, viu-se arrancado dos braços da sua mamãzinha, que se agarrava a êle a chorar, e arrancado por quem? Por seu tio. Depois, quando fôsse maior, podia reconhecer que o tio era o que se podia chamar um grande homem, que lhe tinha governado o reino como ninguém seria capaz de o governar, que era tão pouco amigo de vaidades, que nem quisera que lhe fizessem uma estátua, mas o rancor da criança nunca se foi embora. Pois o tio, apenas êle chegou à maioridade, logo lhe entregou o govêrno, sem a mais pequena demora, e foi viver para Coimbra com o maior sossêgo. A-pesar-de tudo isso, e a-pesar-de ser muito amigo da mulher, que era filha de D. Pedro, o rei tal ódio tinha ao tio e sogro, que deu ouvidos a tôdas as intrigas dos inimigos dêle, e principalmente às do primeiro duque de Bragança, seu tio também, filho bastardo de D. João I; chegou o duque a levantar tropas para ir contra o pobre D. Pedro, que, espicaçado e ralado por tôdas as formas, teve de tratar da sua defesa. Enquanto o duque de Bragança levantava tropas por sua conta e risco, achava o rei isso muito bem feito; apenas o infante D. Pedro juntou alguns soldados para não atravessar êsse reino ao desamparo, logo D. Afonso V entendeu que era caso de rebeldia e traição, e marchou contra êle. Na Alfarrobeira, ali ao pé de Alverca, se encontraram as tro-

pas de um e as tropas do outro. Não houve batalha, mas travaram-se de razões os soldados, e, quando mal se precatavam, achou-se tudo embrulhado na bulha, e lá morreu o pobre infante D. Pedro, tão sábio, tão bom, tão justiceiro.

Quem ouvir isto, há-de dizer que D. Afonso V era um malvado; pois não era: cabeça de vento sim, nunca houve outro igual! Simpático e bondoso, um mãos-rôtas, principalmente para os fidalgos que apanhavam dêle quanto queriam, entusiasmava-se todo por coisas que já não importavam a ninguém, e quis até fazer uma cruzada contra os Turcos. Os outros príncipes cristãos não estiveram pelos autos, e vai êle então voltou-se contra os mouros da África, e é certo que juntou a Ceuta as praças de Tânger, Arzila e Alcácer Ceguer. Por isso lhe chamaram o *Africano*. Enfim, bom seria que nunca tivesse pensado noutra coisa, mas deu-lhe na veneta querer também ser rei de Espanha, e, quando lá houve grande bulha para se saber quem havia de suceder ao rei que morrera, se havia de ser D. Isabel que era irmã, se D. Joana que era filha, o nosso D. Afonso, a-pesar-de já não ser novo, casou com esta, que vinha a ser também sua sobrinha, ao passo que D. Fernando de Aragão casava com a outra. Daí veio uma guerra levada dos demónios; mas a-final, D. Afonso deu a batalha de Toro, que ficou indecisa, mas foi o mesmo que se a perdesse, porque não pôde continuar a guerra. De que se há-de lembrar então o nosso D. Afonso V? De ir em pessoa pedir socorro ao rei Luiz XI de França, que

era o mais manhoso de todos os príncipes, e que não fazia nada sem interêsse. Luiz XI andou a caçoar com êle, até que D. Afonso V mandou dizer ao filho, que ficara a governar o reino, que subisse ao trono, porque êle abdicava, e ia para a Terra Santa; mas depois muda de tenções, e, quando já ninguém o esperava, aparece em Portugal. O filho é que não quis saber de mais nada; entregou-lhe logo a coroa, que D. Afonso aceitou, morrendo quatro anos depois, em 1481.

— Ó Sr. João, interrompeu o Bartolomeu, e essa história de descobrir terras novas tinham parado?

— Qual tinha parado, homem! Enquanto D. Henrique viveu, e só expirou em 1460, quando já D. Afonso V era homem, não pensou noutra coisa; todos os anos se ia descobrindo mais alguma porção da África, e já não havia quem acreditasse em carapetões de estátuas. Os Portugueses o que faziam era sempre seguir para baixo, até ver se topavam com a Índia, ou então se davam com um rei que diziam que era cristão, e a quem chamavam o Prestes João das Índias.

— E quem era êsse rei? preguntou o Manuel.

— Eu depois lhes digo, rapazes, agora não me falem à mão. O que é certo é que estava já descoberta uma boa porção da África, e já por lá se fazia muito bom negócio, tanto que D. Afonso V, que andava embrulhado com outras coisas, e que não podia cuidar dos descobrimentos como o tio, arrendou o comércio da costa da Mina a um tal Fernão Gomes, com a condição de êle continuar a

descobrir terras. Felizmente, quem ia subir ao trono era um rei de outra laia, que tinha lume no ôlho, e que havia de levar as coisas pelo rumo que devia ser, para glória do nosso país.

Foi D. João II êsse rei, e com razão lhe chamaram o príncipe perfeito, porque não houve nenhum que entendesse tão bem do seu ofício; mas antes de falar nêle, meus amigos, deixem-me vocês explicar-lhes o que é que se tinha passado no tempo dêsses três primeiros reis da dinastia que se chamou de Aviz.

Viram vocês como os reis se encostaram ao povo para dar cabo da nobreza e do clero, e como lhe deram fôrça para que os fidalgos e padres se não fizessem finos! Por isso também se pode dizer que foi o povo quem fêz rei D. João I, e êste nunca se esqueceu disso. Contudo, padres e fidalgos, continuavam a ser muito poderosos, e, se D. Duarte, com a lei chamada mental, e o infante D. Pedro lhes tinham dado para baixo, D. Afonso V quási que desfizera tudo, porque com êle não havia parente pobre; dava aos fidalgos o que êles queriam, e com razão dizia o filho que seu pai o deixara rei das estradas de Portugal, o que, valha a verdade, não devia ser um grande reino. Ora agora acontecia também o seguinte: é que o povo, nas côrtes, estava sendo mais um servo do rei do que outra coisa. Já não podia dizer aos reis: «Toma lá, dá cá». Já não era cada concelho que mandava um procurador; juntavam-se uns poucos de procuradores para mandar um deputado a que chamavam

definidor, e o rei sempre os podia ter mais na sua mão do que à turbamulta dos antigos procuradores. Além disso, os doutores, o que aprendiam nas escolas eram as leis de Roma, o direito romano, e aí o que se dizia era que o rei podia fazer o que quisesse. O que resultava? Resultava que o clero e a nobreza haviam de levar para baixo, mas que o povo depois... esperasse pela pancada. É o que vocês saberão para o domingo que vem, porque a tia Margarida está a cair com sono, e eu não quero que digam de mim, como de alguns prègadores, que sou bom para quem anda com falta de dormir.

SEXTO SERÃO

D. João II. — As côrtes de Évora. — Morte do Duque de Bragança. — Morte do duque de Viseu. — Continuação dos descobrimentos. — O cabo da Boa Esperança. — Cristóvão Colombo. — Entrada dos judeus. — Morte do Príncipe D. Afonso. — D. Manuel. — Descobrimento da Índia e do Brasil. — Os conspiradores da Índia. — Fernão de Magalhãis. — D. João III. — A inquisição e os jesuitas. — Decadência do nosso domínio da Índia. — D. Sebastião. — A batalha de Alcácer-Kibir. — D. Henrique, o cardial-rei. — A sucessão do trono. — D. António, prior do Crato. — Batalha de Alcântara. — Perda da independência. — Causas da decadência de Portugal.

— Estou morto por saber, porque é que chamaram a D. João II o príncipe perfeito, — principiou o Manuel da Idanha no domingo imediato, quando estiveram todos assentados à roda da lareira—, porque, enfim, vossemecê já nos falou nuns poucos de reis de quem se não pode dizer mal: D. Deniz, por exemplo, D. João I, etc.

— Eu te digo, rapaz, é porque não houve nenhum que percebesse tão bem o seu tempo, nem

soubesse tão bem como é que se governa. Era homem de cabelinho na venta, mas só dava cabo de quem lhe fazia transtornar os seus planos; era valente como os que o são, mas, depois de ser rei, nunca mais foi à guerra. Calculava tudo, combinava tudo, e, como quem joga bem a bisca, sabia de cor os trunfos, e o que queria era marcar bons pontos, desse lá por onde desse. Subiu ao trono, na firme resolução de acabar com os privilégios da nobreza e do clero. Para isso, como de costume, serviu-se do povo. Chamou côrtes a Évora, aí entendeu-se com os procuradores do povo para êles se queixarem dos fidalgos. Então o rei põe-se no seu lugar, e toca a deitar abaixo privilégios. Se vocês querem ver o que é berraria! O primeiro que se levantou foi o duque de Bragança, e êsse então meteu-se com os Castelhanos: D. João II não esteve com cerimónias, mandou-lhe cortar a cabeça. O duque de Viseu, seu próprio primo e cunhado, fêz-se também chefe de conspiração. O mesmo rei deu cabo dêle com uma boa punhalada, e depois foi tudo raso com o diabo do homem. Prendia uns, desterrava outros, mandava matar êste, confiscava os bens àquêle... um inferno.

— Então por isso é que era príncipe perfeito? preguntou a tia Margarida indignada.

— O' mulherzinha, espere lá. Diz o provérbio: cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso. Pois eu digo também: cada tempo com os seus costumes. O tempo dêle não era como o nosso. Hoje, matar um homem é, com razão, uma coisa por aí

além. Naquele tempo parecia a todos perfeitamente natural que se castigassem com a morte, mesmo à punhalada, tôdas as conspirações. Ora D. João II só escapou por milagre a muitas que houve contra êle.

Mas D. João II não era homem que se assustasse. Estreara-se em Arzila, ao lado de seu pai, e logo mostrara um grande esfôrço; na refrega de Toro, em Espanha, foi êle quem ganhou a batalha pelo seu lado, enquanto o pai a perdia pelo outro. Nas conspirações, que se faziam contra êle, mostrou sempre coragem a valer, mas também não perdoava nenhuma. E tanto fêz, tanto fêz, que a-final tôdas as cabeças se abaixaram, e quem ficou governando de-veras foi êle.

Eu não lhes digo, rapazes, que aprovo tôdas aquelas crueldades, e que acho bonito que D. João II matasse sem dó nem piedade até os parentes. Conheço que era preciso ter cabelos no coração para fazer o que êle fêz, mas que querem vocês? E' sina que nunca se fizeram as grandes mudanças políticas sem correr muito sangue. Dizia aquêle engenheiro francês, que aqui esteve em Belas na obra da água, quando às vezes se punha a conversar comigo: «João, não se faz omeleta sem se quebrar ovos». E dizia bem. Aquilo entre D. João II e a nobreza era guerra de morte. Atiravam à cabeça; eu bem sei que era mais bonito perdoar. Mas, meus amigos, perdoar aos seus inimigos só o fêz Nosso Senhor Jesus Cristo, e isso bastava para que todos conhecessem que êle era Deus e não homem.

Em todo o caso, rapazes, sempre lhes quero confessar que para gostar de-veras de D. João II, preciso de desviar os olhos daquela sangueira tôda, e ver o que êle fêz por outro lado. Ah! que rei aquêle, rapazes! Nos descobrimentos foi um segundo infante D. Henrique, porque não foi só dizer aos pilotos: «Vão vecês andando por aí abaixo, e quando toparem a Índia mandem cá um recado». Não, senhores! Agarrou em dois judeus que eram homens de sabença, e mandou-os por terra ao Egipto, para que fôssem do Egipto ver se topavam a I'ndia e se sabiam como é que se podia lá ir ter por mar. Foram estes Pedro da Covilhã e Afonso de Paiva. Ao mesmo tempo não deixara de mandar navios pela África abaixo. Um sujeito, chamado Bartolomeu Dias, tanto andou, tanto andou sempre com a terra à esquerda, até que um belo dia, por mais que tocasse à esquerda, não via senão água: «Mau, disse êle consigo, o diabo da costa virou de rumo». Vira êle também e dá com a terra que ia para cima em vez de ir para baixo como até aí. «Eu cheguei ao fim da A'frica, disse consigo o Bartolomeu Dias, eu passei algum cabo sem dar por isso». E, já todo contente, queria ir seguindo para diante a ver onde iria dar consigo. Mas a marinhagem estava cansada e quis por fôrça voltar para trás. Não houve remédio, e à volta, efectivamente, deram com o tal cabo que vinha a ser a ponta da A'frica, e apanharam tantos temporais, que Bartolomeu Dias chamou a êsse cabo, cabo Tormentório; mas, quando chegou a Lisboa e contou a D. João II o

que sucedera, êste, que logo percebeu que estava dado o grande passo na descoberta da I'ndia, não quis para tamanha descoberta um nome de mau agoiro, e mudou ao cabo Tormentório o nome em cabo da Boa Esperança, como quem diz: Agora sim, agora é que me parece que vamos por estrada direita.

Ora hão-de vocês saber, rapazes, que por esta ocasião vivia em Portugal um sujeito genovês chamado Cristóvão Colombo, que era homem entendido em coisas de mar, e que se ocupava também muito de descobrimentos de terras e tal, etc. Foi até por isso que êle veio para Portugal, porque isto aqui era a forja, onde, para assim dizer, se fabricavam terras novas, e todos os que se entusiasmavam com essas coisas vinham para cá assoprar aos foles. Cristóvão Colombo estivera na Madeira, ouvira falar em sinais de terra para os lados do pôr do sol, e começara a embirrar que indo atrás do sol havia de esbarrar com a I'ndia. Falou nisso a D. João II, êste consultou os sábios, e os sábios desataram a rir. Colombo então foi-se embora e começou a ofecer os seus serviços a quem lhe desse uma casca de noz; aceitou-os a Espanha, depois de maçar muito o pobre do homem, Cristóvão Colombo partiu seguindo sempre para ocidente, e a-final deu com uma terra povoada de selvagens, que vinha a ser nem mais nem menos do que a América, enfim um mundo inteiro muito maior que a Europa tôda. Ora, tudo isso podia ter vindo para nós, e não nos fazia mal nenhum, se D. João II não cai na asneira de não

acreditar no Colombo, que todos sabiam que era um homem esperto, e de lhe não querer dar dois ou três navios para tentar a sua descoberta, êle que tinha navios a rôdo por êsses portos todos!

—Sim! lá isso! acudiu o Manuel da Idanha coçando na cabeça. Vossemecê diz que o homem era tão espertalhão, mas essa parece-me de cabo de esquadra!

—Achas, meu palerma? Diz um provérbio: Quem adivinha vai para a casinha. E eu já te mostro que outro qualquer, no caso de D. João II, fazia o mesmo. Tu imaginas que Cristóvão Colombo chegou ao pé de D. João II e lhe disse: «Saiba Vossa Alteza (que então ainda se não dava majestade aos reis) saiba Vossa Alteza que ali defronte dos Açôres está um país muito rico, onde há muito ouro, e muita prata e muitos diamantes, e se Vossa Alteza quiser, eu chego ali num instante e cá lho trago»? Estás tu muito enganado. O próprio Colombo nem sabia que havia ali semelhante país. Tôda a sua mania era que, sendo a terra redonda, e nisso tinha êle razão, indo uma pessoa para o ocidente, havia de dar volta e chegar ao oriente. Mas o que êle não sabia é que a terra era tão grande como lhe saíu; e, se não lhe aparece a América, o homem via-se grego, e ainda tinha de comer muito pão antes de arribar onde êle queria ir, tanto que provàvelmente não levava no porão farinha que lhe chegasse. Ora agora, pensem vocês também, rapazes, no seguinte: Havia um bom par de anos que Portugal andava a teimar em seguir pela A'frica

abaixo à procura da I'ndia. Teimou, teimou, até que a-final chegou ao fim da A'frica, e percebeu que a terra seguia para cima, e ia com tôda a certeza parar à I'ndia. E é exactamente quando se consegue o que se procurava havia tanto tempo, quando se descobre o Cabo da Boa Esperança, quando se tem a certeza de que se encontrou o caminho da I'ndia, que vem um sujeito ter com o rei de Portugal, que está todo alegre com a descoberta, e dizer-lhe: «Faça favor de apagar tudo isso, e de começar outra vez a procurar a I'ndia por outro lado». O rei, é claro, mandou-o pentear macacos. Ora agora confesso também que se não põe assim no meio da rua um homem como Cristóvão Colombo. Procurar a I'ndia pelo ocidente não impedia que se continuasse a procurar pelo caminho que até aí se seguira, e nós já tínhamos topado tanta terra que não esperávamos, que não era coisa do outro mundo que fôssem mais duas caravelas a Deus e à ventura ver o que o mar dava de si.

Enfim, não se fêz isso; os espanhóis ficaram com a América e principiaram ao desafio connosco nisso de descobrimentos, tanto que foi necessário que o Papa dividisse entre êles os novos mundos ao meio, dizendo: «Para aqui descobrem os espanhóis, e para aqui descobrem os portugueses», o que fazia com que um rei de França dissesse depois: «Ora sempre eu queria ver o artigo do testamento do pai Adão que deixou a têrça aos espanhóis e aos portugueses».

Todos se riram, e o João da Agualva continuou:

— Muito mais provas de juízo deu el-rei D. João II, e felizes seríamos nós, se os reis que se seguiram fôssem como êle. Na A'frica, tratou de chamar a si os pretos, de os mandar baptizar, mas às boas, e de fazer por ali fortalezas para se assenhorear do comércio. Na Europa então houve uma coisa que mostra que êle sabia ser rei. Os soberanos de Espanha, todos devotos, mandaram pôr fora do seu país os judeus, que eram, como foram sempre, uma raça trabalhadeira e esperta, que se enriquecia e ia enriquecendo a terra onde vivia. Mas a rainha de Espanha, lá por beatérios tolos, não os quis consentir no seu reino, e intimou-lhes mandado de despejo. Sempre quero que vocês me digam porquê? Porque tinham crucificado Jesus Cristo? Mas isso foram uns malandrins de Jerusalém, e nem os filhos tinham culpa do que os pais fizeram, e até os pais de muitos dêles talvez nem em Jerusalém estivessem nesse tempo. Porque não acreditavam na religião cristã? O pior era para êles. Pois se não se pode salvar quem não fôr cristão, no outro mundo torceriam a orelha, e não era necessário já neste mundo ir-lhes torcendo o pescoço. Porque não comiam toucinho? Tanto melhor para os bons cristãos, que sempre ficava mais barata a carne de porco. Mas fôssem lá dizer estas coisas naquele tempo aos reis católicos! Corria uma pessoa risco de ir parar a uma fogueira. D. João II riu-se da devoção dos vizinhos, recebeu os judeus na sua terra, e tirou proveito do caso, obrigando-os, em troca do asilo que lhes dava, a pagar um bom tri-

buto. Êles estavam com a corda na garganta, pagaram com língua de palmo, ainda que isso lhes havia de custar, porque sempre foram sovinas. Mas, como diz o outro, para judeu, judeu e meio.

— Olhe lá, ó Sr. João da Agualva, e então quem diz que a inquisição cá em Portugal queimava os judeus? preguntou o Manuel da Idanha.

— Lá chegaremos, Sr. Manuel da Idanha, lá chegaremos. Não há só muitas Marias na terra, há também muitos Joões, e nós então tivemos seis, cada um do seu feitio.

Tudo se paga, meus amigos, e um homem pode ser príncipe perfeito, mas quando ultraja a lei de Deus, derramando o sangue de seus irmãos, há-de o pagar com lágrimas, que também são sangue às vezes. Tinha D. João II um filho chamado Afonso, a quem queria como às meninas dos seus olhos. Casara com a filha dos reis de Espanha, e as festas com que se celebrou o casamento tinham sido das mais pomposas. Morreu, e morreu de um desastre. Quem pode imaginar a dor daquele pai! Chorou êsse homem de ferro, que tantas lágrimas também fizera derramar, chorou lágrimas de sangue, do sangue do seu coração, e, lá nas horas mortas da noite, quando estivesse sòzinho a pensar no filho, havia de ver muitas vezes os espectros daqueles que matara sem ter piedade da orfandade de seus filhos, como Deus não tivera também compaixão da orfandade da sua alma. Morreu quatro anos depois, em 1495, sem poder deixar a coroa a um filho seu, porque debalde quisera legitimar um bastardo que tinha, e,

assim, altos juízos de Deus! quem lhe havia de suceder, e não é só isso, quem havia de colhêr para si a glória de realizar a conquista da Índia, que D. João II tão cuidadosamente preparara? Um irmão daquele duque de Viseu, que êle assassinara, D. Manuel, o *Afortunado*.

Afortunado ou Venturoso lhe chamou a história, e com razão, porque não teve senão bamburrice, o que não quere dizer que fôsse um palerma, e que não tivesse mesmo bastante tino, mas fazia tanta diferença de D. João II como uma laranjeira de um carvalho. Encontrou a papinha feita. Estavam preparados os navios para a descoberta da Índia, pôs à frente dêles Vasco da Gama, e em 1497 chegava Vasco da Gama à Índia, que era o país mais rico dêsse tempo. Mandou atrás dêle Pedro Alvares Cabral, êste chega-se mais para o ocidente do que devia ser, e esbarra com o Brasil em 1500. Bom! Põe ambos de parte, que lá ingrato como aquêle não havia nenhum, e manda para a I'ndia uma esquadra, onde ia Duarte Pacheco, homem que parece mesmo um daqueles sujeitos da antiguidade, que eram meios homens, meios deuses, e de quem se contam muitas patranhas, que foram excedidas pelas verdades dêste nosso patrício. Querem vocês saber? Na Índia havia muitos reis, como ainda hoje há, a-pesar-que estão agora todos sujeitos aos inglêses. Vasco da Gama tinha chegado a uma terra chamada Calicut, onde residiam muitos Mouros, que eram quem fazia nesse tempo o negócio todo da Índia. Viram a bôlsa em perigo, e não descan-

saram enquanto não puseram o rei de Calicut de mal com os portugueses. Palavra puxa palavra, êle matou-nos um homem, apanhou uma lição mestra, e de vingança em vigança, ficámos inimigos para sempre. Mas havia outro rei, o rei de Cochim, que era e foi sempre nosso amigo. Daí barulho entre os dois. Como o rei de Calicut era muito mais poderoso, esperou que não estivessem lá navios nossos, e, sabendo que tinha ficado apenas Duarte Pacheco e mais uns cinqüenta Portugueses, disse consigo: «Agora é que tu m'as pagas». E arranjou um exército forte, e marchou contra o pobre rei, nosso amigo. Os soldados de Cochim tinham mêdo que se pelavam, e fugiam que é um louvar a Deus; mas Duarte Pacheco, mais os seus cinqüenta homens, com a sua habilidade e a sua valentia, conseguiram tomar o passo ao de Calicut, e dar-lhe tareias monumentais. O' rapazes, pois uma pessoa não se há-de às vezes ufanar de ser Português? Quando é que se viu uma coisa assim? Meia dúzia de gatos bastarem para dar cabo de exércitos imensos! Eu bem sei que era a disciplina, que eram as armas, que era também a fraqueza daqueles bananas, que o sol da I'ndia faz uns molengas; mas era necessário que fôssem de aço e de ferro, em vez de serem de carne e osso, êsses valentes que assim viam, sem descòrar, marchar contra êles um exército formidável! Era necessário que se tivessem disposto a morrer para não deixarem que fôsse pisada aos pés a bandeira de Portugal! E, afinal de contas, por muito moles que os outros fôssem, sempre eram mil

contra um, e, com certeza, nenhum dos nossos pensava que saïria com vida de semelhante combate. Depois, acções dessas eram mais fáceis, não só porque os nossos já tinham tomado confiança em si, e sentiam-se capazes de levar aos pontapés quantos índios houvesse na Índia, mas também porque êles tinham-nos tomado mêdo; mas isso tudo a quem devemos senão a Duarte Pacheco? Pois, meus amigos, imaginam vocês que Duarte Pacheco foi feito governador da Índia, ou teve algum título, ou alguma recompensa grande? Qual carapuça! D. Manuel nem mais pensou nêle; e era tão feliz, que logo encontrou para ser primeiro vice-rei da India um homem como D. Francisco de Almeida, que em tôda a parte do mundo seria digno de exercer os primeiros lugares.

Com efeito, D. Manuel, que primeiro quisera apenas que os seus navios viessem carregados de mercadorias da India, que depois cá se vendiam na Europa, entendeu que devia tomar raízes, e encarregou D. Francisco de Almeida de governar os Portugueses que por lá estivessem, fundando ao mesmo tempo fortalezas. D. Francisco de Almeida entendia, porém, e não deixava de ter razão, que Portugal era um país muito pequeno para estar assim a mandar soldados para a Índia, e o que êle queria era ser senhor do mar, para que ninguém mais ali pudesse fazer negócio. Enquanto só teve os índios pela proa, iam as coisas bem, mas os Turcos, que viam diminuir os seus rendimentos com o novo caminho das I'ndias, começaram a meter-se

na dança, e os Turcos não eram tropa fandanga, eram gente de quem tremia a Europa. Também, quando se encontraram primeiro com os Portugueses, levaram a melhor e até mataram um filho de D. Francisco de Almeida, que o vice-rei adorava. Foi a sua perdição, porque D. Francisco de Almeida não descansou, enquanto não vingou a morte de seu estremecido Lourenço. Os Turcos levaram uma sova de primeira qualidade, e na Índia ficou-se sabendo de uma vez para sempre que casta de homens eram os Portugueses.

Pois, rapazes, parecia que desta vez D. Manuel se daria por muito feliz em ter no Oriente um homem como D. Francisco de Almeida, que tinha pôsto os índios a pão e laranja, e dado uma refrega tal nos Turcos, que se não atreveram por muito tempo a tornar à Índia. Enganaram-se. Apenas acabou o seu tempo, foi chamado a Portugal, e naturalmente el-rei nem pensaria mais nêle, ainda que não tivesse morrido no caminho. Mas continuava a ser tão feliz, que encontrou, para substituir D. Francisco de Almeida, um homem que ainda valia mais do que êle, porque era o grande Afonso de Albuquerque. Ah! meus amigos, aparecem de vez em quando no mundo uns homens, que são capazes de revolver a terra, como os Napoleões e outros assim. Afonso de Albuquerque foi um dêsses.

A respeito das coisas da Índia não pensava como D. Francisco de Almeida, mas não era porque visse as coisas de outro modo, era porque achara maneira de as concertar. Sim, êle bem sabia que Portugal

não podia estar a encher a Índia de soldados, mas o que êle queria era que os índios se misturassem com os Portugueses, e, para o conseguir, ao passo que era cruel com os mouros, com os índios era tão bom e justo, que, depois da sua morte, iam êles rezar ao seu túmulo, como quem vai rezar ao túmulo de um santo. Escolheu êle três pontos, em que estabeceu, para assim dizer, os seus quartéis generais, e todos muito bem escolhidos: Ormuz, ao pé da Pérsia; Goa, no meio da I'ndia; Malaca, para os lados da China e das ilhas a que se chamava das Especiarias ou das Molucas. Primeiro tomou Goa, depois Malaca que tinha dente de coelho, porque os Malaios são levadinhos da breca, depois Ormuz, e, quando acabou de fazer tudo isto, estava já demitido; e sabendo que ia ser nomeado para o seu lugar o seu pior inimigo, morreu com êsse desgôsto.

Também dessa vez tinha-se acabado o fornecimento de grandes homens e os dois últimos governadores da I'ndia, no tempo de D. Manuel, não foram lá grande coisa, mas também não estragaram nada. Aquilo então ia num sino. Os Portugueses espalhavam-se por tôda a parte: de um lado chegavam à China, do outro à Pérsia, do outro às Molucas, do outro a Cambaya. Tinham fortalezas por tôda a parte; êles recebiam a boa canela de Ceilão, o bom cravo das Molucas, a boa pimenta da I'ndia, os bons cavalos da Pérsia, as sêdas da China, o incenso da Arábia, os diamantes de Golconda, e traziam estas riquezas tôdas para a Europa; e vinham

aqui a Lisboa, que estava sempre cheia de navios, holandeses e os inglêses comprar tudo isto para o vender por êsse mundo. Do Brasil não se fazia caso, porque nem valia a pena; na A'frica sempre se iam tomando praças, que era para naquelas constantes guerras com os mouros se exercitar a fidalguia, que depois fazia o diabo a quatro na I'ndia. Enfim, quando D. Manuel mandou ao Papa uma embaixada com presentes vindos de tôdas as suas conquistas, Roma ficou embasbacada, e não se falava em todo êsse mundo senão da grandeza de Portugal. Bons tempos, meus amigos, mas que duraram pouco!

No reino, D. Manuel logo mostrou que, se não era tolo, também não tinha o entendimento de D. João II. Pôs fora os judeus: é verdade que depois, quando em Lisboa o povo fêz uma matança nos que tinham ficado a título de se terem convertido, mostrou-se muito zangado e castigou a cidade. Grande não foi êle, mas viu-se cercado de gente que o fêz grande, e teve a esperteza de os saber conhecer. Depois punha-os de parte com a maior facilidade mas atinava com êles; só não percebeu o que podia esperar de Fernão de Magalhãis, que, zangando-se com uma picardia que lhe fêz, passou para Espanha, e assim nos deixou ficar sem a glória de termos sido nós os primeiros que deram volta ao mundo, como fizeram os espanhóis comandados pelo tal Fernão de Magalhãis, porque isso, naquele tempo, não havia por êsses mares uma onda que não marulhasse em português...

— Em português, porque? preguntou o Francisco Artilheiro. Eu nunca percebi o que elas diziam.

— Então é que têm a cabeça tão dura como tu, porque foi sempre o português a primeira língua que ouviram, e até lá para a terra dos bacalhaus, para o norte, onde faz um frio de rachar, lá mesmo foi Gaspar Côrte-Real, que primeiro descobriu a Terra Nova. Enfim, meus amigos, depois de ter casado três vezes, e sempre com princesas espanholas, morreu em 1521 el-rei D. Manuel, e, verdade, verdade, com êle se pode dizer que morreu a grandeza de Portugal.

Sucedeu-lhe o filho D. João III, que era o beato mais beato que tem vindo a êste mundo. D. Manuel já lá tinha as suas manias, mas, como eu lhes contei, quando os de Lisboa desataram a matar os judeus, ou antes os cristãos novos, deu-lhes com o *basta*. D. João III, êsse, não descansou enquanto não meteu em Portugal a Inquisição. O Papa não queria, fazia-se rogado, e D. João III é que insistiu com êle para apanhar essa prenda. Chegou a gastar rios de dinheiro para o conseguir! Ora, realmente, meter cá um tribunal que, apenas um sujeito se esquecia de ir à missa, ferrava com êle na cadeia, quando não era na fogueira, só lembrava a D. João III. Até os estrangeiros fugiam, e então o resto dos judeus, que ainda por cá havia, e que por amor à nossa terra se tinham feito cristãos, com mêdo da Inquisição se foram safando logo que puderam. E, não contente com isso, introduziu também a Companhia de Jesus, que era uma ordem nova de

frades mais disciplinados que um regimento, e que tinham jurado ser êles que haviam de governar o mundo. Ora, lá para prègar aos herejes, e aos gentios da I'ndia, e aos selvagens do Brasil, eram muito bons, porque não recuavam nem diante da morte, e houve jesuítas, como S. Francisco Xavier, que não ficaram a dever nada aos doze apóstolos: mas em Portugal metiam-se em tôda a parte: êles ensinavam, êles confessavam, e estou em dizer que não podia ser bom. Eu não sou contra os padres, nem contra a religião, pelo contrário, mas também não se hão-de meter em tudo. Ora vejam vocês como havia de viver um dos nossos avós dêsses tempos! Os jesuítas a apertarem-lhe o freio, e ao mais pequeno desmando, zás, fogueira da Inquisição com êle. Até se fizeram macambúzios os pobres homens, que eram até aí gente alegre. Não se podia escrever coisa nenhuma, que não viessem logo os jesuítas: Corte-se isto, porque parece contra a religião, não se represente aquilo, porque se faz troça a um frade, e porque torna e porque deixa. O que é certo, meus amigos, é que, enquanto lá por fora se andava para diante, e se faziam invenções, e se estudava, nós não passávamos da cepa torta, e o mal que isso fêz vão vocês vê-lo.

Na I'ndia parecia que ia tudo muito bem, mas via-se que não podia durar muito. Valentes eram os nossos, mas em vez de fazerem o que Albuquerque queria, em vez de acomodarem os índios, e de se porem às boas com êles, não senhor, faziam crueldades que era uma coisa por demais, e o que que-

riam era apanhar dinheiro. Passavam o tempo ora em guerra com o rei de Calicut, ora com o rei de Cambaya, ora com o rei de Achem, ora com o rei de Bintam, ora com o rei de Kandy, ora com todos ao mesmo tempo. Isto não era vida. Obravam prodígios de valor, isso é verdade, como por exemplo nos dois cercos de Diu, em que António da Silveira e D. João de Mascarenhas se defenderam de um modo maravilhoso, mas, à fôrça de dar cutiladas, o braço ia cansando, e o país estava esfalfado. Não havia nem um instante de sossêgo. Se aparecia um governador como D. João de Castro, o da Penha Verde de Sintra, que era honradíssimo e justiceiro, os outros não pensavam senão em roubar. Já se pegavam uns com os outros, como fêz Lopo Vaz de Sampaio com Pedro de Mascarenhas; e, quando D. João III, o Piedoso, como lhe chamaram os frades, morreu em 1557, todos previam que isto ia para baixo.

O filho mais velho de D. João III morrera ainda em vida do pai; quem lhe sucedeu foi um neto, criança de cinco anos, que tinha o nome de D. Sebastião. Ficou regente a avó, senhora de bastante juízo, que governou bem, mas que em 1562 teve de ceder a regência ao cunhado, o cardial D. Henrique, todo dominado pelos jesuítas, e que cercou de padres o príncipe. O que resultou daí? Resultou que D. Sebastião, que gostava de guerras e batalhas, fêz-se ao mesmo tempo beato. Parecia um daqueles frades militares, que tinham concorrido tanto para expulsar os mouros de Portugal. Não

quis casar, e até fugia das mulheres. Não pensava senão em dar cabo dos mouros. Ora, se nós, que já tínhamos tanto trabalho para nos sustentarmos na I'ndia, que fôramos obrigados a largar umas poucas de praças na África, que tínhamos precisado de um grande esfôrço para salvar Mazagão, cercada pelos mouros, nos metíamos em grandes guerras com êles, aonde iria isto parar!? Pois foi o que sucedeu. Na I'ndia o trabalho era cada vez maior; um governador, chamado D. Constantino de Bragança, parente da casa real, fizera por lá grandes coisas, mas pouco tempo depois juntavam-se quási todos os reis da I'ndia e vinham sôbre nós. O que nos valeu foi termos um novo Afonso de Albuquerque, um general de mão cheia, D. Luiz de Ataíde, que a tudo acudiu e tudo salvou; mas vocês bem vêem que isto não podia continuar assim.

Quando as coisas estavam neste bonito estado, quando nós tínhamos às costas a I'ndia e o Brasil, para que D. João III principiara a olhar, onde precisávamos de nos defender contra os aventureiros franceses que achavam a terra a seu gôsto, de que se há-de lembrar el-rei D. Sebastião? De ir conquistar Marrocos! Eu já tenho ouvido dizer que mais valia termos conquistado Marrocos, que nos ficava à porta, do que irmos à I'ndia que ficava tão longe. Pois sim, mas o que era necessário era escolher. Ou uma coisa, ou outra. Mas D. Sebastião, com aquela embrulhada, que êle tinha na cabeça, de ideas religiosas e de ideas guerreiras, não atendia a coisa nenhuma, nem fazia cálculos nenhuns.

O que êle queria era dar lambada nos mouros, e, a-pesar dos conselhos de tôda a gente, levanta um pequeno exército, e para o levantar custou-lhe, porque já não havia braços no país... co'a breca, que êles não chegavam para tudo! e abala-se para a A'frica a pretexto de ir socorrer um príncipe Mouro que tinha sido expulso do trono por seu tio!

Ah! meus amigos, aquilo era mesmo um doido que ali ia. A gente gosta de ver um rapaz que tem o sangue na guelra, e que se atira para diante, embora faça asneira, mas é que D. Sebastião estava perfeitamente maluco. Era maluquice a emprêsa, foi maluquice o modo como a preparou, foi maluquice o modo como a dirigiu. Parecia que Deus, por umas poucas de vezes, o quisera salvar, e êle sempre a atirar consigo de cabeça para baixo. Enfim, no dia 4 de Agôsto de 1578, deu-se a batalha à moda de seiscentos diabos, porque nem houve comando, nem houve nada. D. Sebastião atirou-se aos Mouros e não quis saber de exército, nem de coisa nenhuma. Enquanto pôde dar cutilada, deu. A flor da fidalguia portuguesa ali morreu, a que não morreu ficou prisioneira. Os soldados fugiram, uns por aqui outros por ali, e, quando a notícia chegou ao reino, imaginem que aflição! Não se perdera só um rei, perdera-se a coroa, porque não havia herdeiros, e quem subiu ao trono foi o velho cardial D. Henrique, tio-avô do falecido, que nunca fôra esperto e que estava até então meio apatetado. Ainda houve quem dissesse que D. Sebastião não morrera, porque ninguém o vira cair morto, e o

cadáver que apareceu, e que se disse que era dêle, estava tão desfigurado, que se não podia conhecer. Assim lá ficou D. Henrique a governar, mas para quê? Todos sabiam que a coroa era herança que não tardava. Quem a havia de apanhar? Quem tinha direito verdadeiro era a duquesa de Bragança, por ser filha de um irmão de D. João III, D. Duarte; quem era mais simpático ao povo era D. António, filho bastardo de outro irmão de D. João III, D. Luiz; quem tinha mais fôrça era D. Filipe II, rei de Espanha, filho de uma irmã de D. João III, D. Isabel. Ainda havia outros que se diziam herdeiros, mas entre aquêles três é que a luta era séria. Ferviam as intrigas. D. Filipe tinha em Portugal um embaixador, e até por sinal era português, D. Cristóvão de Moura, que comprava todos quantos se queriam vender, e bem parvos eram os que não iam ao mercado. As côrtes, chamadas por D. Henrique para decidir a questão, estavam já tão pouco costumadas a meter o seu bedelho nessas questões, que disseram ao rei que decidisse como quisesse, a-pesar-de berrar muito contra isso um Português às direitas, procurador de Lisboa, e que se chamava Febo Moniz. O rei não decidiu coisa alguma. Morreu em 1580, e deixou o quartel general em Abrantes, tudo como dantes. Nomeou governadores do reino uns sujeitos que se tinham já vendido aos espanhóis, e que de-certo iam escolher D. Filipe II. Mas, como se demorassem, êste não esteve para os aturar, e mandou-nos cá um exército comandado pelo duque de Alba.

Vendo os espanhóis, o povo virou-se para D. António, prior do Crato e bastardo do infante D. Luiz, e aclamou-o rei. Valente era êle, mas não era mais nada. Quis resistir aos espanhóis com um punhado de gente que nunca pegara em armas. Batido em Alcântara, às portas de Lisboa, depois de algumas horas de combate, fugiu para o Minho, por onde andou escondido, até que pôde safar-se para o estrangeiro. Filipe II entrou sossegadamente em Lisboa, e era uma vez a independência de Portugal.

— O quê! estávamos espanhóis? preguntou furioso o Bartolomeu.

— Estávamos espanhóis, sim, meu amigo, e eu te vou explicar como é que tínhamos chegado a isso em tão pouco tempo. Em primeiro lugar, creio que já sabem que D. João II abaixara a proa de todo à nobreza, e daí por diante os fidalgos ficaram sendo simplesmente criados do paço. O povo ajudara o rei a fazer essa obra necessária, mas o rei, apenas se viu servido, deu-lhe para baixo, e el-rei D. Manuel começou a dizer que os forais, que eram as leis por que se governavam os concelhos, não estavam muito claros, e para os aclarar, reformou-os, quere dizer, deu cabo dêles. Em côrtes já se não falava senão de longe a longe. Dantes, pelo menos, para se lançarem tributos novos sempre se reüniam as côrtes. D. Manuel não quis que elas se incomodassem por tão pouco, e, para lhes poupar trabalho, começou êle a deitar os tributos por sua conta. Ora isto é muito bom, enquanto as coisas vão correndo bem. O rei tem ali o seu povo manso

como um Leão domesticado, com as unhas cortadas e os dentes limados; mas, quando vêm as ocasiões, o povo mete o rabinho nas pernas e não tuge nem muge. Para mais ajuda, a Inquisição concorria para terem todos pouca vontade de se mexer. Os jesuítas, que tanto podiam fazer pela influência que possuíam, não se importaram para nada com isso. Frades como êles eram, muito ligados entre si, e muito escravos do seu geral que estava em Roma, não tinham pátria, a sua pátria era a Companhia. Depois, vocês bem vêem que o reino não podia deixar de estar sem fôrças. Era um saír de gente todos os anos para a África, para a I'ndia, para o Brasil, que era uma coisa por demais. No meio de tantas riquezas, o país achava-se pobre. Havia muita gente rica e vàdia, mas não havia lavoura, não havia fábricas, não havia nada, o dinheiro entrava por um lado para saír pelo outro. Demais a mais tudo era pândega rasgada. Os portugueses vinham do Oriente descansar das suas fadigas. Tinham escravos para o serviço, passavam os dias na amante vadiagem. Não há coisa que mais deite a perder os homens. Por isso D. Filipe e o seu embaixador Cristóvão de Moura encontraram tudo podre.

Hão-de vocês dizer: Pois então, só porque um rei morreu, e só porque se perdeu um exército, que não era grande coisa, perdeu-se Portugal? E' assim mesmo. Faltou o rei, faltou tudo, porque o povo nem já sabia de si, e as côrtes, quando não havia quem mandasse alguma coisa, nem sabiam o que

haviam de fazer. Soldados portugueses, os bons, estavam na I'ndia, e não bastavam; os que tinham voltado não pensavam senão na pândega. Tudo estava aluído na nação portuguesa, veio o empurrão de Alcácer-Kibir, foi tudo a baixo, e eu, meus amigos, não vou para baixo, vou para cima, que são horas de me ir chegando ao pouso. Domingo continuaremos, porque já agora havemos de acabar, que lá dizer que eu tenho muita vontade de lhes contar a história do que se passou no tempo dos Filipes, isso não tenho. Então é que Portugal perdeu a esperança de se levantar.

— Pois é pena que assim acabe o serão de hoje, observou o Francisco Artilheiro, levantando-se de má vontade, porque até agora sempre a gente ia para casa com o sangue a ferver-lhe na guelra, só com a idea do que tinham feito nossos pais por essas A'fricas e I'ndias.

— E' verdade! redarguiu com fogo o Bartolomeu, e agora vai-nos a ferver o sangue, mas é com raiva de sabermos que os espanhóis foram algum tempo senhores e mandões cá nesta terra, na nossa boa terra.

— Recolhe-se uma pessoa a vale de lençóis, assim a modo macambúzio, murmurou tìmidamente o Manuel da Idanha.

— Pois não há-de ser assim, acudiu de repente o João da Agualva, já de pé e com a chama da lareira a iluminar-lhe em cheio o rosto contraído por súbito entusiasmo, — pois não há-de ser assim, que sempre lhes quero falar num homem, que nesse tempo

viveu, e nesse tempo morreu com a pátria... como êle disse, e que bastava só êle, ainda que Portugal ficasse para todo o sempre debaixo da bota de Espanha, para que ninguém ignorasse o que tínhamos sido e o que tínhamos feito. E' que há uns homens por êste mundo, rapazes, dos quais não lhes tenho falado, porque assim como assim não chega o tempo para tudo, nem eu tenho artes para lhes fazer perceber cá na minha linguagem mal amanhada como é que esta gente que escreve concorre mais que ninguém para que um povo vá sempre andando a aproximar-se cada vez mais do bem e da justiça. Mas êste, rapazes, êste é que é preciso que vocês conheçam, para que leve cada um para sua casa, como quem leva um pouco de calor desta lareira a espancar o frio, um pouco dessa alma de poeta, para que se não sintam de todo regelados pelas tristezas que acabei de lhes contar.

Calaram-se todos estupefactos, e mostrando claramente nas fisionomias que não percebiam muito bem esta saída enérgica do João da Agualva.

— Sim, rapazes, e êsse homem, por cuja bôca parece que falava, em versos que são mesmo de uma pessoa se embasbacar, a alma cá do povo português, êsse homem que no momento em que Portugal morria atirou por êsse mundo fora um brado que se foi repetindo de língua em língua e de povo em povo, como além no monte Suímo a voz de uma pessoa se vai repetindo de quebrada em quebrada, êsse homem, rapazes, foi Luiz de Camões.

— Camões! repetiram todos, como se êste grande

nome, que não era novo para êles, lhes tivesse acordado lá dentro um mundo de sensações desconhecidas e grandiosas.

— Camões, sim, rapazes, o homem que andou por êsses mares e por essas longas terras a naufragar e a combater, a passar inclemências e a sentir saüdades, e que de tudo o que viu e que passou e de tudo o que leu e ouviu contar fêz um livro em que parece que o sangue do povo está a bater em cada verso, como nos bate a nós o sangue nas veias, no coração e no pulso. Ah! rapazes, dizem que os judeus, quando estão aflitos, vão à sua Bíblia e ali encontram alívio para tudo, e que os protestantes na Bíblia também, mas na Bíblia com a história de Nossa Senhora, acham amparo e consolação; pois eu, sem desfazer na palavra do Senhor, que é boa e santa, quando me sinto como Português assim a modo amachucado, vou-me ao livro de Camões, e parece que crio alma nova. Vêem rapazes? Dizia-lhes eu, todo triste, que tinha morrido naquele atoleiro dos Filipes o velho Portugal! Levaram-no à cova os traidores, mas, como a nossa alma sobrevive, quando vai o corpo à cova, assim também, se Portugal morria, lá ficava, rapazes, lá ficava, nos versos de Camões, viva, luminosa, heróica, a alma da nação.

Subira mais do que devia com a sua linguagem nos reptos do seu entusiasmo o bom do João da Agualva. Mas não sei o que há de prestigioso neste nome de Camões, o que há de eléctrico no entusiasmo que êle inspira!... Êsses pobres saloios, que

nunca o tinham lido de-certo, sentiram-se como que exaltados pela palavra calorosa do João da Agualva, e foi não sei com que vago respeito que lhe apertaram, uns após outros, a mão ainda trémula e quente.

E o João da Agualva, ao saír, depois de todos, para se recolher a sua casa, ia recitando a si próprio aquêles versos sublimes do poeta:

> Esta é a ditosa pátria minha amada,
> À qual, se o céu me dá que eu, sem perigo,
> Torne com esta emprêsa já acabada,
> Acabe-se esta luz ali comigo.

SÉTIMO SERÃO

Portugal durante o domínio espanhol. — Filipe I. — Os falsos D. Sebastião. — Últimos esforços do Prior do Crato. — Os inglêses e holandeses no Ultramar. — A Invencível Armada. — D. Filipe II. — Perda e restauração da Baía. — Filipe III. — O conde-duque de Olivares e os privilégios das províncias. — Perda de Pernambuco. — Tumultos em Évora. — O duque de Bragança. — A conspiração dos fidalgos. — Revolução de 1 de Dezembro de 1640.

— Meus amigos, disse o João da Agualva no domingo imediato, demorei-me e o resultado foi apanhar uma constipação, que ainda mal me deixa falar. Não quis contudo deixar de vir, para se não perder êste bom costume dos domingos, mas pouco tempo me demoro, e não farei mais do que contar-lhes a história do que passou Portugal com o domínio dos espanhóis.

Se nós ao menos tivéssemos passado para uma nação forte, com vida e com sangue, alguma coisa lucraríamos, mas a Espanha estava pior do que nós. Parecia muito poderosa por fora, mas só havia

podridão lá dentro. Depois, andava em guerra com a Europa tôda, e nessa guerra nos embrulhou para nossa desgraça.

A-pesar-dos pesares, não cuidem vocês que tudo foram rosas para o nosso rei Filipe I, que era em Espanha Filipe II. Êle veio com pèzinhos de lã, prometeu respeitar as liberdades portuguesas, nunca nos dar por governadores senão portugueses ou príncipes da família real, jurou quanto quiseram, mas o povo não andava satisfeito, e, como não tinha a quem se encostar, pensava em D. Sebastião o *Desejado*, como lhe chamavam. Assim que aparecia um homem que tinha alguma parecença com o falecido rei, diziam logo que era êle, de forma que os espanhóis estavam sempre em sobressalto. Por isso, o rei de Penamacor e o rei da Ericeira, uns pobres homens que o povo embirrou em querer que fôsse cada um dêles D. Sebastião, e que tomaram o caso a sério, provocaram os seus tumultos, sendo os da Ericeira um poucochinho graves. Passados tempos ainda apareceram lá fora, em Espanha e em Itália, dois homens que diziam ser D. Sebastião, e que lograram muita gente, mas êsses eram verdadeiros intrujões que nem mesmo pensavam senão em comer à barba longa, à custa dos fregueses. O tal amor ao D. Sebastião foi-se pegando, a ponto que começou a formar-se uma seita que ainda há pouco tempo durava, a seita dos sebastianistas, que acreditavam que D. Sebastião havia de aparecer num dia de nevoeiro para governar em Portugal. Eu ainda conheci um Sebastianista.

— E eu também, acudiu o Bartolomeu.

— Já vêem que não minto. Mas dêsse D. Sebastião não há-de vir mal ao mundo, nem bem, que é o pior. D. António também trabalhava pela sua banda, e, como a ilha Terceira o aclamara rei, foi-se lá meter, arranjou socorro de França, mas os espanhóis bateram a esquadra francesa, e tomaram a ilha. Depois arranjou socorros da rainha de Inglaterra, que mandou uma esquadra a Lisboa, mas os inglêses foram repelidos, e D. António, descoroçoado de todo, foi morrer a Paris em 1595.

Mas querem vocês ver o que nós ganhámos com o estar juntos à Espanha? Foi termos à perna os inglêses e os holandeses, que principiaram a sacudir-nos da I'ndia, e que então aos nossos navios faziam guerra mortal. Ia tudo pela água abaixo, e, para mais desventura, Filipe lembra-se de mandar contra a Inglaterra uma esquadra imensa, a que chamou «a Invencível Armada», e que saíu do pôrto de Lisboa. A armada perdeu-se e lá se foram os nossos melhores navios. Filipe morria em 1598, e sucedia-lhe Filipe II aqui e III em Espanha. Se as coisas tinham ido mal até aí, então foram pior. A Espanha ia a Deus e à ventura, e nós atrás dela. O govêrno espanhol, que mal cuidava de si, não cuidava nada de nós. Os inglêses e os holandeses tomavam-nos quási tudo o que tínhamos na I'ndia, e estes últimos também se metiam no Brasil connosco. Grandes façanhas ainda se faziam, é verdade, e da Baía, por exemplo, foram os holandeses expulsos, mas quando Filipe II morreu em 1621,

já o nosso poder não era nem a sombra do que tinha sido.

Sucedeu-lhe Filipe III, e êsse tinha um primeiro ministro chamado conde-duque de Olivares, que imaginou que havia de acabar com os privilégios das províncias, principalmente com os de Portugal. Não pensava noutra coisa, de forma que deixava ir as colónias, e no Brasil já os holandeses tinham tomado raízes e estavam senhores de Pernambuco. Mas os portugueses começaram a achar a brincadeira pesada e a refilar ao Olivares. Em 1637 rebentou uma revolta em E'vora; foi logo apagada, mas com muito sangue. Pior para o caso. Os fidalgos, que andavam também danados, principiaram a conversar com o duque de Bragança, D. João, e a apalpá-lo para ver se êle queria a coroa. O duque não dizia nem que sim, nem que não. Nisto a Catalunha, que também não perdoava ao Olivares a sem-cerimónia com que êle queria tirar os seus antigos privilégios, revolta-se. Bela ocasião! Os fidalgos, em Lisboa, sentiam-se cada vez mais dispostos a mandar os espanhóis para o diabo. O Olivares não fazia senão desesperá-los e atiçá-los. Tinha-lhes dado por governadora a duquesa de Mântua, e para secretário do govêrno um português, Miguel de Vasconcelos, que era mais danado contra os seus patrícios do que se fôsse espanhol. Enquanto deixava perder as colónias portuguesas, Olivares levava os nossos fidalgos e os nossos soldados para as guerras de Flandres e Catalunha. Lembra-se enfim de dar ordem ao duque de Bragança para que vá para

Madrid. Então é que já se não podia estar com panos quentes. Os fidalgos dizem ao duque de Bragança: «Ou aceita a coroa, ou nós pomo-nos em república». O duque, afinal, disse que sim. Com a breca! aquilo foi um momento. Era um punhado de homens, os que andavam assim a conspirar; êles não sabiam se podiam contar com o povo, nem se não podiam, conspiravam às claras, que parece que em Lisboa todos sabiam da conspiração menos os espanhóis; reüniram-se umas vezes em casa de João Pinto Ribeiro, outras vezes em casa de D. Antão de Almada, no jardim. No dia I de Dezembro de 1640 saem todos para o meio da rua. Eram quarenta, pouco mais ou menos. Chegam ao paço, matam o Miguel de Vasconcelos, agarram na duquesa de Mântua e fecham-na à chave, desarmam a guarda, abrem as janelas, e dizem a quem ia passando: «Viva o duque de Bragança, rei de Portugal! Viva o Sr. D. João IV!». O povo diz-lhe cá de baixo: «Viva! e viva e viva!» e eram uma vez os espanhóis, e daqui a pedaço estava tudo tão sossegado como se não tivesse havido coisa nenhuma, e os espanhóis tinham desaparecido; e aqui têm vocês como se faz uma revolução, quando ela está na vontade de todos. Digo-lhes, rapazes, que êste dia I de Dezembro consola uma pessoa. Parecia que o país não tinha feito senão acordar de um pesadelo. Aquilo foi só saltar da cama abaixo, e êle aí estava de pé, todo pimpão como em outros tempos. E sabem vocês por que isto foi? É porque as nações são como as espadas: onde enrijam é na bigorna.

OITAVO SERÃO

Unanimidade da revolução. — Preparativos de resistência. — Organização militar do país. — As alianças. — Relações de Portugal com a Holanda. — Restauração de Pernambuco e de Angola, e perda de Ceilão. — Conspirações contra D. João IV. — Guerra da Restauração. — Batalhas de Montijo e de Telena. — D. Afonso VI. — A sua educação e a sua índole. — Regência da rainha D. Luisa. — António Conti. — O Conde de Castelo Melhor. — Continuação da guerra. — Cêrco de Badajoz. — Batalha das linhas de Elvas. — Paz entre a Espanha e a França. — Campanhas de D. João de Austria. — Schomberg. — Vitórias do Ameixal, Castelo Rodrigo e Montes-Claros. — Planos do Conde de Castelo Melhor. — Intrigas do Paço. — Casamento, destronamento e divórcio vergonhoso de D. Afonso VI. — Regência do Infante D. Pedro. — Casamento com a cunhada. — Tratado de Methwen. — Guerra da sucessão de Espanha. — D. João V. — As minas do Brasil. — Desperdícios, beatério e imoralidades.

— Meus amigos, principiou no outro domingo o João da Agualva, e já ninguém o interrompia, tal era o interêsse com que todos seguiam a sua narrativa, — o que sucedeu na capital, sucedeu no reino

todo. Aquilo foi chegar a notícia do que se passava em Lisboa, e de um momento para o outro desapareciam os espanhóis, e tornava tudo a ser Portugal. Poupámos-lhes muita despesa em correios, porque logo souberam pelo primeiro que Lisboa se tinha revoltado, que tinha vencido, que reinava em Portugal D. João IV, e que a Espanha, do Minho para baixo e do Caia para o ocidente, já não possuía nem um palmo de terra. Querem vocês saber como o conde-duque de Olivares deu a notícia ao patrão? Foi desta maneira: «Dou os parabéns a Vossa Majestade; acabam de lhe entrar uns poucos de milhões no bôlso». — «Como assim?» preguntou o rei que estava a jogar, e que não desgostaria de que lhe saísse dessa maneira a sorte grande de Espanha. — «Porque o duque de Bragança, tornou o ministro, acaba de se revoltar, e de se fazer rei de Portugal; e, como temos de lhe tirar os bens e de lhe cortar a cabeça, fica Vossa Majestade mais rico». O rei não gostou muito dêste modo de enriquecer, e ainda olhou para os parceiros a ver se alguém lhe dava quatro vinténs pela herança. Nenhum caíu nessa.

Isso era muito bom, mas Portugal é que não vivia de cantigas. A Espanha era então ainda maior do que hoje é; se ela nos caísse em cima, estávamos prontos. De que precisávamos nós? De dinheiro, de soldados e de alianças. Tratou-se logo de tudo. Dinheiro votaram as côrtes quanto se quis; para arranjar soldados fêz-se uma obra fina que nunca ninguém até aí tinha feito, e que foi pôr tôda a

gente em armas. E como? dividiu-se o reino em três linhas: a primeira de soldados, que se chamavam pagos, a segunda de milicianos, e a terceira, que era a dos velhotes, de ordenanças. Uns iam à guerra, outros ajudavam-nos em sendo preciso, saíndo, o menos que pudesse ser, dos seus sítios, e finalmente os últimos defendiam as suas terras, porque isso, atrás de um muro, todos fazem figura. Digo-lhes, rapazes, que aquilo é que foi uma idea, e olhem que não nos serviu só então; também na guerra da península foi o que nos valeu, e, aqui para nós, não me parece que fizessem muito bem em deitar abaixo aquela história. Estava já tudo costumado, e quando vinha uma guerra, saltava tôda a gente para o meio da rua; e olhem que isto de estar um homem dentro de casa, de espingarda na mão, dá que fazer aos mais pintados. E logo se viu.

Quanto a alianças também não faltaram; é verdade que não serviam de muito, porque cada um cuidava de si. A França, pronta, o que ela queria era baixar a proa à Espanha, mas, como também lá andavam em guerra com os espanhóis, o mais que fêz foi consentir que arranjássemos oficiais franceses pelo nosso dinheiro; a Inglaterra, a mesma coisa, muita festa para a festa, mas andava embrulhada em guerras civis, não mandou para cá nem um navio. Então a Holanda ainda foi pior, isso... recebeu o nosso embaixador de braços abertos, pôs luminárias, achou que tínhamos feito muito bem, mas, quando o embaixador lhe disse: «Então agora que estamos amigos, venham para cá as nossas coló-

nias, que são nossas e não dos espanhóis», a Holanda exclamou: «As colónias! ah! sim! Nós somos tão amigos delas! Estão já acostumadas connosco! até tínhamos pena de as deixar». E acrescentava o embaixador: «Mas então, com os diabos, ao menos não nos tomem mais nenhuma». — «Não tomamos, dizia a Holanda, isso nunca». Ora agora, sabem vocês? as colónias são como as cerejas. O caso é apanhar uma!.. Ah! êle é isso! disseram os portugueses consigo, pois então vamos a elas. E, zás, rebenta uma revolta em Pernambuco, e os brasileiros a berrarem: «Viva D. João IV!» A Holanda chamou o nosso embaixador: «Então que diabo é isso? Nós somos amigos e fazem-nos uma partida destas»! — «Patifes!, dizia o embaixador. Aquilo é do sol! Esquenta-lhes a cabeça, e dão por paus e por pedras. Mas aqui para nós, se êles dizem: Viva D. João IV, não havemos de lhes dizer: Morra D. João IV! Não nos ficava bem». — «Pois sim, mas digam-lhes que estejam quietos». — «Pois isso dizemos nós» —. E D. João IV mandava para lá armas e oficiais, e dizia-lhes: «Aí vai isso, que é para vocês estarem quietos». E em poucos anos estávamos senhores de Pernambuco, e os holandeses na rua.

Daí a tempos, Salvador Correia de Sá ia a Angola e punha fora os holandeses que nos tinham tomado êsse reino. — «Então isto que vem a ser? bradaram os holandeses, então os senhores vão de propósito do Brasil a Angola para nos sacudir»! — «Quem é que fêz isso»?, preguntava o embaixa-

dor. — «Salvador Correia de Sá». — «Sim! pois estejam vocês descansados, que lhe vamos já preguntar pelo correio que diabo de lembrança foi essa. Em vindo resposta cá lha mandamos. E a propósito, Sr.ª Holanda, vocês tomaram-nos Ceilão»? — «Tomámos Ceilão; mas que defesa! António de Sousa Coutinho defendeu-se maravilhosamente. Os nossos generais são todos acordes que nunca encontraram resistência tão desesperada! Quando escreverem para lá, mandem os nossos parabéns ao Sr. António de Sousa Coutinho e recomendações aos amigos».

E era assim que nós estavamos com a Holanda; abraços na Europa e lambada lá por fora.

Houve só duas côrtes que não quiseram nunca reconhecer a independência de Portugal: uma foi a côrte de Roma, que estava tôda nas mãos dos espanhóis, e a outra a da Alemanha, cujo imperador era da mesma família que a do rei Filipe. E fizeram-nos transtôrno: a primeira, porque estávamos assim a modo excomungados; a segunda, por uma patifaria que praticou o imperador, mandando prender sem mais nem menos o príncipe D. Duarte de Bragança, irmão de D. João IV, que andava por lá na guerra contra os turcos, e que tanta conta nos faria em Portugal. Morreu na cadeia o pobre rapaz, por causa de nós, e da traição do tal imperador.

Em Portugal, ao princípio, tinha ido tudo bem; mas, assim que passou aquêle primeiro fogo, houve muitos que começaram a pensar no caso e que disseram consigo: «Isto foi uma grande asneira.

Vêm aí os espanhóis e dão cabo de todos nós. O melhor é pormos as costas no seguro, e, antes que êles venham ter connosco, vamos nós ao encontro dêles, que sempre apanharemos alguma coisa». E nisto desataram a conspirar contra D. João IV. Foram castigados cruelmente. Morreram muitos com a cabeça cortada, e mais nem todos eram culpados. Mas que querem vocês? A mania de D. João IV era que o não tomariam a sério como rei em Madrid, enquanto não mandasse cortar a cabeça a alguém.

Pois em primeiro lugar, visse bem a quem matava, e em segundo lugar, eu sempre ouvi que os reis, quando são mais reis, é quando perdoam. E àlém disso, os espanhóis, quando tomaram a sério D. João IV. não foi quando êle mandou cortar a cabeça aos fidalgos portugueses, mas quando os soldados portugueses lhes começaram a esfregar as costas a êles.

Lá que os tais conspiradores tinham razão em estar com mêdo, isso tinham, porque parecia mesmo impossível que Portugal resistisse. Também o que nos valeu foi a asneira dos espanhóis, que nos primeiros dois anos não fizeram senão dar um rebate falso a uma praça, atacar outra, escaramuçar aqui, disparar uns tiros além. Parecia que estava incumbidos por D. João IV de fazer andar os nossos soldados na recruta. Em 1644 é que, pela primeira vez, fizeram assim movimento mais sério, mas já tínhamos então soldados velhos, comandados por um bom general, Matias de Albuquerque, e os amigos

espanhóis levaram a primeira sova mesmo lá na sua terra, em Montijo; em 1646 nova batalha em Telena, mas nesta perdemos nós mais do que lucrámos, ainda que os espanhóis com isso nada ganharam também, porque voltaram à costumeira antiga. Enfim, para encurtar razões, quando D. João IV morreu, em 1656, estávamos havia dezasseis anos naquela brincadeira: hoje íamos nós à Espanha e apanhávamos gado, àmanhã vinham êles cá e levavam-nos o nosso. Mas quem lucrava com isso? Eramos nós, porque os nossos milicianos e as nossas ordenanças iam-se costumando à guerra, e cada vez êste bocadinho de Portugal se ia tornando para a Espanha mais duro de roer.

Em 1656 morreu pois D. João IV, como eu lhes disse, e sucedeu-lhe seu filho D. Afonso VI, a quem chamaram o *Vitorioso,* como chamaram a D. João IV o *Restaurador*, mas enfim a êste com mais um bocadinho de razão.

D. Afonso VI não era o filho mais velho; mas o mais velho, um rapazito que dava esperanças, Teodósio, morrera em 1653. D. Afonso VI fôra desde criança muito doente, nunca pudera aprender coisa alguma e tivera uma educação muito descuidada. O seu gôsto era brincar com os garotos que iam para debaixo das janelas do paço, e, quando foi homem, andava em pândegas pela cidade, com uma roda de facínoras que faziam tudo o que queriam à sombra dêle, a ponto que até havia mortes nas ruas de Lisboa! Como ainda era pequeno, quando seu pai morreu, ficou regendo o reino sua

mãi D. Luísa de Gusmão, uma espanhola muito decidida, que diziam até que fôra quem mais concorrera para o marido aceitar a coroa. A regente lá foi governando com acêrto, enquanto o rapazote andava ao laré com um tal António Conti, que lhe soubera conquistar a amizade. A rainha um dia pegou nesse António Conti, e ferrou com êle desterrado no Brasil. O' diabo que tal fizeste! O pequeno zanga-se, e, quando o Conde de Castelo Melhor lhe disse que era bom que começasse a governar por si, porque tinha já chegado à maioridade, D. Afonso, para pregar pirraça à mãi, aceitou. Eu não louvo o Conde de Castelo Melhor por ter aconselhado esta acção, mas a verdade é que D. Afonso VI já estava em idade de governar, e que, se não podia dirigir os negócios, sempre era melhor que por êle os dirigisse um homem como o Conde de Castelo Melhor, que tinha uma excelente cachimónia, melhor do que a rainha, que, a-pesar-de ser esperta, sempre era senhora, e por isso menos capaz de governar o reino em tempo de guerra.

Bem conheço que D. Afonso VI era um mau rei, que não tinha juízo, que se entregava a divertimentos indecentes e até criminosos, mas uma qualidade tinha êle: percebia perfeitamente que não sabia cuidar do reino, e deixava o Castelo Melhor fazer tudo quanto queria. Ora o Castelo Melhor era uma das melhores cabeças que têm governado o nosso país, como vocês vão ver, porque é bom que saibam o que se passara na guerra.

Logo depois da morte de D. João IV, um ge-

neral português, João Mendes de Vasconcelos, fizera grande asneira. Vendo que os espanhóis andavam só a fazer fosquinhas, disse consigo: « Não nos hão-de conquistar, e havemos de ser nós que os conquistaremos a êles ». Junta um exército magnífico, e vai cercar Badajoz. Ainda ali ganhámos uma batalha, que foi a do forte de S. Miguel, mas afinal tivemos de levantar o cêrco, depois de havermos perdido inùtilmente a flor dos nossos soldados. Ora o que sucedeu? Foi que, no ano seguinte, quero dizer, em 1659, os espanhóis, picados com o nosso atrevimento, saíram da sua pachorra, juntaram um exército formidável comandado pelo próprio ministro do rei, D. Luiz de Haro, vieram sôbre Portugal e cercaram Elvas. A coisa esteve fosfórica, poque os nossos melhores soldados tinham ficado estendidos diante de Badajoz, e andava isto por cá muito desarranjado. Mas para alguma coisa haviam de servir os dezanove anos de guerra. Em primeiro lugar, Elvas, governada por D. Sancho Manuel que foi depois conde de Vila Flor, defendeu-se admiràvelmente; em segundo lugar, o Conde de Cantanhede, depois Marquês de Marialva, como não tinha outra gente, reüniu um exército quási todo de milicianos e saltou nos espanhóis que cercavam Elvas. Foi no dia 14 de Janeiro de 1659 que se deu a batalha, conhecida pelo nome de Batalha de Linhas Elvas, e nunca os espanhóis apanharam tamanha pilota. Os prisioneiros foram aos milhares; artilharia, bagagens, tudo nos caíu nas mãos, e o próprio D. Luiz de Haro escapou-se por um fio. Também

nunca mais nos perdoou aquela sova, e, quando nesse mesmo ano foi fazer a paz com a França, deu aos franceses tudo quanto êles quiseram, só com uma condição — a de se não falar em Portugal. Era patifaria graúda do ministro francês, um padre, um tal cardial Mazarino, porque as tareias que déramos nos espanhóis tinham feito muita conta aos franceses. Mas o Mazarino foi apanhando o que pôde, e pouco lhe importou mandar-nos à fava.

Vêem vocês a situação em que ficámos. Quando começámos a guerra com a Espanha, estava ela em guerra também com quási tôda a Europa, o que não era mau para nós. Em 1648 fêz a paz com muitas nações, e isso não foi lá muito bom; porém, como a França continuava em guerra, e essa só por si dava mais que fazer à Espanha do que tôdas as outras juntas, ainda a coisa não ia mal; mas agora? A França fazia a paz, quási que se aliava com os espanhóis, porque o rei de França, Luiz XIV, casava com uma princesa espanhola, e nós é que ficávamos em campo, com a Espanha às costas. Ela ainda esteve dois anos a apalpar-nos, mas em 1662 rompeu o fogo com alma. Pôs um dos seus melhores generais, D. João de A'ustria, filho bastardo do rei, à frente dos seus exércitos, e caíu em cima de nós com todo o seu pêso.

Ora foi exactamente em 1662 que entrou no poder o Conde de Castelo Melhor, e foi sôbre êle que desabou êsse temporal desfeito. Nunca Portugal se vira em tão maus lençóis. D. João de A'ustria tomava praças sôbre praças, e na campa-

nha do ano imediato, 1663, quási que chegava às portas de Lisboa. Mas o ministro fizera o diabo, parece que até das pedras tinha feito soldados. Depois, como Mazarino era um finório, que não desgostava de jogar com pau de dois bicos, ao passo que contentava a Espanha, mandava-nos par cá os oficiais que podia, entre êles o conde de Schomberg, que era um general de mão cheia. Não comandou nunca em chefe, porque os nossos não gostavam, e tinham razão, que êles já haviam dado provas de que não precisavam de tutores; mas foi um excelente conselheiro. O que é certo, meus amigos, é que, em três anos sucessivos, em que os espanhóis fizeram todos os esforços para dar cabo de nós, levaram três sovas mestras: a primeira, deu-lha em 1663 o conde de Vila Flor na batalha do Ameixial; a segunda, em 1664, Pedro Jacques de Magalhãis, na batalha de Castelo Rodrigo; a terceira, em 1665, na batalha de Montes Claros, o Marquês de Marialva. Daí por diante nunca os espanhóis levantaram a cabeça, e não pensaram mais em tomar conta outra vez de Portugal.

Ora o Conde de Castelo Melhor tinha uma grande idea; dizia êle consigo: «Os espanhóis levaram tanta pancadaria, que, se fazemos a paz com êles, ficando nós simplesmente com o que tínhamos ao princípio, pode-se dizer que fomos logrados. De mais a mais Portugal é pequeno, a Espanha é grande; em qualquer bulha que tivermos estamos de mau partido. É necessário fazer Portugal maior e a Espanha mais pequena». E tôda a sua tineta era

obrigar os espanhóis a dar-nos a Galiza. E o que fazia êle então? Encostava-se a Luiz XIV, rei de França, que andava namorando umas províncias espanholas lá de Flandres. Casava D. Afonso VI com uma princesa francesa, e dizia consigo: «Mais dia menos dia, Luiz XIV pega-se com a Espanha. Nós vamos com êle. A Espanha leva para o seu tabaco a valer. Êle fica com as províncias que quiser, até com a Flandres tôda, se lhe fizer conta, e nós com a Galiza, e com mais alguma coisa, se puder ser».

— E era bem pensado, Sr. João da Agualva, observou o Bartolomeu. Por que é que não havia de ser nossa a Galiza?

— Tens razão, e já vês que, se nós tivéssemos a Galiza também, não estávamos sempre com mêdo de ser engolidos pelos vizinhos. Mas que queres tu? Entretanto iam grandes intrigas no paço. A rainha, que era uma princesa tôda *liró* e tôda costumada às janotices da côrte de Luiz XIV, achando-se casada com um homem que só se dava bem com moços de cavalariça, e que de mais a mais era tão doente, que nem marido podia ser, principiou a desgostar-se, e ao mesmo tempo a agradar-se do infante D. Pedro, rapaz desempenado, que também não desgostava da francesita. Pensaram em se juntar e governar o país. Principiaram as intrigas. Tanto fizeram, que conseguiram pôr fora o Conde de Castelo Melhor. Desamparado, o pobre D. Afonso VI não tardou a ser expulso do trono, e até o descasaram, coitado! Foi necessário para isso um processo que é uma

vergonha, e realmente não posso perceber como foi que uma rainha se deixou assim andar nas bôcas do mundo!... Enfim, o que é certo é que desterraram o pobre D. Afonso VI, mandando-o para a ilha Terceira; prenderam-no depois em Sintra, onde morreu, e a rainha casou com o cunhado, e êste ficou a governar o reino. Eu já lhes disse, rapazes, que bem conheço os defeitos de D. Afonso VI; mas o pobre homem, que era mesmo uma criança, que se não importava para nada com a política, que tivera a fortuna de acertar com um bom ministro que governava por êle e governava bem, não merecia que lhe fizessem semelhante entrega! Mete dó, porque êle nem sabia defender-se, andava ali como o menino nas mãos das bruxas.

E o irmão, que lhe tirara a coroa, e que lhe tirara a mulher, nem ao menos lhe dava a sua liberdade, nem lhe consentia que espairecesse. Tinha-o prêso num quarto em Sintra, e ali o deixou morrer de aborrecimento e de desgôsto, a êle que nunca fizera mal a ninguém senão com as suas tôlas rapaziadas.

Enfim, passemos adiante! O que é certo é que isto sucedeu em 1667, e logo no ano seguinte, de 1668, fazia-se a paz com a Espanha, sem lucro nenhum para nós, porque nem ao menos apanhávamos a praça Africana de Ceuta, que era tão nossa, por causa da qual morreu no cativeiro o Infante Santo, e que em 1640 não conseguira livrar-se dos espanhóis.

Tanto se empenhara em governar o reino o Sr. D. Pedro II, que, desde 1667 até 1683, ano

em que morreu D. Afonso VI, só tomou o título de regente, e a-final-de contas não fêz senão tolices. De mais a mais, agumas coisas boas que deixou fazer logo as desmanchou. Um ministro que êle teve, o conde da Ericeira, quis ver se fundava fábricas em Portugal, mas em 1703 um tratado com a Inglaterra, conhecido pelo nome de tratado de Methwen, que êste era o nome do embaixador que o assinou, deu cabo da nossa indústria. Conservou-se em paz, tanto que lhe deram o nome de *Pacífico*, e vai no fim do seu reinado mete-se sem mais nem menos na guerra da sucessão de Espanha, favorecendo D. Carlos, da casa de Áustria, contra D. Filipe, da casa de Bourbon. Como tínhamos então um exelente general, que era o Marquês das Minas, deu-nos êste o gostinho de entrar vitorioso em Madrid, e de proclamar ali D. Carlos, rei de Espanha; mas êsse gostinho não tardámos a amargá-lo, porque, morrendo D. Pedeo II no dia um 1 de Dezembro de 1707, logo no dia 25 de Abril de 1707 era o Marquês das Minas batido na batalha de Almanza com graves perdas para nós, tanto que até ao fim da guerra pode-se dizer que nunca mais levantámos cabeça.

Subiu ao trono D. João V, e eu, para lhes dizer a verdade, o que não posso perceber é como há historiadores que gabem aquêle rei. Cá para mim foi um dos piores que nós tivemos. Possuía algumas qualidades que não eram de todo más, era porém o mesmo que se as não tivesse, porque não pensava senão no beatério, e em obras grandes e magníficas,

que a maior parte das vezes para nada serviam. Logo por desgraça foi nesse reinado que começaram a render rios e rios de dinheiro as minas do Brasil, e tudo era pouco para o rei que não cuidava senão de si e nada do reino. Por exemplo, achou-se embrulhado com a Espanha e com a França numa guerra, que no seu tempo não foi senão desastrosa. Uns corsários franceses deram-nos cabo do Rio de Janeiro e levaram-nos umas riquezas espantosas. Pois não encontrou aquêle homem uns poucos de navios para saltarem também nas colónias francesas, ou para protegerem as nossas! Enfim, se os não tínhamos, paciência! Mas daí a pouco saíu de Lisboa uma excelente esquadra em socorro do Papa, comandada pelo Conde do Rio Grande, esquadra que foi bater os Turcos no cabo Matapan! Ora vejam se há um patarata assim! Anos depois, por causa de uns insultos feitos em Madrid ao nosso embaixador, está para rebentar a guerra com a Espanha. Fazem-se preparativos, e vê-se que não temos nem exército, nem marinha. De que tratou logo D. João V? De comprar armamento? Qual história! De mandar fazer em Paris, para si, uma barraca de campanha muito rica, e tão luxuosa, que tôda a gente a ia ver!!

Não tínhamos estradas, não tínhamos rios canalizados, não tínhamos desentulhados os portos, não tínhamos nada do que nos era necessário, mas tínhamos aquela monstruosidade do convento de Mafra que custou 120 milhões de cruzados, que não serve para coisa nenhuma, e que nem ao menos é bonito.

Dizem que gostava muito de imitar Luiz XIV, mas o que me dizia o engenheiro francês que esteve aqui em Belas, é que Luiz XIV mandava ir sábios para França, dava pensões aos sábios estrangeiros, e êste o que dava era dinheiro para igrejas, e o que mandava vir era de Roma bulas e capelas. Dizem que nunca deixou às nações estrangeiras pôr pé em ramo verde connosco. Quem lhe valeu para isso foram os diplomatas que teve, que nunca em Portugal os houve tão bons, e também o ser tão orgulhoso, que ia aos ares só com a idea de que mangavam com êle.

Mas no mais, não me falem em D. João V, que até me sobe o sangue à cabeça. Pois vocês conhecem coisa que mais indigne, do que ir um homem ali para Lisboa, no campo da Lã, ver os inquisidores queimar gente de bem, ou porque não gostavam de toucinho, ou porque nem sempre iam à missa, e depois montar a cavalo, para se meter em Odivelas na cela de uma freira e passar ali a noite? Eu digo que me chega a parecer nem sei o quê uma malvadez assim.

Morreu em 1750 êsse rei que não fêz nada bom em Portugal, a não ser as Águas-Livres. Pouco mais dinheiro gastou que se pudesse dizer que fôsse bem gasto. E digo-lhes que, se vocês olharem para o país, até lhes há-de fazer pena. A nobreza já não se compunha senão simplesmente de criados do paço; o clero imenso e corrompido enchia o reino com os seus padres e os seus conventos, e conservava o povo num ignorância completa; o povo,

miserável, vàdio, ou emigrava para o Brasil, ou pedia esmola às portarias dos conventos, ou sentava-se ao sol. Tínhamos chegado ao mais baixo a que podíamos chegar. Felizmente, quando uma nação desce a tal ponto, sempre aparece alguém que a levante, e êsse, eu, para o outro domingo, lhes direi quem foi. Por hoje basta. Quando falo no Sr. D. João V, o *Magnífico*, e penso no mal que êle fêz ao país, fico sempre macambúzio, e então o melhor é ir-me deitar.

NONO SERÃO

D. José I. — As tranformações sociais. — O Marquês de Pombal e a revolução. — Terramoto de 1 de Novembro de 1755. — As grandes reformas de Sebastião de Carvalho. — Expulsão dos jesuitas. — Agricultura. — Indústria. — Inquisição. — Cristãos novos e cristãos velhos. — Politica estrangeira. — Energia com Roma e com Inglaterra. — Reconstrução de Lisboa. — Estátua de D. José. — Atentado contra o rei. — Suplício dos Távoras. — D. Maria I. — Reacção contra as medidas do Marquês de Pombal. — Processo do grande ministro. — Pina Manique. — Francisco de Almeida. — Martinho de Melo. — Loucura da rainha. — Regência do principe D. João. — A República Francesa. — Campanha do Roussillon. — Campanha de 1801. — Napoleão e o tratado de Fontainebleau. — Fuga da familia real para o Brasil. — Guerra peninsular. — Congresso de Viena. — D. João VI. — Conspiração de 1817. — Revolta de Pernambuco. — Revolução de 1820.

Hão-de vocês notar, rapazes, observou o João da Agualva mal todos se sentaram no domingo seguinte em tôrno da lareira, que, em estando para haver uma grande mudança na sorte dos homens, parece que todos, sem o querer e sem o saber, tra-

balham para essa mudança, desejando fazer muitas vezes exactamente o contrário. Por exemplo, lembram-se vocês que ali por 1500 é que os reis se fizeram senhores absolutos, porque acabaram com os privilégios da nobreza, e com as fôrças do povo. Quem é que contribuíu para isso? O povo, que ajudou o rei a dar cabo dos nobres. Agora encaminha-se tudo para a liberdade e para a igualdade, e quem é que no nosso país vai concorrer mais para semelhante coisa? O Marquês de Pombal. Dir-me-ão vocês: Então o Marquês de Pombal era algum liberalão por aí além, como os de vinte? Qual história. Era um tirano, e dos mais ferozes que nunca houve, mas, sem o querer e sem o saber, ninguém mais do que êle trabalhou pela liberdade.

Em primeiro lugar hão-de vocês saber que o rei D. José, que subiu ao trono por morte de seu pai D. João V, quási que não conhecia o Marquês de Pombal, que já era homem dos seus cinqüenta anos, e que tinha andado por fora como embaixador, ora em Londres, ora em Viena de A'ustria, onde casara com a filha de um figurão austríaco. Quem meteu empenhos para que êle fôsse ministro foi a mãi de D. José, D. Mariana se chamava ela, arquiduquesa de A'ustria, e por isso amiga da mulher do marquês, que então se chamava simplesmente Sebastião José de Carvalho e Melo. Era um ministro como os outros, e o rei não fazia mais caso dêle do que fazia dos seus colegas, quando de repente acontece uma grande desgraça em Lisboa, que veio a ser o terramoto do dia 1 de Novembro de 1755. A cidade

foi quási tôda a terra, morreram muitas mil pessoas, outras ficaram a pedir esmola, e sobretudo reinava um terror tamanho, que ninguém sabia o que havia de fazer nem para onde se havia de virar. O Sebastião de Carvalho não perdeu a tramontana. Toma êle a direcção de tudo, arranja sustento, enforca às portas da cidade quantos ladrões apanha, porque isso então era uma praga, trata do desentulho, e logo em seguida de reconstruir a cidade, isto com uma actividade, com um desembaraço, com um acêrto, que D. José disse consigo: «Temos homem»! Daí por diante quem governou foi êle, e é de uma pessoa pasmar ver o que fêz. Até aí os governos, para falar a verdade, em quem menos pensavam eram no povo e no país. O dinheiro do Estado não servia senão para êles fazerem o que lhes agradava, e por felizes se podiam dar os povos, quando lhes dava o capricho para coisas úteis. Sebastião José de Carvalho e Melo tratou do país e mais nada. Ora de que é que o país precisava?

Precisava, primeiro que tudo, de acabar com as despesas do gôsto das que fazia el-rei D. João V, que era umas mãos rôtas com fidalgos e com igrejas.

Precisava de poder pensar e estudar, sem ser sempre debaixo da palmatória dos frades e dos jesuítas.

Precisava de acabar com a Inquisição, porque era uma vergonha que ainda se queimasse gente em Portugal, só porque não ia à missa.

Precisava de ter exército e de ter marinha.

Precisava de ter indústria.

Precisava de ter lavoura.

E nada disto êle tinha.

Sebastião de Carvalho via estas coisas e disse consigo: «Mãos à obra». Ora digam-me vocês: Quando chegam a uma quintarola que compraram e vêem tudo estragado; os pardais a darem cabo da fruta, as searas a morrerem de sêde, a terra fraca por falta de estrume, as ervas ruins a afogarem o trigo, o que é que fazem? Arregaçam as mangas, dizem: Vamos a isto. E sacham as ervas, sem dó nem piedade, e saltam ao tiro nos pardais, até os porem fora, e deitam estrume na terra, e levam a água da rega para as searas, e levantam os muros arrasados, e enxotam os porcos que lhes vinham fossar as batatas, e sacodem as galinhas que lhes depenicam tudo, e até vocês se riam, se os acusassem de crueldade porque matavam os pardais, ou porque arrancavam e deitavam fora as ervas ruins.

Pois Sebastião José de Carvalho e Melo tratou Portugal exactamente como vocês tratariam a tal quintarola. Olhou para tudo e disse consigo: Eh! com os diabos, como isto está! No paço há um bando de pardais que dá cabo da melhor fruta dos pomares da nação. Toca a enxotar os pardais! E como os pardais refilaram, saltou ao tiro nêles. As searas da inteligência, que também são trigo, porque dão o pão do espírito, não podiam medrar, porque as afogava por tôda a parte o joio do jesuïtismo. Toca a sachar os jesuítas. Os muros da quinta estavam arrasados, quere dizer, estavam as fronteiras a descoberto, e em vez de haver fortes, o que havia

eram igrejas, e êle mandou fazer o forte da Graça em Elvas, e pôs o exército a direito, mandando vir para isso um militar estrangeiro, o príncipe de Lippe, que era da escola de um rei da Prússia que foi o primeiro militar do seu tempo. Não havia lavoura nem havia indústria, porque ninguém lhe dava a protecção da rega e do adubo, e Pombal deu-lhe tudo isso à moda do seu tempo, que êle também não podia adivinhar o que hoje se sabe. Êle reformou os estudos e a Universidade; êle fundou companhias e fábricas; êle partiu os dentes à Inquisição; êle pôs fora os jesuítas; êle tirou a censura dos livros aos padres; êle acabou com distinções de cristãos-novos e cristãos-velhos, e na I'ndia e no Brasil acabou também com tôdas as tolices das raças; êle determinou que não houvesse escravos em Portugal; êle arreganhou os dentes a Roma, e soube pôr o Papa no seu lugar; êle bateu o pé à Espanha; êle fêz-se respeitar pela Inglaterra; êle acabou os morgados pequenos que só faziam mal à lavoura; êle não deixou que entrassem para padres e frades todos quantos o queriam ser, porque, se as coisas continuassem assim, às duas por três não havia senão cabeças rapadas em Portugal; enfim, meus amigos, é de uma pessoa pasmar ver que aquêle diabo de homem, que ao mesmo tempo fazia de Lisboa uma cidade nova e levantava uma estátua ao seu rei no Terreiro do Paço, em tudo pôs a mão, tudo melhorou, tudo reformou, tudo arranjou, e pode-se dizer que virou a nação de dentro para fora. Já se vê que fêz tudo isto com o «posso, quero e mando».

Mas a que é que prestou verdadeiros serviços? Foi à liberdade, porque tirou o povo da miséria e da ignorância em que vivia, porque o livrou de ter os jesuítas por tutores, e assim o animou a cuidar dos seus direitos e o preparou para um belo dia reclamar a liberdade. Foi cruel, bem sei, não digo menos disso. Tratou os homens como se fôssem pardais, e praticou mesmo barbaridades escusadas; mas que diabo! não sei que sina é esta: reforma graúda sem muito sangue parece que não há modo de se fazer; uma vez são os reformadores que derramam o seu próprio sangue, e então é que a reforma vem de Deus, como acontece com o cristianismo; outras vezes os reformadores derramam o sangue dos outros, e então é que a reforma vem dos homens, como aconteceu com a revolução francesa; porque lá isso de regar as árvores do bem com o sangue das nossas próprias veias, Deus é que o ensina, que os homens só por si não são capazes de chegar a tanto.

—Ó Sr. João, exclamou o Bartolomeu, mas parece-me que tenho ouvido dizer que os Távoras, o duque de Aveiro e os mais fidalgos sofreram tormentos do diabo ali na praça de Belém. Ora, ainda que fôsse necessário dar cabo dêles, acho que não era preciso atormentá-los, e que o Marquês de Pombal tinha na verdade cabelos no coração.

—Não digo menos disso, Bartolomeu, mas ouve lá uma coisa: tu sabes por que é que os fidalgos, eram executados, não sabes? Foi por darem uns tiros no rei. Êles queriam livrar-se do ministro, o

rei não largava o ministro, cada vez se lhe agarrava mais, como depois mostrou, fazendo-o conde de Oeiras e marquês de Pombal, e então lembraram-se de dar cabo de D. José. Ora sabes tu como fôra castigado em França, pouco tempo antes, um homem que tinha querido matar o rei Luiz XV? Foi pôsto a tormentos, depois nas feridas abertas deitaram-lhe chumbo a ferver, e afinal ataram-no aos rabos de quatro cavalos, e esquartejaram-no. E contudo ninguém diz que Luiz XV tivesse cabelos no coração. As coisas faziam-se assim no seu tempo, não foi o Marquês de Pombal que as inventou.

Hão-de vocês dizer: Êste diabo gaba sempre as tiranias por tôda a parte. Já defendeu D. João II, agora defende o Marquês de Pombal. Eu não as louvo, rapazes. Se vivesse nesses tempos, e pudesse, havia de berrar contra elas; mas cá de longe, vendo as coisas com sossêgo, digo que ninguém é perfeito, e que todos os homens têm, como dizia o tal engenheiro francês que esteve em Belas, os defeitos das suas qualidades. Ali está o Francisco Artilheiro que foi soldado; havia de ter servido com muitos coronéis: Encontrou algum que fôsse têso a valer e que ao mesmo tempo desatasse a chorar no tempo das varadas, quando tinha de mandar chibatar algum soldado? Não pode ser. Êstes pimpões que quebram todos os abusos, que põem um joelho de ferro em cima de tôdas as revoltas, fazem aos homens o mesmo que fazem às coisas, e o dever de quem depois conta a história é perceber isso tudo, e não estar a berrar contra aquêles que fizeram serviço ao

seu país, só porque nem sempre paravam onde seria melhor que tivessem parado.

Mas vamos nós ao resto da história, que daqui a pouco já as noites são mais pequenas, e mal chega o tempo para dormir a quem tem de se levantar com o sol. D. José morreu em 1777, e, apenas êle fechou os olhos, rebentou o ódio que havia contra o grande ministro; ninguém quis lá pensar no bem que êle tinha feito, e todos clamaram contra as suas crueldades. Demais a mais, quem sucedia a D. José era sua filha, a rainha D. Maria I, muito beata, embirrando muito com o Marquês, porque desconfiava que êle quisera fazer passar o trono para o filho dela, um rapazito muito esperto, chamado D. José, e então o rei a morrer hoje e o ministro a ser demitido amanhã. Não houve picardia que lhe não fiizessem. Mandaram-no para a sua quinta de Pombal e, estando êle já doente e amargurado, moeram-no com preguntas, porque lhe armaram um processo. Se pudessem desfazer tudo o que êle fizera, desfaziam, mas afinal só soltaram os presos, porque enquanto ao mais tiveram mêdo de dar bordoada no finado rei, que afinal de contas respondia pelos actos do ministro, porque êle é que assinava as ordens. Tiraram o retrato do Marquês da memória do Terreiro do Paço, que só em 1834 se tornou a pôr como era justo; em vez do retrato puseram as armas de Lisboa que são um navio à vela, e foi então que o Marquês de Pombal disse, ao saber do caso: «Ai! Portugal, que vais à vela»!

Bem quisera D. Maria I admitir os jesuítas ou-

tra vez, mas não podia ser, porque o Marquês de Pombal não só os expulsara de Portugal, mas fizera uma liga contra êles em tôda a Europa, e conseguira que o papa Clemente XIV acabasse com a Ordem. Muito trabalharam os parentes dos Távoras para conseguir que se desse uma sentença a declarar que era pêta o que se dissera a seu respeito e injusta a sentença que os condenava; mas afinal não conseguiram isso, porque a rainha percebeu que, condenando o Marquês de Pombal, a quem condenava era ao pai.

No mais tudo andou para trás, a não ser a marinha, que teve um bom ministro, Martinho de Melo, e nisto de escolas, que sempre se foram desenvolvendo. Houve além disso dois homens que fizeram muito bem a Lisboa e ao Pôrto, a saber: o intendente da polícia, Pina Manique e o corregedor do Pôrto, Francisco de Almada. É que já se não podia deixar de cuidar de melhoramentos; mas o que deu cabo de nós foi a birra que tivemos em nos meter na bulha contra a república Francesa. Isso, falar em Portugal nas ideas novas, era o mesmo que falar no diabo, e D. Maria I, em vez de tratar da sua vida, seguiu o caminho de D. João V. Êste ia-se meter com os Turcos que lhe não faziam mal nenhum, D. Maria I foi-se meter com a república Francesa, que estava lá tão longe e que nada tinha com Portugal.

O que resultou daqui é que mandámos uma divisão ao Roussilhão a ajudar os espanhóis, e uma esquadra a Toulon a ajudar os inglêses. A divisão

do Roussilhão portou-se o que se chama bem; mas depois? A Espanha fêz a paz com a França, e nós ficamos a olhar ao sinal; a Inglaterra metia-nos na dança, e depois punha-se de palanque. Tivemos de andar a pedir a paz à república Francesa, quási de joelhos, e o Napoleão, que já nesse tempo começava a governar em França, e que nos tinha jurado pela pele, teve a habilidade de açular a Espanha contra nós, resultando daí a guerra de 1801. Foi uma guerra vergonhosa. Tínhamos o exército escangalhado, não fizemos senão levar bordoada, e, para alcançarmos a paz, tivemos de pagar bom dinheiro, e de dar aos espanhóis Olivença, que nunca mais apanhámos. De nada nos valeram tôdas as humilhações. Em 1807, Napoleão, que já era imperador, e que andava numa luta de morte com a Inglaterra, quis que fechássemos os portos aos nossos antigos aliados. Andámos a hesitar, até que Napoleão, que não gostava de perder tempo, declara que a casa de Bragança deixara de reinar, e mete-nos cá dentro um exército comandado pelo Junot. A família real não teve senão tempo de fazer as malas e de partir para o Brasil, por conselho dos Inglêses. Devo-lhes dizer uma coisa: a raínha D. Maria I endoidecera havia muito tempo, e quem governava em seu nome como príncipe regente, desde 1792, era o príncipe D. João, seu filho mais velho, porque aquêle D. José, de quem lhes falei, e que dava tantas esperanças, tinha morrido em 1788.

Imaginem vocês como ficaria o povo com esta

partida, e agora é que é o caso de se lhe chamar *partida*.

Abandonado pela família real, veio o Junot tomar conta do govêrno, agarrar no exército português, que não tinha ordem para resistir, e mandá-lo para França servir no exército de Napoleão, lançar contribuïções pesadas como o diabo, e, enfim, tratar isto como terra conquistada. E para maior vergonha, Junot invadira o país, no coração do inverno, com meia dúzia de gatos, e entrara em Lisboa à frente de quatro soldados estropiados e esfarrapados. A vergonha de tôdas estas humilhações começou a fazer ferver o sangue aos portugueses, e um belo dia rebentou a revolta no Pôrto. Foi como quem diz um rastilho de pólvora. Desde o Minho até ao Algarve, não houve terra em que se não pegasse em armas contra os franceses. O Junot mandou as suas tropas esmagar as revoltas, e os franceses fizeram então coisas do arco da velha: mataram, roubaram, queimaram...

— Ah! pai do céu! exclamou a tia Margarida, eu era bem pequenina então, havia de ter sete ou oito anos, mas lembra-me do que minha mãi me contava. Havia um, que ela chamava o *Maneta*, que isso parece que era o diabo em pessoa.

— Era o general Loison, que não tinha um braço. Em Évora fêz êle o demónio, mas, por mais que fizessem, não conseguiam acabar com a revolta. Era pobre gente do povo, sem armas, sem disciplina, sem chefe, que assim se levantava contra os franceses, e êstes davam-lhe para baixo fàcilmente; mas

a gente levava aqui em Belas, levantava-se em Sintra; iam os franceses a Sintra, levantavam-se os de Belas. Demais a mais, cada qual faz a guerra como pode. Lá em batalha não podiam os nossos medir-se com os soldados de Napoleão. O que faziam? Davam-lhes caça: em os apanhando, separados, carga para cima dêles. Era facada, era paulada, era tiro de bacamarte, era o que podia ser, com os diabos! que um povo é como uma pessoa, quando o querem pisar aos pés, defende-se com unhas e dentes. Mas nisto os inglêses, que andavam à toca de ver se podiam saír da sua ilha e desembarcar nalgum sítio onde pudessem incomodar Napoleão, assim que viram que Portugal estava revoltado, desembarcaram aqui um exército comandado por um sujeito chamado Wellington, que, se não era tão bom general como Napoleão, pelo menos parece-me que ainda seria mais feliz do que êle. O Junot, que não passava de ser um valentão, foi batido pelos inglêses na Roliça e Vimeiro, onde os nossos, já se vê, também combateram ao lado das fardas vermelhas, que é, como vocês sabem, o uniforme inglês, e, para se safar de Portugal, teve de capitular. E' verdade que o patife apanhou uma capitulação, que não podia ser melhor se fôsse êle que houvesse dado a tunda nos inglêses. Levou-nos tudo o que nos tinha roubado, e nem se falou nos nossos soldados que lá andavam, contra vontade sua, a servir no exército de Napoleão.

— O' Sr. João, acudiu o Manuel da Idanha, vossemecê há-de desculpar uma pregunta, mas parece-

-me que ninguém pode vir por terra da França a Portugal, sem passar pela Espanha, não é verdade?

— É sim, rapaz; mas que queres tu dizer com isso?

— Quero dizer que não percebo como foi que o Junot cá veio. Então os Espanhóis deixaram-no passar?

— Fizeram mais alguma coisa, vieram com êle, porque nesse tempo estavam ainda muito manos com os Franceses, tanto que repartiram entre si Portugal como quem reparte um melão, uma talhada para êste, outra talhada para aquêle, etc. Mas o Napoleão surripiou aos espanhóis a sua família real e fêz rei de Espanha um seu irmão, chamado José, de forma que, quando nós nos revoltámos, revoltaram-se êles também, e começámos uns e outros à lambada aos franceses.

Entretanto cá se arranjara um governo; tratou êle de organizar o exército, que ainda era à moda de 1640, e que só precisava de um general como o príncipe de Lippe para ficar uma jóia. Êsse general apareceu, foi um inglês chamado Beresford, que num abrir e fechar de olhos pôs tudo a direito. O que é certo, meus amigos, é que na guerra da Península, que durou seis anos, os nossos soldados, combatendo ao lado dos soldados inglêses, passavam por ser tão bons como êles, e talvez melhores. Já se vê que tinha sido necessário virem muitos oficiais inglêses para os nossos regimentos, porque a oficialidade Portuguesa estava tôda dispersa: uns tinham ido para a França, outros para o Brasil,

e outros, diga-se a verdade, não prestavam para nada.

— Ó Sr. João, dá licença que lhe faça uma pregunta? interrompeu de novo o Manuel da Idanha.

— Faze, rapaz, pudera! Pois então para que estou aqui?

— Porque é que se chamou a essa guerra a guerra da Península?

— Não te disse eu, rapaz, no princípio desta conversa, que Portugal e a Espanha juntos formavam uma península, quere dizer, quási uma ilha, porque a cerca o mar por tôda a parte menos por um lado, que é onde pega com a França pelos Pirinéus?

— Disse, sim senhor.

— E não te acabei de dizer que, quando nos revoltámos contra Napoleão, revoltaram-se também os espanhóis, e que desatámos uns e outros à pancada aos franceses?

— Também é verdade.

— Pois então, aí tens tu: a guerra era de Espanha e de Portugal, por conseguinte, era a guerra da Península.

— Ora também quero fazer uma pregunta, disse a tia Margarida.

— Pois então, tia Margarida! Era o que faltava que as mulheres não tivessem a palavra.

— O que você precisava era de um puxão de orelhas, mas enfim lá vai a pregunta. Eu, sempre que minha mãi falava nessas coisas, ouvia-lhe dizer que os franceses eram muito maus, mas que os in-

glêses talvez ainda fôssem piores. Ora você diz que os inglêses vieram ajudar-nos...

— Dizia muito bem a sua mãi, tia Margarida, mas eu também não digo mal. Soldados inglêses sempre foram abrutados, principalmente em estando com o vinho. Nunca vieram a Portugal senão ajudar-nos, e nunca também cá vieram, que não ficasse tudo a berrar contra êles. Olhem no tempo de D. Fernando. Parece-me que lhes contei que, vindo êles combater ao nosso lado contra os espanhóis, fizeram o que o demónio não fêz. E agora, que já respondi às suas preguntas, vou continuar a minha história.

O Junot foi pôsto fora em 1808; os inglêses então viraram-se contra os franceses que estavam na Espanha, e meteram-se pela Galiza dentro, mas o Soult, apanhando-os lá, deu-lhes uma tareia formidável, e depois veio sôbre Portugal e entrou no Pôrto. A gente do Pôrto, a fugir dos franceses, meteu-se na ponte de barcas que então havia sôbre o Douro, para passar para o outro lado; a ponte abateu e morreram milhares de pessoas.

— Ah! bem sei! interrompeu a tia Margarida, diz que foi o dia de juízo.

— Ora se foi! Os franceses pararam no Pôrto, mas nós e os inglêses fomo-nos a êles daí a tempo e pusemo-los fora. O Napoleão, embirrando com o caso, mandou um exército comandado pelo marechal Massena, um dos seus melhores generais, com ordem de atirar o Wellington ao mar; mas o Wellington, que era homem avisado, e que não gostava

de tomar banhos de choque, aproveitara o tempo a arranjar as linhas de Tôrres Vedras, de trás das quais se meteu. O Massena bateu com as ventas nas linhas, viu que não podia fazer nada, foi-se embora, e nós logo atrás dêle.

Para encurtar razões, em quatro anos de campanha, fomos a pouco e pouco empurrando os franceses pela Espanha fora, em 1814 entrámos em França, de embrulhada; e, como os russos, os austríacos e os prussianos também entraram por outro lado, levando o Napoleão adiante de si, caíu aquela caranguejola tôda, e Napoleão teve de dar a sua demissão de imperador, e nós ficámos livres dos franceses.

Dois anos depois, em 1816, morreu a rainha D. Maria I, no Brasil, sem que ninguém, por assim dizer, desse por isso. O príncipe regente tomou o nome de D. João VI e continuou tudo como até aí.

Entretanto, em Portugal estava tudo descontente. O povo levantara-se contra os franceses por sua conta e risco, e parecia-lhe história que o rei, que fugira, continuasse a não fazer caso nenhum dêle.

Em Espanha tinham-se reünido côrtes e arranjara-se uma constituïção pela qual se acabava com o poder absoluto dos reis. Em Portugal, se não se fizera o mesmo, não fôra por falta de vontade, mas os inglêses não deixavam. Todos percebiam, porém, que se não podia voltar à antiga, como se não se tivesse passado coisa nenhuma no intervalo. Por outro lado, a teima do rei em ficar no Brasil já nos ia fazendo chegar a mostarda ao nariz, tanto mais

que, ao passo que havia por cá muita miséria, estava sempre a ir dinheiro para o Brasil, e não só dinheiro mas tropa também, porque D. João VI, em 1817, lembrara-se de juntar Montevideu ao Brasil, como se o Brasil ainda fôsse pequeno, aproveitando para isso a revolta das colónias espanholas. Enfim, a conservação de Beresford e dos coronéis inglêses no quadro do exército português incomodava os nossos oficiais, e descontentava a nação.

Em 1817, descobre-se ainda por cima uma conspiração liberal, dão como implicado nela, com provas de cá-cá-rá-cá, um general muito estimado, Gomes Freire de Andrade, de quem diziam que Beresford tinha ciúmes, e enforcam-no. Tudo isto ia fazendo ferver o sangue aos portugueses, e, quando em 1820 começou a haver revoluções liberais por tôda a parte, rebenta também uma revolução liberal no Pôrto, espalha-se logo por todo o reino, chega a Lisboa, e pega-se ao Brasil. D. João VI é obrigado a aceitá-la, e a vir para Portugal, a mandar embora os oficiais inglêses, e a assinar uma constituïção que as côrtes fizeram; mas os governos lá de fora, e logo os mais poderosos, acharam perigoso que se tornasse a falar em liberdade e constituïções, e decidiram que viesse um exército Francês pôr a mordaça na bôca aos liberais da Espanha, enquanto um exército Austríaco ia fazer o mesmo aos da Itália. Apenas cá chegou a notícia, os amigos do absolutismo, que tinham por chefe o infante D. Miguel, segundo filho do rei, levam êste para Vila Franca, e deitam abaixo a constituïção. Mas

o que a fêz cair não foram êles, foram os passos dos soldados franceses, que já a essas horas andavam por Espanha.

Entretanto, o Brasil, onde ficara governando o príncipe D. Pedro, que era o filho mais velho do rei, fazia-se independente. Antes dêle tinham feito o mesmo as colónias vizinhas que pertenciam à Espanha, e cinqüenta anos antes as que pertenciam à Iglaterra. No Brasil já houvera duas tentativas de revolta, e ambas tinham sido afogadas em sangue: uma em 1789, outra em 1817. Afinal venceram. Acusam muito D. Pedro de se ter feito imperador do Brasil, e de se haver revoltado contra seu pai. Êste não se revoltou, mas só podia fazer uma de duas coisas: ou ir com os Brasileiros, ou pôr-se no andar da rua. Então êsses figurões imaginavam que um país rico, grande e forte, está agora para receber ordens de outro mais pequeno, ou maior que êle seja, e que fica de mais a mais do outro lado do mar? Ora, histórias da vida! e não se queixem disso. É a ordem das coisas. As colónias são como os filhos. A gente educa-os, trata-os, deixa-os ir crescendo. Quando são maiores emancipam-se. E ninguém tem que estranhar. Foi o que aconteceu com o Brasil. Estava maior, emancipou-se. Perdemos o Brasil em 1825; em 1826 morreu D. João VI. Os seus últimos dias foram amargurados. Tivera guerra com o filho mais velho que se revoltara com o Brasil; estivera para ser destronado pelo filho mais novo, D. Miguel, que o chegara a prender na Bemposta, e que êle depois tivera que mandar para fora

do reino; a mulher, D. Carlota Joaquina, que estava sempre às turras com êle, nunca lhe dera senão desgostos. Faleceu ralado o pobre rei, que era uma excelente pessoa, amigo de tomar o seu rapé com sossêgo, e que para sua desgraça governara no tempo da revolução francesa, no tempo de Napoleão, e no tempo da revolução de 1820. E há-de a gente acreditar no rifão: «Dá Deus o frio conforme roupa».

E, como eu também estou com frio, rapazes, vou até casa à procura de roupa, e no próximo domingo acabaremos com isto.

DÉCIMO SERÃO

História contemporânea. — D. Pedro IV. — A carta Constitucional. — Regência da infanta D. Isabel Maria. — D. Miguel, rei absoluto. — Sublevação no Pôrto. — A ilha Terceira. — O Conde de Vila Flor. — Perseguição aos liberais. — A esquadra fancesa no Tejo. — D. Pedro IV põe-se à frente dos liberais. — Desembarque no Mindelo. — Cêrco do Pôrto. — Expedição do Algarve. — Batalha do Cabo de S. Vicente. — Entrada das tropas do duque da Terceira em Lisboa, a 24 de Julho. — Cêrco de Lisboa. — Batalhas da Asseiceira e Almoster. — Convenção de Évora-Monte. — Reinado de D. Maria II. — Revolução de Setembro. — Constituïção de 1838. — Restauração da Carta — A Maria da Fonte. — A Junta do Pôrto. — A intervenção estrangeira. — A Regeneração. — Reinado de D. Pedro V. — A febre Amarela. — Reinado de D. Luiz — Conclusão.

— Vocês percebem, meus amigos, principiou o João da Agualva, que, tendo de lhes contar agora acontecimentos em que tomou parte muita gente que ainda está viva e sã, e não querendo ofender ninguém, não posso estar com muitas reflexões. Quem sucedeu a D. João VI, foi D. Pedro IV,

já então imperador do Brasil. Êste, que era um príncipe que percebia as coisas, viu bem que o nosso tempo já não era tempo para absolutismos, e antes quis dar êle uma constituïção do que ir o povo arrancar-lha. Mandou portanto para Portugal a Carta, dizendo ao mesmo tempo que abdicava em sua filha D. Maria, a qual havia de casar com seu tio, o infante D. Miguel, e, enquanto D. Miguel não voltava para Portugal, nomeou regente a infanta D. Isabel Maria, que vocês haviam de conhecer muito bem.

— Ora se conhecemos! morava ali em Benfica!

— Tal qual! Morreu há coisa de oito anos. A Carta Constitucional ficou sendo lei do reino, a-pesar-de algumas revoltas; mas o infante D. Miguel, apenas chegou a Lisboa em 1828, fecha as côrtes, atira com a Carta de pernas ao ar e faz-se proclamar rei absoluto. A guarnição do Pôrto não está pelos ajustes, e revolta-se, mas tem de fugir para Espanha. Tudo o que eram liberais, e que puderam safar-se, emigraram uns para França, outros para Inglaterra. Mas o que é certo é que o povo todo estava com D. Miguel. Porquê? Como pode haver um povo que não goste de liberdade? Vão lá explicá-lo! Os padres e os frades estavam quási todos ao lado de D. Miguel, e levavam consigo muita gente.

Mas a ilha Teceira não esteve pelos autos, e não aceitou o absolutismo. Apenas isto constou, correram os emigrados para essa ilha; o Conde de Vila Flor tomou conta do govêrno, e ali resistiu

às esquadras de D. Miguel. Êste, entretanto, com o devido respeito, fazia tolices graúdas, e a maior era perseguir os liberais a ferro e fogo. A fôrca estava sempre armada, as prisões sempre atulhadas, e os caceteiros não deixavam ninguém sossegado. Isto de fazer mártires é o diabo. Para a árvore da liberdade não há rega como o sangue dos seus filhos.

Ora, além disso, enquanto o govêrno francês se mostrava pouco amigo da liberdade, tinha D. Miguel as simpatias da França, mas depois da revolução de 1830 aconteceu o contrário. O govêrno de D. Miguel caíu na asneira de perseguir uns franceses. Daí resultou vir uma esquadra francesa ao Tejo e levar os navios que aí estavam. Ao mesmo tempo D. Pedro, que tivera os seus dares e tomares com os brasileiros, abdicou a coroa imperial do Brasil, e veio tomar o comando dos defensores de sua filha. Põe-se à frente dêles, que não eram muitos, eram 7.500, desembarca no Mindelo a 8 de Julho de 1832, mete-se no Pôrto, e aí resiste mais de um ano aos soldados de D. Miguel, que eram muito valentes, mas mal comandados. Envia ao Algarve em 1833 meia dúzia de gatos, debaixo das ordens do Conde de Vila Flor, já então duque da Terceira, numa pequena esquadra, que primeiro fôra comandada por um inglês chamado Sertorius, que ainda vive, e que o estava sendo por outro inglês chamado Napier. Êste desembarca o Duque da Terceira no Algarve, depois vai-se à esquadra miguelista e derrota-a no cabo de S. Vicente. O Duque da Terceira marcha sôbre Lisboa, bate na

Cova da Piedade os miguelistas, comandados pelo Teles Jordão, que tinha sido um tirano para os presos liberais, e que ali morreu, e entra em Lisboa no dia 24 de Julho de 1833. D. Pedro vem para Lisboa, que os miguelistas cercam. Êle e os seus dois marechais, Duques da Terceira e de Saldanha, obrigam os miguelistas a retirar para Santarém. Depois, o Duque de Saldanha por um lado bate os miguelistas em Almoster, o Duque da Terceira por outro bate-os na Asseiceira, e D. Miguel assina a 25 de Maio de 1834 a convenção de E'vora-Monte, pela qual o seu exército depunha as armas, e êle abandonava Portugal. Como se esperasse ùnicamente o fim da sua emprêsa para terminar também a sua vida, D. Pedro IV veio aqui morrer a Queluz no dia 24 de Setembro de 1834. Podem para aí pensar dêle o que quiserem, meus amigos, mas o homem que, tendo nascido no trono, passou a sua vida a rejeitar coroas, e a combater, como um soldado valente, pela liberdade dos povos, merece bem as três estátuas que no Pôrto, em Lisboa e Rio de Janeiro mostram que, ao menos depois da sua morte, não foram ingratos com êle os portugueses e os brasileiros.

Sucedia-lhe a senhora D. Maria II, que viveu bem pouco tempo, e teve uma vida bem atormentada. Logo em 1836 um partido, que queria mais liberdades que as da Carta, fêz a revolução de Setembro, e em 1838 veio uma nova constituïção. Contra êle se fazem muitas revoltas, até que, em Janeiro de 1842, Costa Cabral, depois conde de

Tomar, deita abaixo a Constituïção de 1838, e põe outra vez a Carta de pé. Governou êle muito tempo, mas, diga-se a verdade, um poucochinho à bruta. Daí vieram mais revoluções, e a maior de tôdas foi a da Maria da Fonte, em 1846, em que metade do reino obedecia à Junta do Pôrto, e a outra metade ao govêrno nomeado pela rainha. Batidos em Val-de-Passos, em Tôrres Vedras, e no Alto do Viso, os *patuleias*, como se chamavam os partidários da junta, são obrigados a depor as armas pelos inglêses e pelos espanhóis que mandaram uns uma esquadra, os outros um exército para restabelecerem aqui o sossêgo. Mas no fundo estava tudo em brasa, e quando, em 1851, o duque de Saldanha se levantou contra o Conde, hoje marquês de Tomar, foi tudo atrás dêle. Reüniram-se côrtes que introduziram umas mudanças na Carta, e daí por diante nunca mais houve revoltas de consideração. Pegaram os governos a fazer estradas e caminhos de ferro, e lá de partidos é que eu não entendo. Em 1858 morria a senhora D. Maria II, considerada por todos como uma santa senhora, e uma santa mãi, e sucedeu-lhe seu filho, o senhor D. Pedro V, sendo regente nos primeiros dois anos o senhor D. Fernando, que vocês todos conhecem. O Sr. D. Pedro V era uma jóia, como sabem. Quando em 1857 veio a febre amarela a Lisboa, andou êle pelos hospitais, a consolar os doentes e a dar coragem e exemplo a todos. Também, quando em 1859 morreu a boa rainha D. Estefânia, sua mulher, não houve português que a não chorasse

com êle, e quando em 1861 morreu êle também quási de-repente, com os seus dois irmãos, o senhor D. Fernando e o senhor D. João, a dor do povo foi tamanha, que chegou a haver tumultos, porque até se desconfiava que aquilo não fôsse natural. Subiu ao trono o senhor D. Luiz, que hoje reina, e aqui portanto acaba a história. Sempre direi, contudo, que não são muitos os países por êsse mundo onde os povos ainda hoje chorem pelos reis, e que isso vem de serem os nossos tão amigos da liberdade como são e têm sido, graças a Deus. E aqui, meus amigos, acabo a minha tarefa. O que desejo, rapazes, é que vocês achem que não os maçou muito o pobre do João da Agualva, e que entendam que empregaram melhor o seu tempo a ouvir as minhas histórias, do que a beber decilitros na taberna do Funileiro.

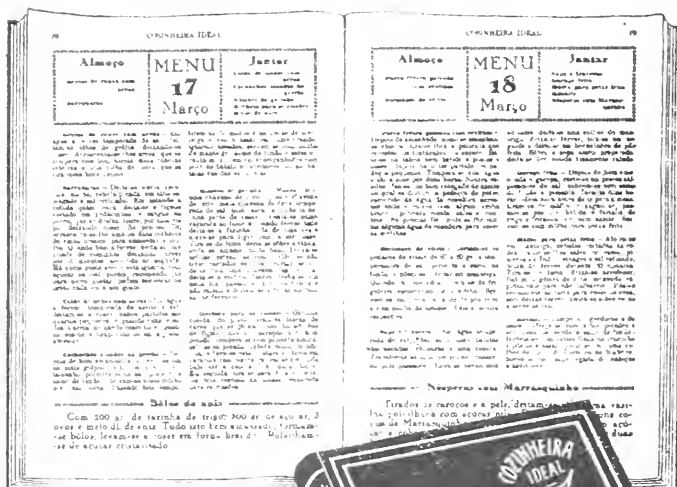
ÍNDICE

ÍNDICE

O melhor e únic

livro de culinári

Por ALDA DE AZEVEDO

Completo com menús diário

1 vol. encad. com 384 págs. 20$